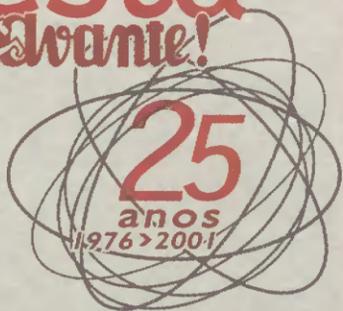


festa
Avante!



Só faltam duas semanas para a Festa

Teatro

«Não há ladrão que não venha por bem», de Dario Fo, pela Companhia de Teatro de Sintra, e «Alimária», do Grupo Pau Preto, são destaques da programação.

Desporto

Modalidades para todos os gostos, para ver e praticar, continua a ser aposta forte do programa desportivo da Festa, onde ocupa lugar de destaque a Corrida no domingo.

Livros

O pavilhão do livro, com os seus lançamentos e sessões de autógrafos, é um lugar de passagem obrigatória para quem gosta de livros. A oferta é variada.

Juventude

Uma multiplicidade de propostas culturais e de intervenção política vai marcar o espaço da Juventude, onde actuam jovens bandas de todo o país no palco dos «Novos Valores».



Págs. 11 a 22



Festival Mundial da Juventude em Argel

Globalizar a resistênciã

Mais de seis mil jovens de 140 países reuniram-se em Argel, no XV Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, sob o lema «Globalizemos a luta pela Paz, a solidariedade, o desenvolvimento, contra o imperialismo». Margarida Botelho e Joel Vasconcelos, membros da delegação portuguesa, falam ao Avante! à chegada a Lisboa.

Págs. 5 e 6

Declaração de António Abreu

Reduções orçamentais

As restrições orçamentais foram objecto de uma declaração de António Abreu, da Comissão Política, que alertou para a ameaça que paira sobre o funcionamento das universidades.

Pág. 8

Savimbi criminoso de guerra

Angola apela à ONU

O governo angolano apelou ao Secretário-geral da ONU, Kofi Anan, para que desencadeie processo com vista a levar Savimbi a responder perante um tribunal internacional por crimes de guerra.

Pág. 23

As contas da CGTP-IN

Por aumentos justos

Os aumentos salariais negociados durante os primeiros sete meses do ano em curso têm sido insuficientes, afirma a CGTP-IN, que continuará a bater-se por aumentos justos.

Pág. 32

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



A CDU de Loures acusa em comunicado o PS de estar a utilizar boletins institucionais para fazer propaganda partidária

Resumo

14
Terça-feira

Os dirigentes da Federação Académica do Porto e da Associação Académica de Coimbra recusam um aumento das propinas para colmatar as dificuldades financeiras das universidades ● O movimento de contestação à construção do aterro sanitário do Oeste, no Cadaval, pede a intervenção de Jorge Sampaio junto da Procuradoria-Geral da República para «repor a legalidade» neste processo ● A nova lei eleitoral autárquica é publicada em Diário da República, abrindo a possibilidade aos independentes de se candidarem às próximas eleições autárquicas ● O Exército Republicano Irlandês retira a sua última oferta de desarmamento, fazendo voltar à «estaca zero» o processo de paz no Ulster.

15
Quarta-feira

Abaixo-assinado «CDU - Todos pelo metro», reivindicando a extensão do metropolitano até Sacavém e Loures, recolhe mais de seis mil assinaturas ● A Opel anuncia o despedimento de milhares de trabalhadores ● O conselho da NATO reúne-se em Bruxelas para definir a sua força de intervenção na Macedónia ● O suíço Fabian Jeker vence a 63.ª Volta a Portugal em bicicleta.

16
Quinta-feira

O Governo decide marcar as eleições autárquicas para 16 de Dezembro ● Os estudantes do ensino superior ameaçam voltar aos protestos depois do anúncio de um corte orçamental de cerca de seis milhões de contos no sector ● A nova presidente da Indonésia, Megawati Sukarnoputri, apela à reforma das Forças Armadas e denuncia a corrupção endémica no país ● Cinco palestinianos são feridos quando um tanque israelita dispara um obus contra uma barreira policial na Cisjordânia.

17
Sexta-feira

A CDU de Loures acusa em comunicado o PS de estar a utilizar boletins institucionais para fazer propaganda partidária ● Os trabalhadores da empresa que assegura os serviços de limpeza no Hospital São Francisco Xavier terminam uma greve de 48 horas que, segundo o sindicato, registou uma adesão total ● O ministro britânico para a Irlanda do Norte, John Reid, apresenta em Belfast um plano com novas propostas sobre a reforma da polícia da província, que contempla a redução do número dos agentes.

18
Sábado

A CDU de Odivelas acusa o Ministério do Equipamento Social de não efectuar obras na EN250 ● Um activista palestiniano é assassinado durante uma incursão israelita num campo de refugiados em Gaza ● Manifestantes nacionalistas macedónios manifestam-se contra a intervenção da Aliança Atlântica na Macedónia ● Milhares de pessoas participam em Luanda numa manifestação de repúdio pelo ataque da UNITA contra um comboio de passageiros da província do Cuanza, que provocou a morte a mais de 250 pessoas.

19
Domingo

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Administrações e Juntas Portuárias anuncia que vai apresentar uma queixa-crime contra o Ministério da Defesa Nacional e o Instituto de Socorros a Náufragos por incumprimento das normas marítimas ● A guerrilha albanesa da Macedónia reitera a intenção de entregar as suas armas à NATO ● Sihem Bensedrin, jornalista e activista tunisina dos direitos humanos, é alvo de uma agressão policial no seu país.

20
Segunda-feira

O Sindicato dos Enfermeiros promove uma concentração em frente ao Hospital de Santo António, no Porto, contra despedimentos ● Cerca de duzentas pessoas manifestam-se em Grândola junto à linha ferroviária do Sul em protesto contra as obras da REFER na região ● Israel manifesta-se contra a reunião do conselho de segurança da ONU, convocada por iniciativa dos palestinianos e dos países árabes para discutir a situação no Médio Oriente.

21
Terça-feira

Os sindicatos do pessoal de terra da TAP entregam cartas ao Presidente da República e ao primeiro-ministro a explicar os motivos do impasse negocial na empresa ● A Junta de Freguesia de Souselas manifesta «profundo repúdio perante a dualidade de critérios» do Governo português, que acusa de «promover uma política dentro do País e outra a nível internacional» relativamente à co-incineração ● O Conselho Atlântico reúne-se em Bruxelas para avaliar a situação na Macedónia ● Os separatistas tameses atacam um posto de polícia de Central Camp, fazendo 22 mortos e cerca de 27 feridos.

Aconteceu

Xanana com Carrascalão

A presença do dirigente histórico da resistência timorense, Xanana Gusmão, num comício do PSD de Timor, liderado por Mário Carrascalão, na semana passada, já foi entendida como um apoio implícito ao partido que mais fortemente se apresenta como rival da Fretilin nas eleições do próximo dia 30 de Agosto.



Xanana Gusmão, que apareceu inesperadamente no comício do PSD em Baucau, terá explicado que a sua presença se deveu a um «mero acaso». «Passei, vi que havia um comício e resolvi ver. Senti curiosidade», disse ao *Diário de Notícias*, cujo repórter revela ainda a efusão com que ele foi ali recebido pelas cerca de trezentas pessoas presentes e a sua aceitação de se deixar ver com um chapéu cor de laranja. Tendo seguido com atenção o comício, Xanana despediu-se declarando que gostara do que ali ouvira. Por seu lado, Mário Carrascalão asseverou que Xanana vai ser, «com certeza, o próximo presidente da república, com 100 por cento dos votos».

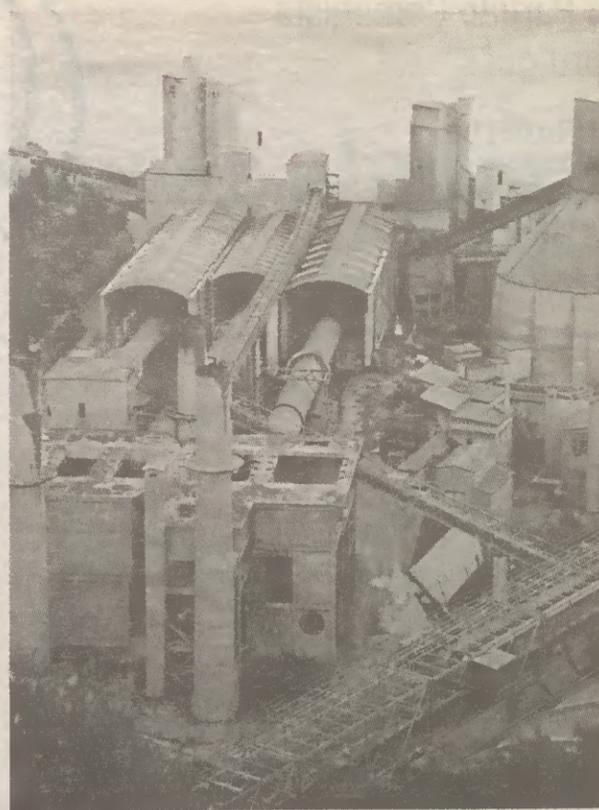


Sai mas fica... na SIC

O Expresso, jornal de Balsemão, dá a notícia em primeira mão sobre as «mexidas na direcção da SIC» de Balsemão. E anuncia que Rangel sai mas... fica. «Na sequência de uma reestruturação interna promovida esta semana por Francisco Balsemão», diz a notícia, Emídio Rangel deixa de ser o director de informação e programas da TV de Carnaxide. Mas não se regozijem os que não gostam da «direcção» de Rangel nas coisas televisivas; nem os seus calorosos apoiantes têm razão de lamentar-se. Emídio Rangel «continuará a exercer funções de coordenação e supervisão em toda a área de conteúdos das empresas ou centros de custos dominados pela SIC», garante o comunicado da Comissão Executiva daquela empresa. Portanto, no que toca a conteúdos, eles vão continuar a ser avaliados em termos de custos. Para os telespectadores. Quanto a Rangel, da SIC de Balsemão, não foi encontrado pelo Expresso de Balsemão para se pronunciar sobre o assunto.

A Volta terminou!

A Volta a Portugal em bicicleta terminou muito discretamente, com a vitória de um suíço, que representava um clube português e uma marca italiana. Ainda assim, nesta globalizada Volta em que à partida os portugueses eram minoritários, salvou-se a honra da casa com uma equipa portuguesa à frente da classificação, por obra e graça dos talentos e das pernas de um suíço. Fabian Jeker alcançou o primeiro lugar, seguido de Andrei Zintchenko e de Juan Mercado. Na classificação geral, os portugueses começam a aparecer na escala a partir do quarto lugar, com Vítor Gamito, seguindo-se-lhe Joaquim Gomes, Rui Sousa e Nuno Alves.



Co-incineração e convenções

Afinal o Governo português está contra a co-incineração? É o que poderá depreender-se da convenção internacional assinada por Portugal, há cerca de dois meses, na Conferência de Estocolmo. Um documento que inclui nas actividades industriais susceptíveis de libertar toxinas para o ambiente, precisamente a co-incineração que o ministro Sócrates tem vindo desperada-

mente a defender para o nosso país. A co-incineração de resíduos industriais perigosos nas cimenteiras é expressamente referida no texto, o que leva a duas leituras possíveis da atitude do Governo de Guterres - ou se preparava para iludir os portugueses ou para iludir os seus parceiros. O «esclarecimento» de José Sócrates, de que a posição portuguesa não é contrária à Convenção

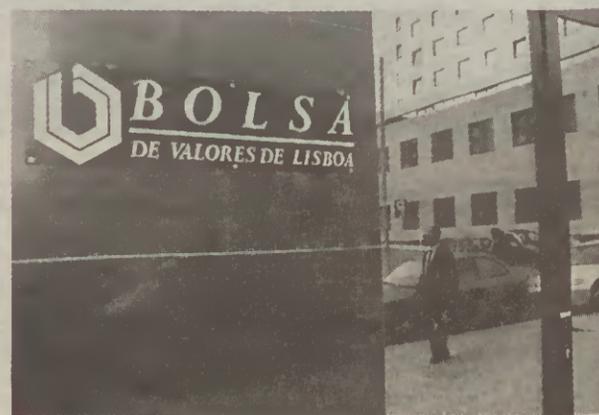
de Estocolmo, é que não ilude ninguém. O ministro, que parte em campanha contra o jornal Público, que revelou a notícia, considera um «disparate» a acusação de pretender contrariar a Convenção, uma vez que esta «apenas define orientações para que os países signatários possam adoptar limites de emissão de dioxinas e furanos provenientes de diversas actividades humanas».

«Abrandamento» e «estagnação»

Enquanto o Governo se esforça por tapar os buracos orçamentais não apenas com cortes na despesa pública mas já também ao nível dos investimentos, e se verifica um crescimento das receitas fiscais abaixo da inflação, outras notícias preocupantes afloram dando conta do mau estado da economia portuguesa - a procura interna, o consumo e o investimento «desaceleraram», conforme dizem eufemisticamente os especia-

listas. O PIB, segundo o relatório do Banco de Portugal, abrandou, tendo sido o do segundo trimestre de 2001 «claramente inferior» ao do mesmo período do ano passado. Entretanto, o Governo deixa de fazer previsões sobre a economia, ficando-se o ministro das Finanças por vagas declarações sobre uma próxima «reanimação». O Governo de Guterres passa a ser o único na União Europeia que não faz previ-

sões sobre o crescimento da inflação. Para não assustar? Mas não é só em Portugal que as coisas correm mal. Nas bolsas europeias, a queda é generalizada, reflexo, diz-se, das recomendações em baixa sobre empresas norte-americanas. E na poderosa Alemanha é o próprio banco central que admite uma «estagnação», reconhecendo ter-se entrado «num período difícil no crescimento da UE».



Crónica Internacional

• Ângelo Alves

Timor vencerá!!!

30 de Agosto de 2001 será uma data histórica para Timor. Pela primeira vez o povo timorense irá escolher os seus representantes elegendo a Assembleia Constituinte de Timor-Leste.

Em 30 Agosto de 1999 o povo timorense, culminando anos e anos de duras batalhas deixou claro a todo o mundo que queria tomar nas suas mãos os seus destinos e os destinos do seu país. Foi o referendo sobre o estatuto de Timor. Agora, após quatro séculos de colonialismo português, 24 anos de ocupação indonésia e dois de administração do território pela ONU, chega finalmente o momento dos timorenses tomarem nas próprias mãos a condução do seu país.

As eleições sucedem-se a um "período de transição" particularmente complexo e controverso. O descontentamento com os resultados da administração transitória do território (UNTAET) é visível. Timor continua a ser um país em que 70% da população

não tem emprego, em que as infra-estruturas essenciais (portos, aeroportos, estradas, edifícios públicos) se encontram no mesmo estado em que estavam depois da destruição levada a cabo pelos indonésios, em que o comércio sobrevive à custa dos dólares das Organizações Não Governamentais, em que a produção agrícola nos campos não chega às principais cidades, em que a pesca continua a ser essencialmente artesanal e em que as desigualdades sociais, sobretudo nas principais cidades, se fazem sentir entre timorenses e assumem dimensões abismais se tivermos em conta o nível de vida dos estrangeiros instalados no território. Em Dili a dura realidade de cidadãos desempregados que não têm um tecto para dormir coexiste com restaurantes luxuosos com preços pura e simplesmente inatingíveis para um cidadão timorense comum. Notícias sobre toxicidade, prostituição, mendicância começam a circular.

Chega finalmente o momento de os timorenses tomarem nas próprias mãos a condução do seu país

Estes são alguns dos problemas que um governo legítimo de timorenses terá que enfrentar, as tarefas que lhe estão colocadas são de extrema dificuldade e exigem coragem semelhante à que levou à vitória da luta pela independência. Algumas vezes levantam-se interrogando se este povo tem condições para assumir integralmente a administração do seu país,

argumentando com a situação económica, política e social. Tais vozes, ou desconhecem a fibra e a capacidade de luta, resistência e mobilização do povo timorense ou escondem por detrás de tais palavras objectivos paternalistas e neo-colonialistas nada sérios. Os problemas existentes só poderão ser resolvidos com a participação efectiva dos timorenses na condução das transformações necessárias para um futuro de estabilidade, paz, prosperidade e justiça social.

Por isso estas eleições são tão importantes, e por isso será ainda mais importante respeitar e assegurar a continuidade da nova fase que com elas se inicia, garantindo que a vontade dos timorenses é respeitada e combatendo pressões e ingerências que instrumentalizando os valores da solidariedade mais não pretendem que condicionar (e mesmo recolonizar) a soberania do novo país independente.

16 Partidos concorrem às eleições. A maioria destes nasceu depois de 1999, outros foram no passado os interlocutores dos indonésios no território e outros, no exílio, oscilaram entre várias posições consoante a situação no território. A FRETILIN organização histórica da resistência timorense apresenta-se também a sufrágio sendo reconhecida por todos como o partido que certamente vencerá as eleições com uma confortável maioria. Para os mais atentos tal não constituirá surpresa. O facto de a FRETILIN ter organizado e dirigido a resistência timorense e ter, sempre, estado lado a lado com o povo que resistia faz com que o lema "A FRETILIN é o Povo, o Povo é a FRETILIN" seja de uma realidade impressionante.

Entretanto, as notícias que nos chegam em vésperas de eleições levantam sérias preocupações. São nítidas as manobras de diversão, de pressão política sobre o eleitorado e as tentativas de criar situações e forjar argumentos que posteriormente poderiam ser invocados para pôr em causa a previsível vitória da FRETILIN e a concretização do processo de verdadeira soberania do povo timorense. Confiamos que este povo, que já deu lições ao mundo, saberá mais uma vez dar a resposta adequada. Pela nossa parte continuaremos, como sempre, solidários com a sua luta libertadora.

Editorial

OU O TERRORISMO?

O brutal atentado terrorista levado a cabo pela UNITA em Zenza do Itombe, a 120 quilómetros de Luanda, constitui um acto exemplificador dos métodos e práticas do bando de assassinos chefiado por Jonas Savimbi. Mais de 250 mortos, civis, e um número elevado de feridos, civis: eis as primeiras e mais dramáticas consequências da criminosa acção terrorista. «A comunidade internacional», neste caso representada pelo Conselho de Segurança da ONU, condenou «severamente» a selvajaria e reafirmou o apoio às sanções há oito anos impostas à UNITA, sublinhando que no caso do ataque ao comboio, tal «como nos ataques precedentes, a UNITA visou deliberadamente alvos civis». As repercussões desta condenação foram, no entanto, quase nulas, pelo menos no que a Portugal diz respeito. Não é em vão que a UNITA dispõe, em Portugal, de uma vasta rede de apoiantes e aliados, visível nas posições amigas amiúde assumidas por alguns políticos (democratíssimos, todos) e na forma como certos órgãos da comunicação social dominante (democraticíssimos, todos) a acarinham, defendem e elogiam; para além disso, o bando de Savimbi tem um representante em Portugal, uma espécie de embaixador que aqui propagandeia, enaltece e sublima os crimes cometi-

do. Tudo isto, repita-se, com, no mínimo, a complacência da generalidade da comunicação social portuguesa.

Aqui fica um exemplo – um tirado ao acaso de entre vários – do tratamento dado ao ataque terrorista que ceifou 255 vidas. O matutino que tomamos como referência, abordou a questão, pela primeira vez, no dia 12 de Julho: «Explosão de mina faz mais de 100 mortos em Angola» – e informa que após a explosão, o comboio «foi atacado por um grupo de homens armados que dispararam indiscriminadamente contra os passageiros». Sobre as responsabilidades da explosão e a origem dos «homens armados», nem uma palavra, nem uma conjectura – isto num jornal onde conjecturar sobre o que lhe interessa combater, é o pão dele de cada dia.

Na segunda abordagem da questão, o matutino fornece-nos a credenciada opinião de um alto responsável da UNITA: diz ele que a explosão do comboio só confirma «o perigo que continua a ser, hoje em dia, circular pelo território de Angola», pelo que «antes do fim da 2002 não há condições para se realizarem eleições». No dia seguinte, ficamos a saber que «UNITA reivindica o atentado». Mais um dia e é-nos dito que «A igreja angolana oferece-se para mediar entre Governo e UNITA» e que «o balanço do atentado já ultrapassa os 150 mortos». No dia seguinte, não há notícias. No que se lhe segue, é dada a palavra ao «vice-presidente da UNITA», repetindo o que este havia dito à *Voz da América*, ou seja, a defesa das razões do ataque que matou 255 pessoas. Desde aí, o assunto parece ter-se esgotado. Importa sublinhar que as notícias sobre a chacina foram-nos sempre servidas de forma muito, muito discreta, muito, muito contida: as poucas vezes que tiveram honras de primeira página, apareceram-nos sempre afogadas em espectaculares acontecimentos: o 40.º aniversário do muro de Berlim, o 75.º aniversário de Fidel Castro e outros do género, tratados no jeito usual da nova ordem comunicacional. Importa sublinhar ainda que, em todas estas «notícias», não há uma palavra de distanciamento, de crítica e, muito menos, de condenação do assassinato das 255 pessoas.

Nada do que aqui fica escrito é novidade, tudo acontece todos os dias, visível à vista desarmada por quem não queira ser cego e rejeite a areia que todos os dias lhe atiram para os olhos: quer no que respeita à prática terrorista e criminosa da UNITA quer no que toca às sistemáticas e diversificadas posturas de cumplicidades e apoios a essas práticas. É mister, no entanto, repeti-lo: em memória das 255 pessoas barbaramente assassinadas, em nome da democracia, da liberdade, dos direitos humanos. E é necessário sublinhar a farsa, ou seja: a aceitação passiva, senão o apoio de facto, do crime, da barbárie, da selvajaria, vinda de um jornal dito «de referência», que a si próprio se considera sentinela vigilante da «liberdade», da «democracia», dos «direitos humanos», do «sufrágio universal» – e da síntese de tudo isso, que é a «economia de mercado»... Ou o terrorismo?

“Em nome da democracia, da liberdade, dos direitos humanos”

dos pelos assassinos que representa – por exemplo, sobre a chacina de Zenza Itombe, considera ele, e disse-o publicamente, que «as condenações do ataque não se justificam» e que «o problema não é o ataque, que não traz nada de novo, mas sim a continuação da guerra».

É verdade que o assassinato de 255 pessoas «não traz nada de novo» às práticas criminosas da UNITA, mas é preocupante, embora não surpreenda, que tais afirmações sejam reproduzidas na imprensa portuguesa sem uma crítica, sem uma observação, sem um comentário.

A opção criminosa e terrorista da UNITA tem tantos anos como os da existência dessa organização de malfeitores: antes da independência de Angola, ao lado e ao serviço do fascismo colonialista; depois da independência, ao lado e ao serviço dos neo-colonialistas de vários matizes, da destruição e do crime terrorista. Derrotada em eleições, não aceita os resultados e continua a prática terrorista; manda às urtigas conclusões saídas do diálogo (para o qual, reconheça-se, só foi porque a isso a obrigaram as realidades) e continua a prática terrorista; encurralada pelas forças governamentais, finge mostrar-se de novo aberta ao diálogo, e continua a prática terrorista, desta vez ceifando a vida de 255

Actual

O velho e o novo

● José Casanova

«Quando os moscovitas saíam à rua para, com as mãos nuas, fazerem frente aos tanques dos golpistas, estavam a acordar para um sonho: o de um país novo, livre, de onde desaparecessem as longas filas para comprar bens essenciais e a vontade do povo fosse respeitada»: quem assim fala, ou escreve, é José Manuel Fernandes. No *Público*: daí ter-se ele apressado a sublinhar a característica essencial desse sonhado «país novo», «Um país onde, também, os melhores e os mais industriais pudessem progredir» – pudera!, se àqueles que a Providência Divina concede a graça de serem «os melhores» e os «mais industriais», não fossem dadas possibilidades de «progredir», como é que havia *Público's* e etc.?

Após a citada providência cautelar, JMF procede ao balanço dos dez anos entretanto passados e conclui, triunfante, que, apesar de aquilo estar quase tudo numa desgraça, ou talvez por isso, está tudo bem, tão bem que, garante-nos – certamente carregado de provas – «a maioria dos russos – e

dos povos das antigas repúblicas soviéticas – quando perguntados, continuam a achar que valeu a pena» (há-de ter-lhe escapado este continuam já que, assim utilizado, confere visível efemeridade ao «valeu a pena» que o acompanha).

Não chega o espaço desta crónica para desbaratar o texto de JMF dos mil insectos que o percorrem e lhe exibem a condição de gémeo de mil outros textos decorados, daqueles em que basta carregar na tecla e sai chouriço.

Dizendo que os soviéticos começaram a construir um país novo e o deixaram, depois, envelhecer, e o empurraram, a seguir, para o caminho velho da exploração e da opressão, está dito o mais importante, tendo em conta a dimensão deste escrito. Que esse caminho os conduziu ao país sonhado por JMF, é uma evidência;

concluir-se, como faz JMF, que esse é um «país novo» é, no mínimo, uma coisa feita e, no máximo, uma coisa ainda mais feita – tão feita que nem se pode escrever.

Alguém conhece coisa mais velha do que o «país novo» de JMF?; alguém conhece coisa mais velha do que a exploração do homem pelo homem?; alguém conhece coisa mais velha do que o modelo de país assente no princípio de que «os melhores e os mais industriais» têm que ter condições para «progredir»?

«Fui vencido. E, comigo, o sonho de um país novo»: se não foram estas, não hão-de ter sido muito diferentes as últimas palavras de Espártaco, derrotado e morto pelos «melhores» e pelos «mais industriais» do seu tempo. Há dois mil e setenta e dois anos.



O (mau) cheiro dos «off shores»

● Carlos Gonçalves

«Pecunia non olet» – o dinheiro não tem cheiro, dizia uma expressão latina. Mas não parece que assim seja. Quando é muito o dinheiro tresanda cada átomo do tecido social e político. Pelo menos é o que parece quando se repara nos *off shores* e nas implicações da sua influência crescente, global e caseira, neste sexto ano quase findo do consulado de Guterres e dos seus incontáveis ministros.

Apenas dois exemplos. Em 30.07 dizia o *Diário de Notícias*: «off shores apagam IRC» e explicava que a administração fiscal concluíra (finalmente!) que o crescimento exponencial de «empresas tabuleta» e transacções financeiras nos paraísos fiscais era causa da hemorragia fiscal no IRC. Em 14.08 o mesmo jornal escrevia: «banco off shore da Madeira é o 4.º maior» e explicava que, em 2000, o Madesant, um simples escritório do Banco Santander que funciona como sede dos respectivos valores mobiliários, geriu nominalmente negócios que valeram 46,4 milhões de contos de lucro.

Os paraísos fiscais, nesta fase globalitária e de hipertrofia financeira do capitalismo, funcionam como pulmão do sistema. Aí se repercutem e confundem os lucros da economia de casino, da fuga ao fisco e de todas as actividades criminosas e se processam, em tempo real e à escala planetária, as grandes operações de branqueamento de capitais.



Do ponto de vista dos oligopólios, é nos paraísos fiscais que deve estar sedeada a propriedade, para que nenhuma riqueza, exploração, especulação ou crime económico seja sujeito a taxaço fiscal ou a controlo democrático.

Do ponto de vista dos trabalhadores e da democracia, levantando a bandeira do desmantelamento dos *off shores*, é imperioso prevenir a criminalização da economia e assegurar a justiça fiscal.

A reforma fiscal, que por pressão e iniciativa do PCP foi aprovada em Dezembro, comporta nesta matéria um avanço mínimo, limitando timidamente, se for implementada, certas operações ilegítimas de fuga ao fisco no *off shore* da Madeira, que contribuem para os enormes lucros da banca – cerca de 550 milhões de contos em 2000 – e para lhe reduzir os impostos a uma criminosa taxa efectiva de 12,6% (!).

Mas hoje vive-se a ofensiva pestilenta da contra reforma fiscal. Já caíram ou estão para cair a taxaço de mais valias mobiliárias e as reformas do imposto sobre o património imobiliário e do imposto automóvel. Os senhores do dinheiro exigem que não se toque no *off shore* da Madeira, na fuga ao fisco e no «sagrado direito» de serem cada vez mais ricos.

E tresanda o fedor dos *off shores*, do poder do muito dinheiro e dum Governo que apodrece.

Comunicação

● Leandro Martins

O Governo de Guterres e o próprio Primeiro-Ministro parecem ter encontrado a raiz de todos os seus problemas. O que nos faz lembrar as queixas de um outro Primeiro, de seu nome Cavaco e de má memória. Quando toda a gente passou a apertar com ele e embora quem mais apertasse não fossem os jornais mas os trabalhadores e mesmo os seus eleitores das vésperas – o homem queixava-se da comunicação social e lançava um dramático apelo: «Deixem-me trabalhar!» Respondeu-lhe um buzirão que se repercutiu desde o Tejo a todo o País. A comunicação social dominante, isto é, aquela dominada pelos interesses económicos que Cavaco servira, passou



também, a mando dos mesmos interesses que viram que uma alternância lhes poderia ser favorável, a alinhar com o descontentamento geral. Hoje, apertado por todos os lados – mesmo do lado de dentro – e já com os monopolistas dispostos a apostar noutro cavalo (salvo seja o bicho), Guterres queixa-se também de que não o compreendem e apela para o deixarem em paz mais à sua família.

Os ministros – os que restam de sucessivas remodelações e ajeitamentos – seguem-lhe na pegada. Como o ministro Capoulas, que vai para os jornais lamentar a falta de atenção da comunicação social às suas boas obras a favor da agricultura portuguesa. No pri-

meiro dia de uma jornada de dois meses – a moda está a pegar em tempo de eleições próximas – em que promete dar a volta ao País, Capoulas afirmou, do fundo do Vale da Vilariça, distrito de Bragança, que nem tudo vai mal no sector agrícola. E desmentiu, segundo os jornais «o quadro de miserabilismo e contestação que é geralmente e injustamente associado» ao sector. «Hoje», disse, «se estivesse aqui qualquer manifestação de agricultores a chamarem nomes ao ministro da Agricultura, estariam aqui todos os canais da televisão.» E desabafou que «só no dia em que decidir plantar couves no último andar da Torre Eiffel» é que lhe vão dar atenção.

A ideia é ótima. Poderia tentar mesmo plantar batatas. Mas, já que a agricultura não é o seu forte, por que não pentear macacos?

Frases

“Quem será a duquesa de Cadaval? D. Duarte decidirá.”

(Título do *Expresso*, 18.08.01)

“Não sei o que se passa nos hospitais.”

(Correia de Campos, ministro da Saúde em entrevista do *Diário de Notícias*, 16.08.01)

“Vou dedicar um dia inteiro de visita aos hospitais que têm orçamentos acima dos 25 milhões de contos.”

(Idem, ibidem)

“Não estejam à espera de milagres num ano.”

(Idem, ibidem)

“A responsabilidade histórica dos líderes israelitas e da política externa norte-americana que integralmente condiciona é terem dado expressão militar a um conflito entre povos, gerado inevitavelmente a partir do momento em que se forjou e se segue uma pura e simples política de ocupação territorial e expulsão da população local.”

(Ruben de Carvalho, in *Diário de Notícias*, 17.08.01)

“Ariel Sharon tem todas as responsabilidades e o inteiro papel de um suicida. Com a diferença que tem a força do seu lado e as mortes que provoca não são a sua.”

(Idem, ibidem)

“Israel propõe matar famílias de kamikazes.”

(Título do *Diário de Notícias*, 20.08.01)

“A globalização, ao impor de novo o primado do económico sobre o político, cuja manifestação mais flagrante é o desmantelamento gradual do chamado welfare state, fez regredir a democracia ao nível oligárquico e clientelar em que os regimes liberais se encontravam em 1914!”

(Manuel Villaverde Cabral, in *Diário de Notícias*, 16.08.01)

“A festa em Belgrado, como se vê, não está a ser nada bonita. E muito menos limpa. O senhor Djinjic é o mesmo que vendeu Milosevic por um punhado de dólares ao Tribunal Penal Internacional, contra uma decisão do Supremo Tribunal de Justiça e do próprio presidente Kostunica.”

(António Ribeiro Ferreira, em editorial do *Diário de Notícias*, 20.08.01)

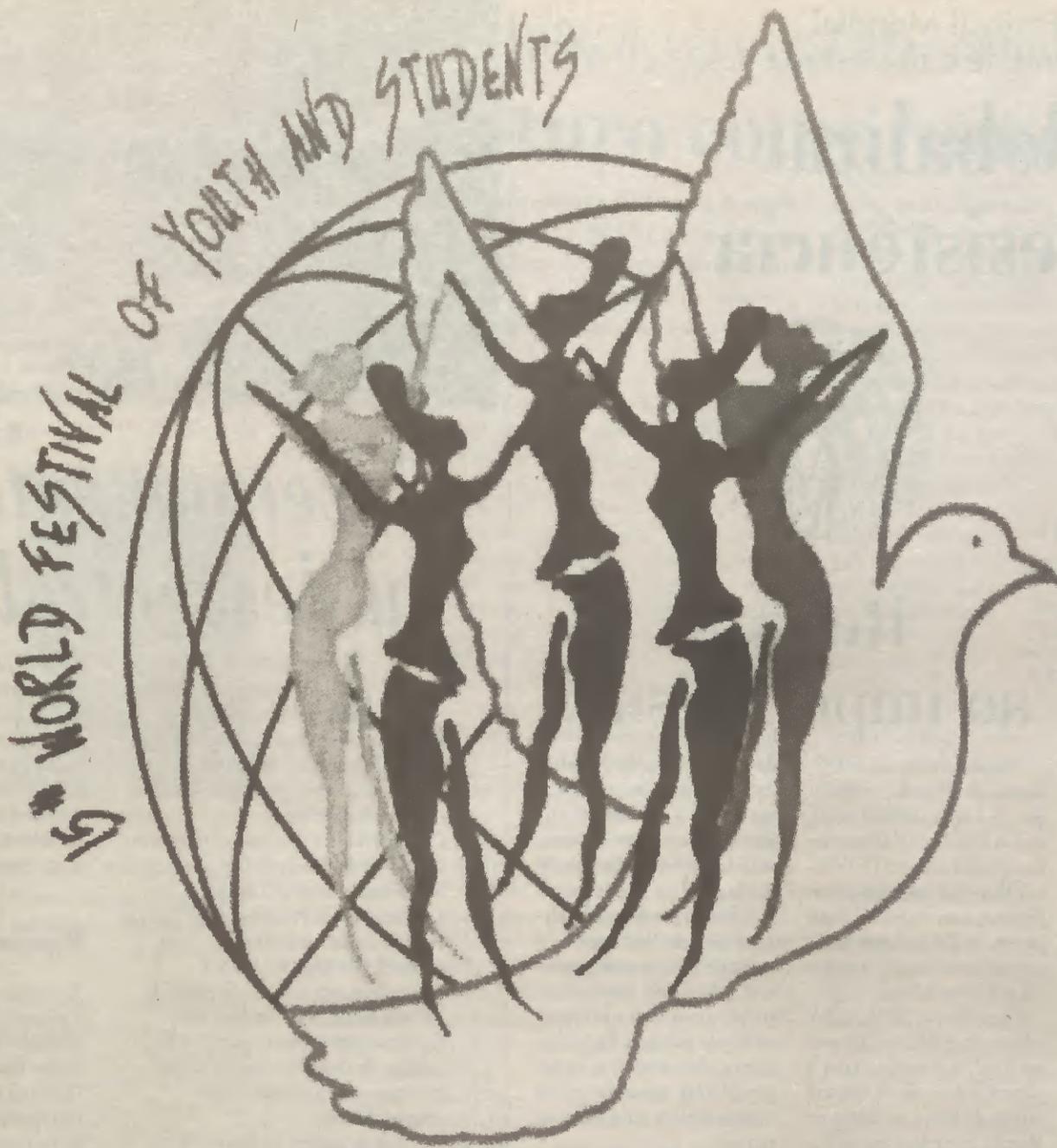
“Como se vê, os amigos do Ocidente nos Balcãs são todos dignos de figurarem numa galeria de horrores. De um lado, no Kosovo e na Macedónia, os terroristas do UCK. Do outro, os Djinjic, que agora estão sob suspeita de corrupção, de ligações ao crime organizado e assassinio de quem os ousa denunciar.”

(Idem, ibidem)

“Penso que, no TPI, ninguém acredita num processo isento. Em Haia, os sérvios, como povo, deverão ser condenados por terem lutado pela sua independência e por serem fiéis à sua justiça.”

(Mira Markovic, mulher de Milosevic, em entrevista *DN/Der Spiegel*, 20.08.01)

Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes reafirma carácter anti-imperialista do movimento juvenil

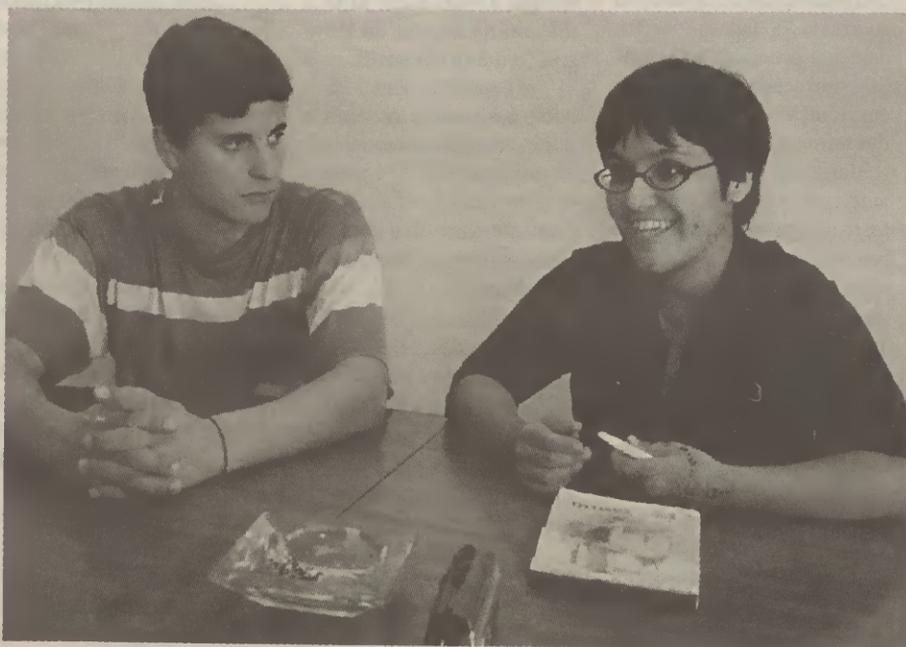


Cuba deu a oportunidade a pequenos países de estarem presentes

Globalizar a resistência

Realizado em Argel, entre 8 e 16 de Agosto, a XV edição do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes – com o lema «Globalizemos a luta pela Paz, a solidariedade, o desenvolvimento, contra o imperialismo» – reuniu mais de seis mil jovens de 140 países, que julgaram os crimes cometidos pelo imperialismo em todo o mundo e traçaram um novo rumo para a Humanidade. O Avante! conversou com dois membros da delegação portuguesa, Margarida Botelho e Joel Vasconcelos, ambos da JCP, que destacaram a importância do evento como pólo de resistência ao imperialismo.

● Gustavo Carneiro texto
● Jorge Caria fotos



Margarida Botelho e Joel Vasconcelos

«A solidariedade é com o povo»

Uma das questões mais controversas nesta edição do Festival prendeu-se com a sua realização na Argélia, que enfrenta uma grave crise política e social. Sobre isto, a dirigente comunista lembra que, «quando foi decidida a realização do Festival na Argélia, em Janeiro de 2000, a situação interna do País era radicalmente diferente». Actualmente, a situação no país prende-se «por um lado com questões sociais – alta taxa de desemprego e a existência de muitos jovens, que são quase 80 por cento da população,

desocupados – e, por outro com as contradições do imperialismo no seu interior». A Argélia é um país rico em recursos naturais e, portanto, «há uma série de interesses que se jogam e depois há um governo, que embora ainda mantenha algumas conquistas que vêm da guerra de libertação nacional – educação e saúde absolutamente gratuitas – tem outras facetas, a das privatizações, das cedências ao imperialismo no que respeita às riquezas naturais, do recuo dos direitos...».

«Isto tem impacto na prepa-

ração do Festival na medida em que a situação actual permite que diferentes organizações façam diferentes leituras do Festival», assinala a dirigente da JCP, que afirma que, em pleno processo de luta, «não nos parece ser possível exigir aos jovens argelinos que compreendam os objectivos do Festival na sua profundidade». Pesando isto tudo, «e a sua opinião, continuámos a achar que valia a pena realizá-lo, procurando combater qualquer tentativa que pudessem haver de aproveitamento político», como sucedeu no

final do Festival, com a realização de duas sessões de encerramento: uma pública, com um concerto, na rua; e uma outra, com a reunião do presidente Boutellika com os responsáveis de cada delegação. Nesta última, «muitas delegações, de várias regiões decidiram não estar presentes, por considerarem que o encerramento de um Festival desta natureza é público e não em privado com o presidente do país. A delegação portuguesa foi uma das que decidiu não participar», relataram os dois participantes.

«A JCP partiu para Argel fiel ao princípio de que a nossa solidariedade é prestada ao povo argelino e a uma luta gloriosa por si travada, quer na altura da libertação do jugo do colonialismo francês quer na resistência ao imperialismo que foi conseguindo fazer. Sendo este o Festival do movimento juvenil, não tinha que prestar qualquer apoio a governos. Há outras organizações que entenderam de forma diferente, o que nós temos que respeitar, mas não pensamos assim», rematou Margarida.

Englobando uma delegação de 22 jovens de várias organizações, Margarida Botelho e Joel Vasconcelos consideraram cumpridos os principais objectivos a que se propunha a organização do Festival, principalmente o de dar continuidade ao movimento dos festivais que muitos, segundo Margarida, «com o fim da União Soviética e com a alteração da correlação de forças mundial, diziam estar morto». «Entre o Festival da Coreia, em 1989, e o de Cuba, em 1997, houve um hiato de tempo muito grande, que importava superar. Argel tinha o importante objectivo de regularizar este regresso do movimento, realizando um Festival em cada quatro anos», afirmou a jovem comunista.

Outro dos objectivos alcançados, quer nas declarações quer nas discussões temáticas, foi a preservação do carácter fortemente anti-imperialista do Festival.

Os jovens dirigentes comunistas destacaram o número de países participantes, cerca de 140, possível graças à «situação geográfica da Argélia, localizada em África», que possibilita que haja «muitos mais países a participar do que em Cuba ou nos festivais que se realizaram na Europa, porque é mais fácil aos paí-

Festival Mundial
da Juventude e dos Estudantes

Globalizar a resistência

ses que têm, normalmente, mais dificuldade em viajar, ir até à Argélia». Para que tantas realidades diferentes pudessem estar presentes neste encontro mundial de jovens progressistas, Margarida e Joel foram unânimes em realçar o papel de Cuba e da Venezuela, que deram um apoio fundamental, sobretudo em transportes. «Hugo Chavez, presidente venezuelano, disponibilizou o seu avião para levar os delegados. Cuba levou três aviões e uma delegação de 750 pessoas, de entre as quais 300 representavam outros países – pois tratava-se quer de estudantes internacionais quer de gente que viajou até Cuba e que daí seguiu para Argel, o que constitui um acto de solidariedade muito bonito», considerou a jovem.

Problemas e sabotagens

A sabotagem e a desmobilização à XV edição do Festival assumiu várias formas, assinalou a deputada comunista, que lembrou que a Internacional Socialista e a sua organização de juventude, a IUSY, fez um boicote claro a este Festival, quer no interior da Argélia quer através das suas estruturas nos diversos países. Em Portugal, a Secretaria de Estado da Juventude assumiu claramente, numa reunião realizada com o Comité Nacional Preparatório do Festival, que continha cerca de quarenta organizações, que a sua prioridade política era o apoio ao «festival» do Panamá, promovido e pago pelos governos. Esta «prioridade» pode descer, muitas vezes, ao ponto da chantagem, como aconteceu com uma organização juvenil de base local, que foi pedir ao IPJ de Setúbal apoios para se deslocar a Argel e recebeu por parte deste a seguinte resposta: «Vejam lá se não preferem ir ao Panamá, nós pagamos duas viagens e vocês não vão à Argélia», conta Margarida que concordou com Joel na certeza que um «governo tem muitos mais meios para levar jovens para onde quer que seja do que o movimento juvenil».

Depois da Argélia, o futuro dos festivais está assegurado. Ainda não tinha terminado o XV FMJE e já se realizavam reuniões no sentido de discutir sobre as duas propostas até agora existentes: Namíbia e Vietname. Certo é que daqui a quatro anos milhares de jovens se reunirão mais uma vez para condenar o imperialismo e os seus crimes.



Resistir ao imperialismo

«Renascido» em 1997, depois de alterada a correlação de forças internacional, com o fim do socialismo na Europa de Leste, o XIV Festival Mundial realizou-se em Havana, com mais de 12 mil jovens, de 136 nacionalidades e manteve inalterado o carácter anti-imperialista.

Chegados a 2001, a XV edição do FMJE realizou-se na Argélia e contou com a presença de mais de seis mil jovens de todos os cantos do Mundo, que julgaram, no Tribunal Anti-Imperialista, diversos crimes e agressões perpetrados pelo capitalismo, como o Plano Colômbia, os bombardeamentos à Jugoslávia, as agressões contra Cuba e as consequências actuais da guerra do Vietname – nomeadamente genéticas e biológicas, provocadas pelo napalm em crianças e a contaminação dos terrenos.

Margarida Botelho revelou ainda que «no dia da Europa foi realizado – por proposta do comité preparatório português – um cordão humano de solidariedade com os povos da Jugoslávia, do Chipre e com o povo curdo» e que a delegação palestiniana e a saharai foram das mais acarinhadas.

A XV edição do FMJE, que viu desfilar pela primeira vez uma delegação de Timor Loro-sae, contou, no nosso país, com um longo processo de preparação, «com a formação do Comité Nacional Preparatório português, que se foi alargando, que se foi reforçando com novas organizações de diferentes vertentes e experiências, desde movimentos juvenis de base local, a juventudes partidárias, movimento sindical, associações de estudantes», contou Joel Vasconcelos. Para este dirigente comunista, a delegação deu «um contributo importante para que as conclusões tivessem sido as que foram», tal como o Festival «contribuiu também para o desenvolvimento do movimento juvenil português, devido à importante experiência adquirida».

Uma longa história

Data de 1947 a realização do primeiro FMJE, organiza-

do pela Federação Mundial da Juventude Democrática, em Praga. Cerca de 17 mil jovens mostraram ser uma realidade o lema «Juventude unida por uma Paz duradoura». Dois anos depois, realizava-se, em Budapeste, a segunda edição, com representação de 82 países, que reclamavam uma «Juventude unida por uma Paz duradoura, democrática, independência nacional e um mundo melhor para todos os povos».

Em 1951, em Berlim, vê desfilar, entre os 26 mil jovens participantes, as primeiras delegações das colónias portuguesas contra as armas nucleares. Dois anos depois, o movimento juvenil realiza, na capital da Hungria, o quarto Festival, com 30 mil jovens. Em 1955, cabe a Varsóvia receber a quinta edição, com mais de 30 mil jovens de 114 países. O lema é claro: «Para a Paz e amizade, contra o imperialismo agressivo dos pactos militares».

34 mil jovens deslocam-se a Moscovo, em 1957 e, dois anos volvidos é a vez de Viena receber o Festival, o primeiro realizado num país não-socialista, com 18 mil participantes.

O oitavo Festival realizou-se na Finlândia, sob o lema «Pela Paz e a amizade», com 18 mil jovens de 137 países. Pela primeira vez na Bulgária, realiza-se pela nona vez em 1968, com 20 mil pessoas de 142 países.

Berlim volta a ser anfitriã, desta vez de 25 mil jovens que, em 1973, responderam ao lema «Pela solidariedade, a Paz e a amizade anti-imperialista», que se manteria por mais quatro edições.

A capital de Cuba recebeu, em 1978, a décima primeira edição, que reuniu mais de 26 mil jovens de 145 países. À capital soviética regressou em 1985, desta vez com a participação de 157 países, num total de 26 mil delegados. Quatro anos depois, coube à República Democrática e Popular da Coreia receber o Festival e os cerca de 22 mil jovens participantes.



• João Andrade Santos

Governamentalizar ou descentralizar?

As regiões de Turismo são organismos autónomos de Administração Pública, associações de municípios especializadas para as tarefas do desenvolvimento e promoção turística dos seus territórios.

Entroncando na tradição participativa das comissões de iniciativa e outras organizações lançadas após a proclamação da Primeira República, as regiões de Turismo desenvolveram-se após o 25 de Abril de 1974, e particularmente a partir do início da década de oitenta, com base num figurino participativo e próximo dos agentes de desenvolvimento locais, prefigurando estruturas de pré-regionalização.

As últimas regiões de Turismo a ser criadas foram lançadas no início dos anos noventa, ficando Portugal continental em grande parte coberto pelas 19 actualmente existentes. Sendo o turismo um fenómeno de proximidade, que necessita de estruturas de dinamização aos níveis local e regional, a par dos organismos centrais dependentes do Governo, esta expansão das regiões de Turismo correspondeu à vontade dos municípios de todo o País de promover a actividade turística nos seus territórios como forma de criar nelas postos de trabalho e riqueza, tirando partido dos recursos existentes.

A tentação governamental de «domesticar» ou até anular, se possível, estes organismos autónomos cada vez mais implantados nos seus territórios e crescentemente reivindicativos, levou as regiões de Turismo a criar uma estrutura de representação nacional que fosse capaz de opor uma frente unida às tentativas governamentais de lhes reduzir os meios de intervenção e a autonomia estatutária. Assim surgiu em 1996 a Associação Nacional das Regiões de Turismo, que sob a sigla ANRET – Turismo de Portugal, representa não só as 19 regiões de Turismo, mas também as estruturas congêneres de promoção e fomento turístico existentes em Lisboa, Porto, Sintra e Costa do Estoril.

A par da criação da ANRET, verificou-se um fenómeno de racionalização de meios, através da criação de estruturas de articulação das regiões de Turismo ao nível das Regiões-Plano, como foi o caso da criação da ADETURN na Região Norte, da Associação das Regiões de Turismo do Alentejo e da Secção Autónoma Regional da Associação Turismo de Lisboa, articulando a acção promocional de todas as regiões de Turismo, juntas de Turismo, e câmaras municipais da região de Lisboa e Vale do Tejo. A decisão recente de criação de uma Região de Turismo associando as câmaras municipais de Lisboa, Sintra,

Lores, Vila Franca e outras a norte da capital (Região de Turismo Tejo - Atlântico), e a movimentação em curso para a criação de uma estrutura análoga no Grande Porto, mostram que este movimento está vivo e forte, e que o poder local e os agentes económicos perceberam as vantagens da criação destes organismos autónomos.

Reposta ao cavaquismo

A criação da ANRET foi, na altura, a resposta às tentativas de liquidação pensadas pelo cavaquismo, que na sua última fase dissolveu o Conselho Nacional do Turismo por este manifestar uma certa autonomia face ao Governo, e se preparava para fazer o mesmo às Regiões de Turismo. Após a sua criação, a ANRET tem vindo a reivindicar uma maior autonomia e meios para a sua actuação, e denunciou as tentativas governamentais de asfixia financeira e de restrição ao seu funcionamento autónomo, em consonância com a vontade regional. As respostas dos governos da Nova Maioria, de cariz centralista, frustraram as expectativas das regiões de Turismo. Esquecendo todas as promessas de descentralização, os governos rosa mantiveram o esbulho das transferências financeiras do IVA turístico que já se vinha verificando no cavaquismo: em 12 anos de aplicação enviesada da Lei das Finanças Locais, o Governo central subtraiu mais de 300 milhões de contos às regiões de turismo e às câmaras municipais nelas associadas, e procurou impor legislação retirando autonomia aos órgãos locais e regionais de Turismo.

Após a tentativa em 1999 de atribuir às direcções regionais do Ministério da Economia competências que são das regiões de Turismo, tentativa essa frustrada pela denúncia feita que levou a Assembleia da República a avocar e corrigir o Decreto governamental, o Governo prepara-se para atacar de novo a autonomia das regiões de Turismo, procurando impor-lhes por um lado estruturas de coordenação a nível das Regiões-Plano, as «CCR's Turísticas», e por outro lado, o Estatuto de Instituto Público que as coloca sob tutela directa do ministro, retirando assim ao poder local o comando efectivo que detém nas assembleias gerais daqueles organismos autónomos. O último Congresso Nacional das Regiões de Turismo deixou bem clara a determinação de combater esta e qualquer outra tentativa de governamentalização e defender o seu estatuto de autonomia e ligação ao poder local democrático. Também nesta frente, o Governo não teve em conta a vontade do poder local, e acabou por comprar mais uma guerra.

Almeirim Dar voz ao descontentamento

«Mudar Almeirim» foi o desafio lançado pela CDU na sessão de apresentação dos seus candidatos aos órgãos municipais do concelho – José Alfaiate para a Assembleia e Manuela Cunha para a Câmara – realizada no dia 28 do passado mês de Julho, no Jardim dos Cavaquinhos, e que contou com a presença de cerca de sete dezenas de apoiantes.

Licenciada em literatura pela Sorbonne, e membro do movimento pacifista e antinuclearista francês, Manuela Cunha, de 44 anos, integra a Comissão Executiva Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes». Na sua intervenção, destacou o descontentamento reinante após doze anos de poder socialista, caracterizado por incompetência e desleixo, nomeadamente em questões relacionadas com a carência de água, qualidade da rede de esgotos e mau estado dos espaços verdes.



Manuela Cunha

A candidata acusou ainda o executivo municipal de falta de rigor na gestão dos dinheiros públicos – dando o exemplo das piscinas e do edifício da Câmara Municipal – e de falta de interesse com a qualidade de vida da população espelhada, por exemplo, nas péssimas condições das escolas primárias.

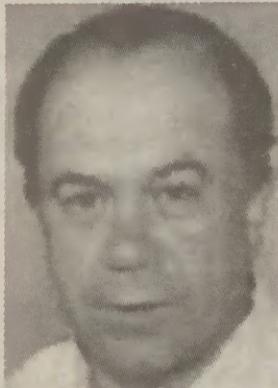
A submissão da autarquia aos interesses imobiliários e especulativos, com a respectiva revisão do PDM – à margem da população –, é outra das acusações feitas pela candidata da CDU que entende ser urgente acabar com esta situação. «Reforçar a votação na CDU é contribuir para uma mudança em prol da qualidade de vida da população», afirma.

Manuel Cunha desafiou a maioria socialista a não funcionar segundo calendários eleitorais, mas em função das necessidades reais da população e assumiu o compromisso de lutar, em maioria ou minoria, para resolver os problemas do concelho.

Estarreja Defender os serviços públicos

A CDU de Estarreja definiu, na passada sexta-feira, os candidatos das listas da coligação à Câmara e Assembleia Municipal, respectivamente, António Amador da Silva Esteves e António Matos de Almeida.

António Esteves reafirmou a «necessidade de continuar a dar voz às propostas que a CDU tem vindo a apresentar», afirmando que defende «valores de esquerda», nomeadamente «a concretização de uma gestão integrada e de um planeamento que assegure a construção de espaços urbanos humanizados, a promoção de uma gestão do território, o fomento de uma política local que assegure a valorização cultural e desportiva e a defesa do carácter público da prestação dos serviços básicos».



António Esteves

Afirmado que a candidatura da CDU se assume como «um espaço aberto e alternativo para todos aqueles que não se revêem na prática e na actuação do bloco PS/PSD/CDS que há mais de 25 anos governam a Câmara», o candidato assumiu a diferença da CDU em relação às outras forças, patente na recusa de quaisquer «apoios financeiros e de interesses ilegítimos de grupo ou corporação».

Entendendo que reforçar a CDU «é o caminho e a alternativa para Estarreja», António Esteves avançou com algumas ideias, de entre as quais destacou a garantia de maior descentralização, dando mais apoio e responsabilidade às freguesias e a concessão de apoios às actividades culturais e desportivas. Tudo para «fazer de Estarreja um lugar renovado de trabalho e desenvolvimento, mas também para construir a imagem de um concelho saudável, com capacidade de atrair investimentos e população».

FENPROF vai mobilizar contra cortes Futuro comprometido

A Federação dos Professores denuncia o subfinanciamento do sistema público do Ensino Superior, que considera ser o responsável por muitos de problemas que afectam o sistema, e avisa para o perigo de muitas instituições poderem encerrar.

A FENPROF acusa o Governo de provocar este subfinanciamento não cumprindo, contra o que a legislação estabelece e o que havia sido acordado com as instituições, a fórmula que fixa os orçamentos de funcionamento das escolas, «recusando-lhes assim os recursos suficientes para funcionarem com qualidade» e utilizando as «receitas das propinas como se se tratassem de transferências do OE, forçando muitas das instituições a empregá-las no pagamento a pessoal e não na melhoria da qualidade do ensino». A Federação considera que o executivo é, também, culpado por não transferir as verbas relativas aos aumentos salariais da função pública e não cumprir os contratos-programa e de qualidade.

Esta «grave situação», que se verifica «num sector essencial para o desenvol-

vimento do País» impediu, na opinião dos professores, muitos jovens de o frequentar, «por insuficiências da Acção Social Escolar ou devido às restrições do *numerus clausus*, apesar de terem demonstrado capacidade para tal». O subfinanciamento é também responsável pelas elevadas taxas de abandono – cerca de 50 por cento dos admitidos saem sem terminar o curso – e de insucesso – em média mais cerca de trinta por cento de permanência na instituição do que o mínimo necessário –, bem como pela baixa qualidade de formação ministrada.

Face à actual ameaça de transformação da cativação de 5 por cento em corte efectivo é, para a FENPROF, inaceitável pois irá «agravar mais ainda a actual situação de depauperização das instituições, algumas das quais com o orça-

mento de funcionamento já comprometido em mais de 95 por cento com despesas de pessoal», sendo que, se a fórmula de financiamento fosse cumprida, este valor não ultrapassaria os 80 pontos percentuais, ficando os restantes 20 para garantir as outras despesas necessárias a um funcionamento com qualidade.

A concretizar-se, esta medida do Governo poderá provocar uma ainda maior deterioração da qualidade do ensino e conduzirá muitas instituições à insolvência, «obrigando-as a contrair dívidas, ou a aumentá-las, e a hipotecar o orçamento do ano 2002».

Mobilização geral

Para combater esta grave situação, a Federação Nacional dos Professores estabelecerá os contactos necessários com os sindicatos de professores, do pessoal não docente e com as associações de estudantes, com vista à concretização

de acções comuns que «permitam travar estas ameaças e impedir a deterioração da qualidade do ensino superior público, sector essencial ao futuro do País».

Também os estudantes contestam os cortes previstos pelo Governo. Na passada semana, seis organizações académicas exigiram ao

A FENPROF acusa o Governo de provocar o insucesso e o abandono

primeiro-ministro que revisse o anunciado corte orçamental de 6,7 milhões de contos na educação, dando a

António Guterres um prazo de 15 dias para responder às exigências dos estudantes do ensino superior. Os estudantes consideram, segundo a Lusa, que, a não haver resposta por parte do primeiro-ministro, «apenas virá confirmar o desprezo a que tem votado as matérias educativas ao longo da sua governação».

Além de professores e estudantes, também os reitores, em reunião do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, haviam já discordado das anunciadas medidas.

«Verdes» querem travar co-incineração

O Partido Ecologista «Os Verdes» admite solicitar ao Tribunal Constitucional a análise do diploma que avança com a co-incineração. Travar o processo de queima de resíduos industriais perigosos nas cimenteiras é o objectivo.

Os «Verdes» exigem que o Governo abandone o processo de co-incineração depois de ter assinado uma convenção internacional – a Convenção de Estocolmo – onde se desaconselha esta forma de eliminação dos resíduos industriais perigosos.

Esta possibilidade de pedir ao Tribunal Constitucional que analise o decreto-lei que avança com a co-

-incineração e a Convenção de Estocolmo, caso seja ratificada pela Assembleia da República, foi admitida por José Luís Ferreira, dirigente de «Os Verdes». «O governo entrou em contradição», afirma aquele partido, que sustenta que «na hierarquias das fontes, a Convenção Internacional prevalece sobre o decreto-lei».

«Estamos a estudar formas de pedir ao Tribunal Constitucional que fiscalize os dois documentos e se pronuncie. Isso só pode acontecer quando a convenção entrar em vigor», disse o dirigente ecologista.

Para «Os Verdes», se a convenção for ratificada «o

governo está a pôr em vigor um documento que aconselha o abandono da queima de resíduos industriais perigosos nos fornos cimenteiros».

O partido ecologista considera que, ao assinar a Convenção de Estocolmo, o Governo «reconhece» que a co-incineração «não é uma solução tão inofensiva como se pretendeu demonstrar». A Convenção de Estocolmo, assinada pelo Governo português há dois meses, faz uma listagem dos Poluentes Orgânicos Persistentes (POP) que os países signatários devem tender a eliminar. A co-incineração de resíduos industriais perigosos aparece, entre outras,

como uma actividade que pode libertar dioxinas e furanos, duas substâncias a reduzir. «Depois de assinar a Convenção de Estocolmo só resta ao governo abandonar definitivamente a intenção de queimar resíduos industriais perigosos nas cimenteiras», sustentam os ecologistas.

Segundo «Os Verdes», a melhor solução para os resíduos industriais perigosos é fazer aplicar a política dos «três R»: reduzir, reutilizar e reciclar. Ora não é isso que sucede com a co-incineração, porquanto, sublinham, «afasta totalmente essa possibilidade e avança com o lema: podem consumir que nós queimamos».

Seixal Melhores acessos

Algumas dezenas de pessoas – entre as quais autarcas e membros da Comissão de Utentes dos Transportes da Margem Sul/ Núcleo do Seixal – concentraram-se, entre a noite de dia 17 e o princípio da tarde do dia 18, junto ao acesso nascente de Corroios à A2, para exigir a construção de acessos entre o nó do Fogueteiro e a rotunda do Centro-Sul.

Os manifestantes lembram que o grande crescimento populacional verificado nos concelhos do Seixal e Almada «são razões

mais que suficientes para que sejam construídos acessos à auto-estrada do Sul, em Corroios e Foros da Amora» e contestam que esses mesmos acessos, construídos há três anos, «nunca chegaram a ser abertos à circulação».

Na origem deste protesto simbólico está o facto de os únicos acessos a Corroios e Foros de Amora pela auto-estrada do Sul se fazerem pelo Fogueteiro e pelo Centro-Sul, zonas bastante congestionadas.

Afirmado à Agência

Lusa que a abertura de novos nós na A2 entre Fogueteiro e Centro-Sul é uma questão para a qual o Governo tem sido alertado desde a década de 80, o vereador substituto do presidente da Câmara do Seixal, Adelino Tavares, afirmou que a autarquia está disposta a levar o problema ao Presidente da República e Parlamento, que entende que é necessária a construção de novos acessos à A2, para que a mobilidade de mais de cem mil pessoas fique resolvida.

CDU Gaio-Rosário Jantar-convívio com candidatos

Sexta-feira, 24
de Agosto, às 20 horas

no Snack-bar
restaurante
«Marítimo»,
no Rosário.

Apresentação da
candidata da CDU
à presidência
da Junta de Freguesia
do Gaio-Rosário,
Cristina Campante

Festa da Alegria

Sábado, 25, em Casebres
Promovida pela Comissão de Freguesia do PCP

Abertura às 18h00, seguindo-se baile às 22h00, com a organista e vocalista **Márcia Guerreiro**, e, às 23h30, espectáculo de variedades com «Eclises». A noite prossegue com baile

Carris ao serviço de quem?

Apesar dos seus cerca de 30 mil habitantes, a freguesia da Ajuda não tem, a partir das 21h30, qualquer ligação directa ao centro da Baixa lisboeta. Trata-se, ainda, de uma zona mal servida pela Carris, com sucessivos cortes de carreiras, alterações de horários e percursos, e em relação à qual existe agora a intenção de acabar com a carreira 18 dos eléctricos, contra a vontade e interesses da população.

A população e os autarcas comunistas da Junta de Freguesia tentaram que a carreira 60 fosse alterada, no sentido de servir a população no interior do Bairro do Casalinho, mas a administração da Carris considerou essa alteração tecnicamente inexecutável por significar um acréscimo de tempo de percurso em anel de 3 a 4 minutos. Contudo, uma alteração em tudo

igual vai ser agora executável para o Bairro do Casalinho - carreiras 23 e 29 - de modo a servirem o Pólo Universitário da Ajuda.

Não questionando a justeza desta última decisão, a Comissão de Freguesia da Ajuda do PCP, a quem cabe a denúncia, considera, entretanto, serem questões de «outra índole», que não técnicas, as que impedem a alteração do percurso da carreira 60. O PCP diz mesmo que a Carris parece estar a ser gerida por «motivações partidárias». Tanto mais que o presidente da Carris, aproveitando-se do facto de o autarca do PCP ser simultaneamente trabalhador da empresa, lhe instaurou um processo disciplinar por este, no exercício do seu cargo, ter manifestado publicamente descontentamento pelos factos ocorridos.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

António Caria Carrondo

Faleceu, no passado dia 3 de Agosto, vítima de acidente de viação, o camarada António Caria Carrondo, de 62 anos. Era membro da célula do ex-Banco Pinto & Sottomayor, em Lisboa, estando actualmente na reforma. Era um camarada muito activo e dedicado, sempre disponível para a difusão da propaganda sindical e partidária, tendo dado particulares contribuições para as últimas eleições do SBSI e para as Comissões de Trabalhadores do BCP.

José Ferreira Patacão

Com 82 anos, faleceu o camarada José Ferreira Patacão. Natural de Aveiro, da freguesia de Vera Cruz, engenheiro mecânico de profissão, era militante do PCP desde o tempo da ditadura, tendo ainda antes do 25 de Abril desempenhado tarefas de apoio ao Partido. Estava actualmente organizado no Sector Intelectual do Porto, tendo chegado a integrar o seu Secretariado.

António de Oliveira Batista

Faleceu, no dia 8 de Agosto, com 70 anos, o camarada António de Oliveira Batista, reformado, natural de S. João da Barra, Oeiras. Trabalhou nas Oficinas da CP no Cais do Sodrê. Membro do Partido desde 1974, estava actualmente organizado na freguesia de Porto Salvo.

Constantino Pedro dos Santos

Faleceu, no passado dia 17 de Agosto, com 66 anos de idade, o camarada Constantino Pedro dos Santos, reformado da CP. Fez parte do primeiro Executivo da Junta de Freguesia de Barcarena, após o 25 de Abril. Membro do Partido desde 1975, estava actualmente organizado na freguesia de Barcarena.

José Gomes da Silva

Faleceu, no passado dia 22 de Julho, com 87 anos de idade, o camarada José Gomes da Silva, operário da MUNDET/Seixal. Militante de muitas lutas no sector corticeiro, passou pelos calabouços da PIDE, em Caxias. Foi fundador e ex-dirigente do Centro de Reformados e Idosos da Aldeia de Paio Pires.

José Silveira

Com 84 anos, faleceu o camarada José Silveira (Necas), operário, sindicalista e militante do PCP desde os anos quarenta. Devido à sua actividade política, chegou a ser preso pela PIDE. Militava activamente na freguesia de Marvila, Lisboa, em cujo Centro de Trabalho se encontrava assiduamente.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Restrições orçamentais para os ensinos universitário e politécnico ameaçam pagamento de salários

Revogação imediata

António Abreu, membro da Comissão Política do PCP, considera muito graves as restrições orçamentais previstas para os ensinos universitário e politécnico e, tendo em conta «a ameaça» que paira sobre pagamentos de salários e outros aspectos do funcionamento, diz que elas podem vir «a afectar muito a qualidade do ensino».

Na declaração feita, na quinta-feira passada, à comunicação social, o PCP sublinha que, «a manterem-se as perspectivas decorrentes da aprovação do Orçamento Rectificativo e as indicações recebidas do Ministério da Educação, vai-se agravar a situação já preocupante no ensino superior público» e recorda que uma das principais críticas que dirigiu ao Orçamento Rectificativo «foi precisamente o de este ter espoliado o ensino superior público em 10 milhões de contos».

Assim, o que pode vir a passar-se neste e no próximo ano lectivo «afasta» cada vez mais as instituições do ensino superior público «dos Orçamentos-padrão definidos a partir da fórmula negociada em 1993, como elemento importante de suporte à lei do financiamento do Ensino Superior».

«Em 2001, o financiamento, que inclui a receita das propi-

nas, desviou-se 11% em relação ao Orçamento padrão. Mesmo com um factor de convergência que o Governo introduziu, os orçamentos divergem cada vez mais em relação a este Orçamento-padrão». A isto, diz o PCP, acresce o facto de as instituições dos ensinos universitário e politécnico terem visto

cativado 5% das verbas que, nomeadamente, recebiam em determinada altura do ano, «cativação que, ao contrário do que acontece noutros organismos do Estado abrange despesas com pessoal».

Financiamento reduz-se

Ora, visto este ano o PSD e o PS terem aprovado o Orçamento Rectificativo que cancelou a descativação dessas verbas - 6,7 e 3 milhões de contos respectivamente no universitário e politécnico -, começam agora a surgir dificuldades, «particularmente nas faculdade onde mais de 90% das despesas de funcio-

namento se referem a salários».

Uma perspectiva que, segundo o PCP, irá agravar-se para 2002. É que, apesar do «tão anunciado acréscimo de 1,82% e 2,18%» para esses dois ramos do ensino superior, «o financiamento é, de facto, reduzido pela inflação que será superior a estes dois valores e pelo aumento de alunos». Isto leva a que os desvios, que este ano foram de 11% em ambos os casos em relação ao Orçamento-padrão, passem a ser respectivamente de 17 e 17,7%.

Neste quadro, o PCP compreende a impossibilidade de as instituições do ensino superior avançarem com orçamentos para a tutela em 2002 e

alerta contra as possibilidades de, entre outras consequências, serem adiados pagamentos dos salários. Mais, o PCP exige «a imediata revogação» das decisões e intenções relativamente aos orçamentos deste e do próximo ano e o respeito pela Lei do Financiamento do Ensino Superior.



Para o PCP, a situação no ensino superior é «preocupante»

Setúbal

Perseguições na Câmara

Com os votos conjuntos do PS e do PSD, a Câmara Municipal de Setúbal reformou compulsivamente quatro bombeiros sapadores, um ex-delegado sindical e três delegados sindicais, um dos quais também dirigente nacional sindical e coordenador da Comissão de Trabalhadores.

O pretexto para esta decisão arbitrária foi a comparência dos delegados sindicais numa reunião do pessoal convocada pelo Comando da Companhia de Sapadores Bombeiros, a que compareceria também

«um vereador da Câmara Municipal de Setúbal», num acto «de grave insubordinação e de indisciplina e incitamento à sua prática».

A verdade é que a reunião não passou do primeiro ponto, pois quer os comandantes quer o vereador de recursos humanos decidiram abandoná-la gerando a indignação dos bombeiros.

Foram os chefes e simultaneamente delegados sindicais que, para acalmar os ânimos e reforçar a hierarquia, chamaram os bombeiros de folga

para a Sala dos Bombeiros evitando a ocorrência de situações incontroláveis.

Ora, para o Comandante, isto significou uma «reunião ilegal» e um «acto de insubordinação», que o fez levantar processos disciplinares àqueles quatro bombeiros.

No comunicado de denúncia sobre este acto de prepotência, por parte da maioria PS/PSD e do Comandante da Companhia, a célula dos Trabalhadores Comunistas da Câmara Municipal de Setúbal sublinha o verdadeiro motivo

por que os delegados sindicais e os representantes dos trabalhadores foram punidos: por serem «porta-vozes» da situação e do descontentamento existentes na Companhia de Bombeiros Sapadores.

Desde já, o PCP repudia energicamente a tentativa de limitar os direitos individuais e de exercício colectivo dos trabalhadores da Companhia, e denuncia com veemência a perseguição que está a ser feita aos representantes dos trabalhadores e ao exercício da sua actividade.

Ponte de Sor

Abuso de poder

A Comissão Concelhia da Ponte de Sor realizou, na semana passada, uma conferência de imprensa para denunciar mais um caso de abuso de poder e atentado contra o direito de informação e propaganda perpetrado pelos eleitos do PS da Câmara Municipal de Ponte de Sor.

O caso remonta ao dia 26 de Julho, quando funcionários da Câmara, a mando de responsáveis do PS, retiraram dos locais da via pública, onde se encontravam colocados, vários pendões e 3 placards com propaganda relativa à Festa do

Avante e a mensagens políticas da CDU, segundo a Câmara, por decisão unânime da reunião de 11 de Julho.

A verdade é que, já em 1999, por comportamento idêntico, o PCP apresentou queixa ao Provedor de Justiça que concluiu pela procedência da reclamação do PCP.

Entretanto, em carta enviada ao Presidente da Câmara, o PCP chama a atenção para as deliberações contraditórias tomadas na referida reunião que deram origem a duas comunicações de teor diferente - e assinadas por responsá-

veis diferentes -, uma das quais intima o Serviço de Fiscalização Municipal a «identificar» quais os placards publicitários passíveis de prejudicar o trânsito de pessoas, sendo que dos casos detectados em nenhum momento são referidos os pendões do PCP.

A Concelhia de Ponte de Sor acusa, pois, os responsáveis do PS na Câmara não só por mais este abuso de poder, como pela «degradação, descaminho ou destruição» que os seus materiais de propaganda venham eventualmente a sofrer.

Por seu lado, ainda, o PCP voltou a apresentar queixa ao Provedor da Justiça e oficiou a Comissão Nacional de Eleições para o perigo que correm naquele concelho a liberdade de informação e o direito à propaganda. E, considerando que os ataques à liberdade «são apanágio do desespero dos seus autores em relação ao tempo que lhes está a terminar», garante que eles terão fim quando o povo do concelho der a vitória à CDU. Assim, Dezembro «é tempo de mudança».

BRASIL

Aproxima-se
o II Fórum Social

Terminou ontem, em Porto Alegre, capital do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, a Conferência Preparatória para o II Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, iniciada na segunda-feira. Jorge Cordeiro, membro da Comissão Política, responsável pela área do Trabalho Autárquico do PCP e director da revista «Poder Local» que representou o PCP na Conferência, foi convidado pela Prefeitura de Porto Alegre, onde, no início do próximo ano, se realizará o II Fórum Social Mundial.

ANGRA DO HEROÍSMO
V Jornadas
Atlânticas

Os grupos parlamentares do PCP dos Açores e da Madeira vão apresentar a curto prazo uma iniciativa conjunta reivindicando a transmissão gratuita dos canais de televisão nacionais nas regiões autónomas.

A decisão, anunciada na sexta-feira passada, em Angra do Heroísmo, foi tomada no decurso de uma reunião dos dois grupos parlamentares preparatória das V Jornadas Parlamentares Atlânticas Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde que irão decorrer na ilha do Faial, entre 11 e 13 de Setembro próximo.

Segurança, equilíbrio do ambiente e recursos dos oceanos são, por outro lado, algumas das questões que, segundo os comunistas, devem dominar estas jornadas. Os comunistas insulares exigem o direito de as ilhas serem ouvidas nas políticas a implementar para a preservação e gestão dos oceanos», já que são as primeiramente afectadas. Segundo a Agência Lusa, uma outra exigência do PCP vai no sentido de os arquipélagos e regiões mais afastadas do continente europeu verem reconhecido «o seu direito ao mesmo nível de desenvolvimento que possuem os territórios com continuidade territorial».

FRIELAS

Junta de Freguesia
gaba-se...

«É não só imoral como irregular» que o presidente da Junta de Freguesia de Frielas, do PS, utilize o Boletim da Junta para «enaltecer e propagandear as suas "virtudes" pessoais e as do PS», denuncia, indignada, a Coordenadora da CDU de Loures, para quem «há que saber destrinçar» os direitos e deveres dos autarcas, «para não cometer ilegalidades» e no plano ético, «no mínimo, não haver apropriação indevida do trabalho dos outros».

Lembrando a importante obra da CDU, que continua a «surpreender pela sua capacidade de realização e inovação», a Coordenadora de Loures considera, ainda, «inaceitável» que o Governo do Partido Socialista utilize os dinheiros públicos e o aparelho do Estado para promover os seus candidatos. E, considerando, embora, não se tratar de caso único, refere o protocolo agora assinado pelo Governo onde uma estrutura associativa da freguesia de Bucelas, que há muitos anos luta por apoios da parte do Governo para a sua obra e só agora, de repente, quando a mesma está quase concretizada, viu chegar «uns escudos para acabamentos».

Os bárbaros e o xadrez

Se não soubéssemos que esse é um dos dados estruturais mais perversos do debate e do comentário políticos em Portugal, bastariam algumas curtas frases e ideias alinhadas por Eduardo Prado Coelho no «Público» de 13/8 para acordarmos para o nefasto papel da amnésia política, seja ela espontânea ou deliberada.

Com efeito, depois de gritar «Atenção! O programa que tem vindo a ser anunciado pela direita portuguesa não é de centro-direita, mas de direita pura e dura» e de invocar «o perigo real de um reforço da direita», EPC sustentava que «é preciso que a esquerda portuguesa se disponha de novo a dialogar, numa perspectiva para já mais distanciada do poder, mais abstracta, cultural e teórica - mas sem correr o risco de ser encontrada a jogar xadrez quando os bárbaros entrarem na cidade».

A respeito deste «diálogo», anote-se, de passagem, que outros, ignorando ou menosprezando os efeitos devastadores para a autonomia da esquerda conse-

assume aspectos mediáticos ou formais, esquecendo-se que também há «diálogo» e respectivo saldo nas propostas e políticas que uns e outros publicamente apresentam ou executam e nas respostas alheias que obtém.

Mas quando vemos uma personalidade como Prado Coelho classificar em Agosto de 2001 o programa do PSD e do CDS-PP como de «direita pura e dura» e colar a estes partidos a alegoria dos «bárbaros» (o que não terá dito ou pensado EPC quando e se, no passado, nos aproximámos deste tom!), há uma série de perguntas que apetece fazer.

Quem eram
e onde estavam?

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os «bárbaros» nos seis anos consecutivos de Orçamentos de Estado negociados e viabilizados à direita.

Apetece perguntar quem eram, onde

estavam e o que faziam os «bárbaros» no tempo da cavalcada para a moeda única e o Pacto de Estabilidade, com tudo o que representavam de identidade entre PS e PSD em termos de projecto político.

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os bárbaros no tempo que se ainda prolonga do assalto furioso abençoada pelo Governo PS ao património do Estado através das privatizações e no tempo glorioso em que o então ministro Pina Moura recebia algures no Estoril a

finá-flor dos dirigentes dos grandes grupos económicos, um e outros então abraçados por um recíproco deslumbramento.

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os «bárbaros» no tempo em que Jorge Coelho, semana sim semana não, elogiava o carácter «responsável» do CDS-PP e de Manuel Monteiro e no tempo que, semana sim semana não, se assistia a um episódio do jogo combinado entre Portas e Guterres para lizar o PSD.

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os «bárbaros» na revisão constitucional de 1997 e no tempo em que Marcelo Rebelo de Sousa, como se gabou em livro, negociava pelo telefone, madrugada dentro, com António Vitorino o que Jorge Lacão e Marques Mendes haviam depois de apresentar.

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os «bárbaros» no tempo em que PS, PSD e CDS-PP, unidos como os dedos do pé, patrocinavam a agressão da NATO à Jugoslávia e assinavam de cruz debaixo do novo conceito estratégico da NATO.

Apetece perguntar quem eram, onde estavam e o que faziam os «bárbaros» quando abertamente os economistas do PSD e do CDS-PP e veladamente Portas e Barroso reclamavam as medidas drásticas de «contenção salarial» que o Governo do PS acaba de acolher em programa público e solene e em linha condutora para o Orçamento de 2002.

Enfim, apetece fazer mais umas tantas perguntas assim que certamente não esgotam toda a realidade e toda a verdade mas que propiciam elementos de juízo, orientação e condução política bem mais sólidos e seguros do que uma qualquer sondagem que tenha dado o PSD à frente do PS.

E, deixando as respostas mais completas para os leitores, por nós há uma que sabemos bem: é que quer os «bárbaros» (ou a «direita pura e dura») quer o PS não estavam a jogar xadrez.

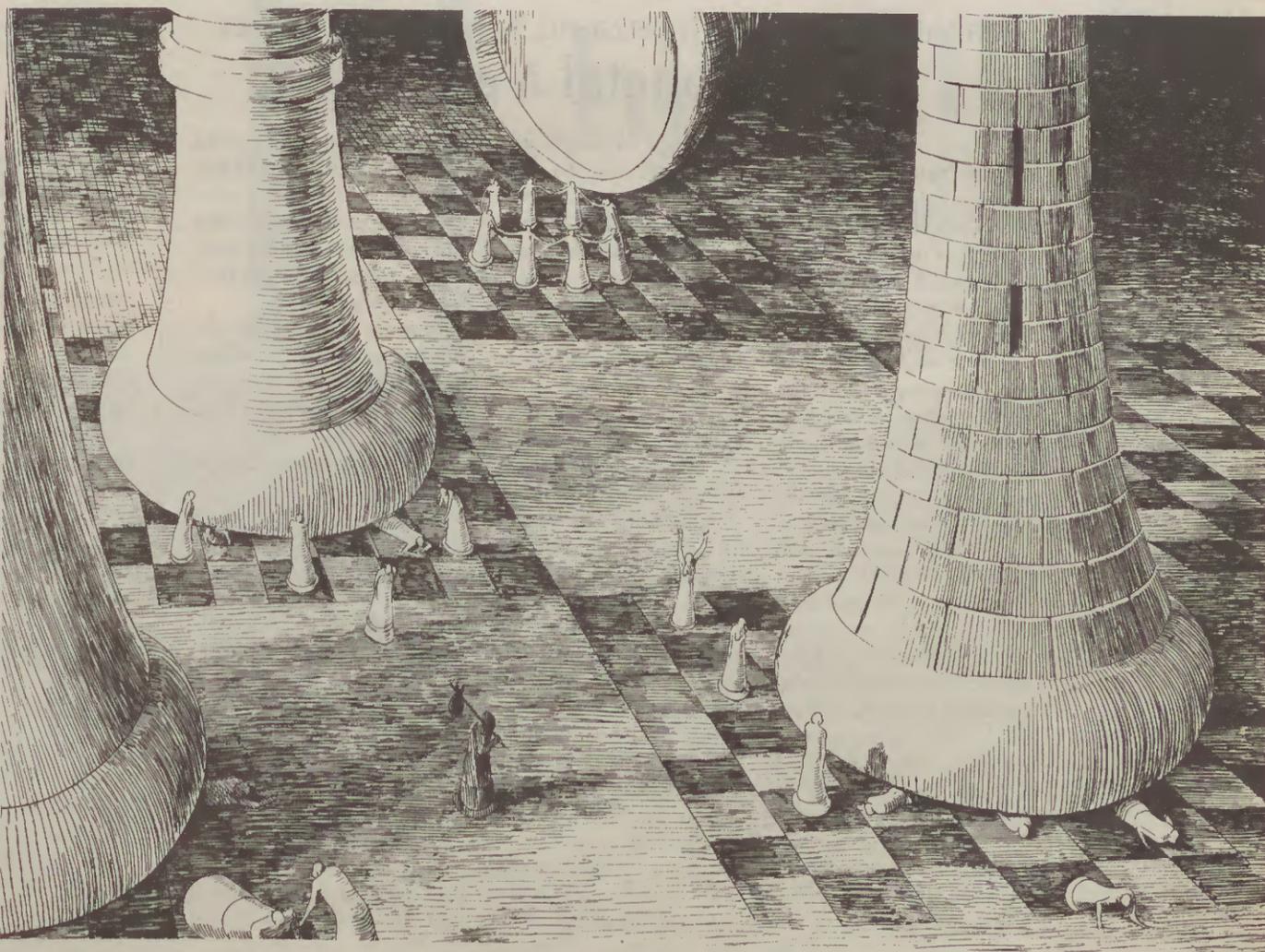


Vítor
Dias
Membro
do Comissão
Política

// Naquele tempo,
quem eram, onde
estavam e o que
faziam os
'bárbaros'? //

quente de passos mal dados e da emissão de sinais equívocos ainda por cima numa conjuntura que inclui eleições autárquicas em Dezembro e a eventualidade de legislativas antecipadas mais à frente, parecem preferir que o «diálogo» se exercesse numa perspectiva para já mais próxima do poder e mais concreta, embora persista uma certa nebulosa sobre o grau de exigência colocado nesse concreto e as contrapartidas a oferecer.

E anote-se que também EPC parece supor que só há «diálogo» quando ele



Bento de Jesus Caraça na NET

Integrado nas comemorações do centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, foi criado um site na Internet alusivo ao aniversário deste prestigiado intelectual que marcou profundamente em vários domínios a primeira metade do século XX português. A iniciativa partiu da CGTP-IN, da Associação para o Ensino Bento de Jesus Caraça e do Instituto que tem também o seu nome, entidades que têm vindo a promover diversas iniciativas para analisar a obra daquele que se distinguiu como grande democrata e «figura de grande elevação moral que exerceu enorme influência cultural e política em várias gerações de portugueses». No site (<http://www.cgtp.pt/bjc/index.htm>), para além da sua biografia, bem como de informações úteis sobre o programa das comemorações e algumas das intervenções proferidas nas sessões comemorativas, podem encontrar-se notícias alusivas a diversos acontecimentos comemorativos do centenário.

1600 horas de vigília

Os trabalhadores da Tribor, em Famalicão, despedidos ilegalmente há dois meses, com salários em atraso e sem indemnização, mantêm-se há mais de 1600 horas ocupando as instalações da empresa em vigília permanente pela defesa dos seus direitos. Embora tenham requerido nos termos da lei o respectivo subsídio de desemprego, os trabalhadores ainda nada receberam até à data, situação esta que começa a gerar problemas económicos que se repercutem gravemente nas respectivas famílias. O Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte, que acusa o Governo de com o seu silêncio estar a ser cúmplice desta ilegalidade e injustiça, lamenta em comunicado que a delegação do IDICT de Famalicão - ao não interferir minimamente no sentido de pelo menos levar a Segurança Social a pagar rapidamente os subsídios de desemprego - esteja a assumir o comportamento de «burocratas indiferentes à sorte de setenta trabalhadores e suas famílias».

Trabalhadores vidreiros

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira acusou o vice-presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande de não querer dialogar, «numa tentativa de diabolizar as organizações dos trabalhadores, ao mesmo tempo que tem as portas da Câmara abertas para ouvir e para defender os interesses das organizações dos patrões». Esta foi a resposta do sindicato a declarações do autarca em que deixou a entender que a falta de pagamento de salários e de dezenas de despedimentos são da responsabilidade daquela estrutura sindical. Para o sindicato, a ideia de que «são motivações políticas que estão por trás do conflito» não passa de uma «velha e já gasta insinuação», que visa inquirar a opinião pública marinhense por forma a «romper com a solidariedade que tem sido expressa pela população à justa luta dos trabalhadores».

Pela defesa dos postos de trabalho e de direitos fundamentais

Enfermeiros do Porto em luta

Os enfermeiros do Hospital de Santo António, no Porto, que serão dispensados dia 29, entregam hoje no Ministério da Saúde um abaixo-assinado contra a cessação de contratos de trabalho a termo certo.

A informação foi avançada segunda-feira pelo Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP), junto às portas daquela unidade hospitalar onde decorreu uma concentração daqueles profissionais da saúde visando «chamar a atenção da população para a iminente cessação de contratos a termo certo de enfermeiros, um pouco por todo o país».

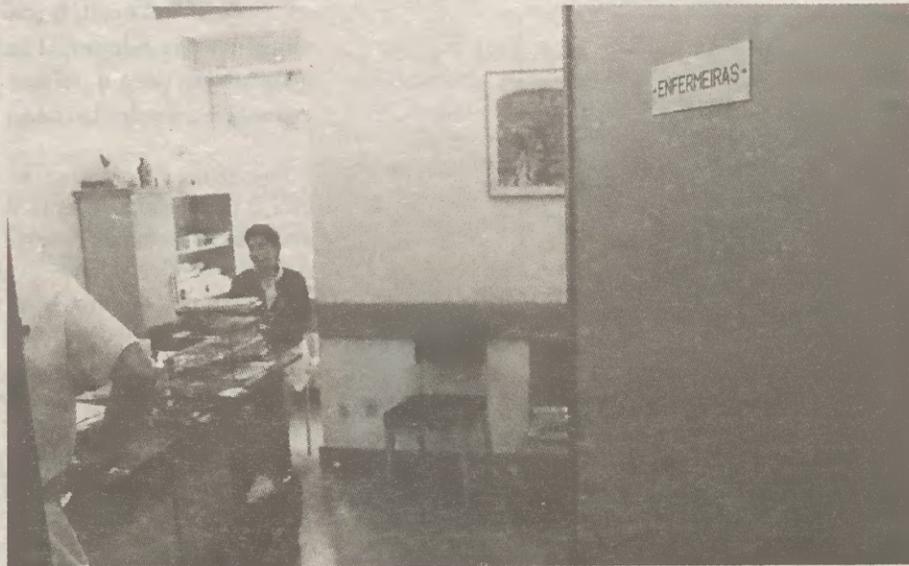
Segundo Raimundo Filipe, dirigente sindical, o problema dos enfermeiros só será irreversível se não houver vontade política para o ultrapassar. Uma das formas de solucioná-lo é, em sua opinião, a celebração de um outro tipo de contrato de trabalho

com os enfermeiros. Sublinhando que é o próprio Ministério da Saúde que fala na carência de cerca de 12 mil enfermeiros em todo o país, o sindicalista lembrou ainda que a cessação de um contrato a termo certo a um enfermeiro implica um processo de formação/integração de novos elementos que pode demorar até seis meses.

O sindicato considera ainda que estão a ser postos em causa direitos fundamentais, como a folga e os feriados, devido ao aumento dos ritmos de trabalho e à elevada carência de enfermeiros.

Para o SEP, a iniciativa de segunda-feira pretendeu,

Em dois anos podem vir a ser dispensados cerca de 1200 enfermeiros em todo o País



O Governo quer fechar-lhes as portas, apesar da grave carência de enfermeiros

sobretudo, «chamar a atenção da população para o problema». «Tal como a população, também nós somos utentes e, neste caso, temos a consciência de que aquela será prejudicada com esta medida de despedimento dos enfermeiros», justificou o sindicalista.

O sindicato adverte ainda para o risco de, no prazo de dois anos, serem dispensados cerca de 1200 enfermeiros em todo o país, «caso não seja encontrada uma solução legal que permita a sua admissão célere nos quadros da Administração Pública».

A par da recolha de assina-

turas, o SEP promove um «Hospital de Campanha» à porta do Santo António, onde quatro dos oito enfermeiros que serão dispensados dia 29 avaliam a tensão arterial e o pulso aos transeuntes. «Despedir enfermeiros faz bem à saúde!?» é o lema do protesto dos enfermeiros.

FENPROF mobiliza Academia contra corte orçamental

A Federação Nacional dos Professores irá em Setembro mobilizar docentes, não docentes e estudantes para acções comuns de contestação à política de cortes orçamentais no ensino superior, a qual poderá passar pelo encerramento das escolas.

Nesse sentido foram já iniciados alguns contactos, segundo João Cunha Serra, dirigente sindical da FENPROF, que adiantou ser intenção prosseguir estas diligências junto das várias

organizações sindicais dos docentes e dos não docentes do ensino superior, bem como as associações de estudantes, para agendar uma reunião em Setembro com vista à concretização de acções comuns.

O sindicalista, em declarações à Lusa, reagiu assim ao anunciado corte de 6,7 milhões de contos no orçamento das universidades. Uma verba que corresponde a cinco por cento do total destinado àquelas instituições e que se encontrava cativa.

A medida, confirmada pelo Ministério da Educação como resultante de uma política de contenção da despesa pública, é para a federação «inaceitável» já que «irá agravar mais ainda a actual situação de depauperização das instituições, algumas das quais com o orçamento de funcionamento já comprometido em mais de 95 por cento com despesas de pessoal».

Para João Cunha Serra, esta atitude governamental levará a uma maior deteriora-

ção da qualidade do ensino e conduzirá muitas instituições à insolvência, obrigando-as a contrair dívidas, ou a aumentá-las, e a hipotecar o orçamento do ano 2002 que o governo pretende também diminuir.

A manter-se esta ameaça, a FENPROF antevê um início do próximo ano lectivo muito conturbado no ensino superior público, com a possibilidade de encerramento de algumas

escolas, situação muito indesejável para o processo de ensino. Considera a federação que o subfinanciamento «a que o ensino superior tem estado sujeito ao longo dos anos» impediu já muitos jovens de o frequentar, é responsável pelas elevadas taxas de abandono (cerca de 50 por cento dos admitidos saem sem completar o curso) e de insucesso escolar e tem reduzido a qualidade de formação ministrada.

Trabalhadores de limpeza no S. Francisco Xavier Adesão total à greve

Foi total a adesão à greve dos 60 trabalhadores da empresa responsável pelos serviços de limpeza do Hospital São Francisco Xavier, em Lisboa. A paralisação foi convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Actividades Diversas (STAD) e visou protestar contra a não aplicação do contrato colectivo de trabalho e a recusa da empresa Climpe - Limpeza e Ambiente Hospitalar, Lda em negociar o caderno reivindicativo apresentado em Novembro de 2000.

«Houve um desprezo total da empresa em relação ao caderno reivindicativo apresentado o ano passado», acusou fonte sindical, esclarecendo que, «inclusivamente, em Maio, chegou mesmo a faltar a uma reunião no Ministério do Trabalho».

O caderno reivindicativo apresentado pelo STAD abrange matérias como o aumento do subsídio de alimentação, condições de

segurança, higiene e saúde no local de trabalho. Outra das reivindicações apresentadas pelo sindicato refere-se às férias dos trabalhadores. A empresa, segundo o sindicato, apenas quer dar este ano oito dias de férias aos trabalhadores, em vez dos 22 dias úteis previstos por lei. O argumento é o de que os trabalhadores só começaram a trabalhar para a Climpe em Outubro de 2000, pelo que só têm direito a oito dias de férias. Contudo, de acordo com uma cláusula do contrato de trabalho, e como os trabalhadores passaram de outra empresa para a Climpe, está estabelecido que têm direito aos 22 dias.

O pagamento do trabalho prestado aos domingos é outro dos motivos de reivindicação, uma vez que há trabalhadores que recebem 12 contos e outros que recebem 27. «Há discriminação mesmo entre os trabalhadores, pois uns recebem uma

quantia, enquanto outros recebem muito mais. O que queremos é que todos recebiam o mesmo e na mesma percentagem que era pago pela anterior empresa», reclama o sindicato.

Quanto ao subsídio de alimentação, o STAD reivindica que sejam pagos o número de dias em que os trabalhadores efectivamente trabalham e não apenas o correspondente a 22 dias. Por último, o STAD reivindica ainda a extensão do subsídio de assiduidade a todos os trabalhadores e «o fim dos descontos indevidos». «O prémio de assiduidade é de 1500 escudos por mês, mas basta um trabalhador faltar um dia para que seja retirada a totalidade do prémio, em vez de apenas a quantia referente aquele dia», lembra o sindicato.

Os trabalhadores da Climpe já realizaram este ano outras duas greves, sempre de 48 horas, em Junho e Julho.

Molin sem reactivação à vista

Apesar de todas as diligências já desenvolvidas, não há quaisquer garantias de que a curto prazo a Molin possa retomar a sua actividade. Essa é a convicção do Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte (Sinorquifa), que desmente assim notícias postas a circular dando como certa a reactivação daquela empresa sediada em Vila Nova de Gaia.

Para o sindicato, que se tem empenhado no encontrar de uma solução, a viabilização da Molin passa necessariamente por um acordo extraordinário de credores que «terá de ser objecto de ratificação pela juíza que declarou a falência da empresa».

No quadro das iniciativas levadas a cabo pelo sindicato, realizou-se, entretanto, uma reunião com o presidente em exercício da autarquia, a quem foi colocada a questão de a Câmara Municipal vir a ser parceiro na eventual constituição de uma sociedade que se responsabilize pela gestão da empresa.

No decorrer dessa reunião, segundo comunicado da direcção do sindicato, o edil enfatizou a importância para o concelho do retomar da actividade da Molin e desmentiu qualquer promessa de postos de trabalho para os trabalhadores agora inactivos. Uma tal perspectiva, sublinha o sindicato, enquadrar-se-ia «num âmbito meramente assistencialista, quando o que é socialmente relevante é a recuperação da empresa com integração de todos os seus trabalhadores».

Avante! Festa!

FESTADO Avante! 2001

7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Teatro

«Não há ladrão que não venha por bem», de Dario Fo, pela Companhia de Teatro de Sintra, e «Alimária», do Grupo Pau Preto, são destaques da programação.

Desporto

Modalidades para todos os gostos, para ver e praticar, continua a ser aposta forte do programa desportivo da Festa, onde ocupa lugar de destaque a Corrida no domingo.

Livros

O pavilhão do livro, com os seus lançamentos e sessões de autógrafos, é um lugar de passagem obrigatória para quem gosta de livros. A oferta é variada.

Juventude

Uma multiplicidade de propostas culturais e de intervenção política vai marcar o espaço da Juventude, onde actuam jovens bandas de todo o País no palco dos «Novos Valores».





Avante! 2001

Teatro Pau Preto fala das contradições da sociedade africana

Avante! teatro



Alimária



São histórias do dia-a-dia, num qualquer país da África lusófona, que forneceram a base deste texto de Ricardo Godinho Gomes, que é agora transportado para o palco pelo Grupo Pau Preto, numa encenação de Miguel Hurst.

«Um narrador, a Kykia, inicia-nos na estória. Pouco ou nada fala, sendo o olho que a todos observa. Dele, que se considera o vigia da natureza humana e dos seus mais profundos recantos, virá o cimento moral da peça. É ele quem nos introduz na trama e é ele quem, dela, nos faz sair sem jamais pretender nela participar ou se imiscuir. Um vigia apenas observa, nunca adjectiva; ele conduz-nos à paradimensão – ao subterrâneo – da natureza humana: introduz-nos na dimensão animal do Homem.»

O programa desta peça explica ainda que «este projecto serviu-se de uma revolução, e em certa medida da política, como espelho das interacções que regem o tecido social. A política, como um dos expoentes desse tecido e da vida cultural dos povos, mostra-nos perfeitamente o caminho percorrido

por estes e o caminho que ainda falta percorrer».

A trama serve-se de três tipos de personagens – os «burgueses», os «revolucionários» e aqueles que não são nem uns nem outros – e das permutas interclasses que entre eles, e ao ritmo da estória, se verificam. Os «burgueses» simbolizam a ordem destronada; os «revolucionários» a nova ordem; e o 3.º tipo de personagem é personificado por aqueles que se crêem servidores das causas mas infelizmente, servem os homens, os seus defeitos e as suas qualidades.

De todos eles, somente aos últimos é permitido o altruísmo. Pois, dentre os «burgueses», uns servem-se das

causas e dos homens e os outros são enterrados com a ordem abatida; dentre os «revolucionários», uns serão servidos pela revolução e pelas causas enquanto estas se servem dos outros, aqueles que tendem a virar símbolos ou «ícones» dessas mesmas revoluções e ditas causas.

No elenco, estão Sócrates Napoleão, Júlio Mesquita, Mussã Ibrhaimo, Dalton Borralho, Felix Fontoura, Zézé Hurst e Miguel Hurst. A cenografia é de Abraão Tavares e o desenho de luz de César Fortes.

Fio D'Azeite – Grupo de Marionetas Estórias de D. Roberto

Nos finais dos anos 50, ainda os fantocheiros populares calcorreavam terras portuguesas por festas e romarias, divertindo o povo de pequenos e

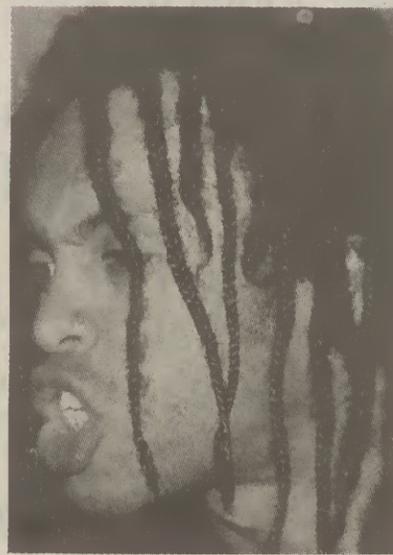
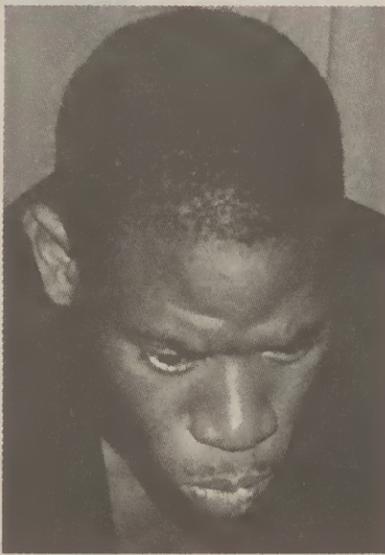
grandes que acorria a ver os seus espectáculos. Os pequenos bonecos de madeira e trapos bailavam caprichosamente ao som dos gritos

estridentes produzidos pelo fantocheiro e tudo terminava invariavelmente pela tradicional cena de pancadaria, para grande alegria do público.

Hoje, o Teatro D. Roberto é apenas uma imagem feliz da infância de alguns, um traço vivo de uma preciosa herança cultural que se vai esvaindo com os tempos.

Este espectáculo do Fio D'Azeite - Grupo de Marionetas/Chão de Oliva e que constitui a sua sexta produção é constituído por duas histórias tradicionais: «O Barbeiro» e «A Princesa Encantada» e certamente que fará a delícias de miúdos e graúdos na manhã de domingo da Festa.

A recriação do texto, construção de bonecos, figurinos e cenários é de Nuno Correia Pinto; a encenação de Nuno Correia Pinto e João de Melo Alvim; Costureira, Filomena Gomes; o desenho de Luz de Nuno Correia Pinto e João de Melo Alvim.



Aproximar comunidades

Na origem da criação do Grupo de Teatro Pau Preto, que está integrado na Associação Regresso das Caravelas, está a necessidade de afirmação de jovens criativos que têm a particularidade de serem africanos ou descendentes de africanos residentes em Portugal e que, através de criações de textos dramaturgicos, tentam aproximar o público português e o público africano, a uma realidade histórica esquecida e desprezada – a realidade afro-europeia. Neste sentido, o grupo tem como objectivos levar as suas peças às principais cidades do país e aos países africanos de língua portuguesa, nomeadamente Angola, Cabo Verde,

São Tomé, Moçambique e Guiné-Bissau. Constituíram assim uma equipa que se dedica à investigação e escrita de peças e uma outra orientada para a produção de espectáculos de teatro, dança e vídeo. A criação de espectáculos que tenham como matéria-prima a vida quotidiana portuguesa, da qual a comunidade africana é parte integrante, e que, ao mesmo tempo, divulguem a dramaturgia africana está pois nos horizontes deste Grupo se propõe usar o teatro «como mais um veículo de integração, contribuindo para a proximidades destas comunidades à sociedade portuguesa; e pugnar por uma estética que eleve o teatro a um estatuto de transformador social».



Avante! teatro 2001 Companhia de Teatro de Sintra

Não há ladrão que não venha por bem

A Companhia de Teatro de Sintra apresenta no Avante! a peça, de Dario Fo, «Não há ladrão que não venha por bem», um texto que o laureado com o Nobel da Literatura publicou em 1950, encenado por João Melo Alvim.



Dario Fo

Em apontamentos inéditos, de 1960, Dario Fo revela alguns aspectos do primeiro período da sua vida que, segundo o próprio, explicam as origens da sua obra.

«Tudo começa quando se nasce. No que me diz respeito, eu nasci numa pequena aldeia do Lago Maggiore, na fronteira da Suíça. Uma aldeia de contrabandistas e de pescadores. Dois ofícios que exigem, para além de uma boa dose de coragem, muita, muitíssima fantasia. É sabido que quem usa a imaginação para transgredir a lei, preserva sempre uma parte para seu prazer pessoal e dos amigos mais íntimos. Eis porque, tendo

eu crescido neste ambiente, onde cada homem é um personagem, onde cada personagem procura uma história para contar, me foi possível entrar no teatro com uma bagagem de histórias insólitas e, sobretudo, vivas, actuais e verdadeiras; como verdadeiras são as histórias inventadas por homens verdadeiros. Talvez possa parecer um pouco gratuito considerar ser esta a origem de um certo aspecto surreal, fantástico e grotesco que estão na base dos meus trabalhos. Talvez nem tudo tenha nascido lá, mas foi com os homens da minha aldeia que aprendi a olhar e perceber as coisas daquele modo. Quando, muito novo, cheguei à cidade (na Lombardia, por cidade entende-se Milão) não podia deixar de a ver ao modo dos contrabandistas, isto é, classificando tudo em personagens e em coro, em construtores de histórias (autores) e em repetidores (actores). E ainda com o acréscimo de um enorme prazer pelo reconhecimento do

Dario Fo

Uma obra dedicada aos fracos e oprimidos

Dario Fo nasceu em 1926, em S. Giano, na Lombardia, no seio de uma família proletária de tradição democrática e antifascista.

Em 1997, aos 71 anos e com cerca de 70 obras produzidas, Dario Fo é galardoado com o Prémio Nobel da Literatura. A Academia Sueca distinguiu não só o escritor de teatro, mas sim um homem envolvido profundamente com o teatro nas suas múltiplas facetas; foi autor, actor, encenador, cenógrafo. Com sua mulher, a actriz Franca Rame, escreveu e interpretou muitas das suas peças. A sua obra ultrapassa o âmbito da escrita literária e assume um papel de denúncia social de todas as formas de corrupção, violência e hipocrisia inerentes ao poder político, religioso e moral vigentes. Este seu anticonformismo activo, este confronto constante com o poder instituído, em nome da liberdade e da dignidade humanas, causaram-lhe naturalmente problemas - censura, salas negadas, acusações várias, até a passagem pela prisão em 1973 - que preencheram a vida e a actividade de um artista incómodo como Dario Fo.

Dario Fo conviveu com mestres como o grande mimo francês Jacques Lecoq, com Strehler no Piccolo Teatro, com Marcello Moretti, o Arlequim mais

famoso deste século, e com muitos outros actores e directores.

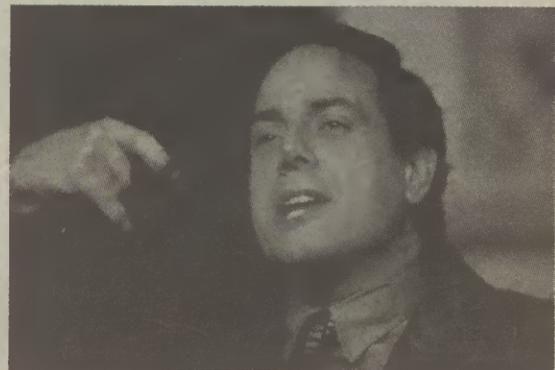
É em 1959 que Dario Fo e Franca Rame decidem organizar-se em Companhia. Fo escreve, encena e representa a comédia *Gli Arcangeli non Giocano a Flipper*. E já nesta altura que Fo clarifica o sentido do seu teatro: um teatro político, fundado na cultura popular, nos textos medievais que serão reinventados em *Mistério Buffo* e cada vez mais centrados na actualidade, no movimento real da luta de classes. No seu teatro popular, Dario Fo ridiculariza os poderosos e homenageia os fracos e oprimidos. O facto de as peças terem sido muitas vezes representadas em lugares pouco convencionais, como fábricas em greve, reuniões políticas, obrigou a uma simplificação dos cenários e a uma acrescida importância do trabalho do actor enraizado na tradição do jogral medieval e da *commedia dell'arte*.

Autor e actor

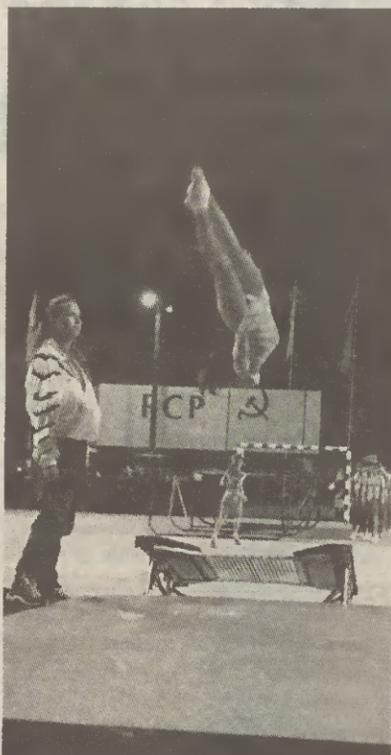
O *Mistério Buffo* (1969) é um texto em que a relação entre o autor e o actor torna a presença cénica de Fo imprescindível. Ele próprio escreve num artigo em 1962: «Os autores negam que eu seja autor. Os actores

negam que eu seja um actor. Os autores dizem: tu és um actor que faz de autor. Os actores dizem: tu és um autor que faz de actor. Ninguém me quer na sua categoria.» É um dado incontestável que as comédias de Fo, pela sua riqueza e universalidade, têm sido representadas em todo o mundo. Mas é também inegável que quando Fo passa do texto para a representação ele consegue, sozinho, ser todos os personagens, as vozes, os olhares e os movimentos. Ele é uma complexa máquina teatral auto-suficiente, conseguindo pôr em cena, sem quase nada, acontecimentos que, de outro modo, exigiram técnicas sofisticadas e efeitos especiais.

Franca ensinou-lhe todos os truques do seu ofício, que eram muitos pois dominava vários registos de circo, comédia, pantomina, cabaret e para além disso memorizara dezenas de textos de tradição oral. Mais tarde, esta influência desembocou na paixão de Fo pelas raízes populares do teatro. Franca Rame ensinou a Dario o sentido do ritmo, dos tempos, a velocidade da improvisação segundo o público de cada noite, a limpeza de gestos, a economia das «graças» e efeitos cómicos, enfim, os signos da identidade do teatro de Fo e que este soube desenvolver até à genialidade.



grotesco, do excessivo, do ilógico.» Estes são alguns dos traços que estão presentes no espectáculo da Companhia de Teatro de Sintra, que conta com a interpretação dos actores e actrizes Nuno Correia Pinto, Penélope Melo, Rogério Jacques, Maria João Fontainhas, Carla Trindade, Tiago Matias e João Mais.



Do basquetebol ao xadrez, do pára-queda à dança desportiva, culminando com a tradicional Corrida, que este ano é reforçada com Corridinha destinada a um leque mais amplo de participantes, o programa desportivo da Festa do «Avante!» envolve centenas de praticantes e adeptos das mais variadas modalidades.

Alguns milhares de pessoas participam directamente nas actividades desportivas que são promovidas no âmbito da Festa, quer antes quer durante os três dias. Depois de se terem realizado o concurso de pesca na baía do Seixal, torneios de futebol, chinquilho e outras iniciativas de promoção e divulgação da Festa, está ainda marcado

para o próximo dia 2 de Setembro um passeio de cicloturismo que irá assinalar a realização da primeira edição deste grande evento político cultural na Feira Internacional de Lisboa, corria o ano de 1976. E é deste local que simbolicamente centenas de ciclistas partirão, pelas 9 horas. A caravana atravessará Lisboa em direcção à Vila Franca de Xira, atravessando o Tejo e seguindo até ao Montijo. Aqui começa a segunda etapa que terminará na Quinta da Atalaia, onde serão entregues lembranças aos participantes e onde se realizará o almoço-convívio.

Polidesportivo

Uma hora depois do início da Festa, na sexta-feira, o polidesportivo inicia a sua programação com uma demonstração do Jogo do Pau, com atletas do Clube Desportivo de Brejos de Azeitão. Pouco depois arranca uma noite de andebol com equipas de iniciadas femininas do ABC da Brandoa e do CCCD de Carnaxide. Seguem-se os juniores masculinos, da Boa-Hora FC e do Oriental de Lisboa, para depois darem lugar aos veteranos, entre os quais estão muitas antigas glórias da modalidade, que disputam um torneio triangular. As equipas presentes são do Atlético Clube Portugal, do Sport Lisboa e Benfica e Selecção de Lisboa. Na manhã de sábado, o espaço do polidesportivo fica aberto aos visitantes para actividade livre, mas a tarde é dedicada ao Futsal, tendo lugar jogos entre equipas do CCD Paivas e Selecção do Concelho do Seixal (iniciados masculinos); ATM de Marvila e Selecção do Concelho do Seixal (iniciadas femininas); e Palmeiras LC e Selecção do Concelho do Seixal (seniores masculinos). O já tradicional sarau desportivo volta a realizar-se na noite de sábado para delícia das muitas centenas e pessoas que costumam esgotar as bancadas do recinto. Do programa

constam os trampolins do CRD Brasileiro/Rouxinol; a dança pela Portugal Cultura e recreio, a dança jazz e o ballet pelo Frupo Fanqueiro, terminando em grande com a dança desportiva pelos Alunos de Apolo. Domingo à tarde há um torneio de

respectivos torneios têm início na manhã de sábado, prolongando-se até às finais marcadas para domingo. Nesta zona, no sábado, podem ainda vistos lançadores de bolas metálicas, um jogo já com bastantes adeptos em Portugal mas ainda

Desporto todos os dias

basquetebol 3x3 e, à noite, luta livre olímpica, com atletas do CD Portugal; Karate, com o CR da Cruz de Pau e o CCD Paivas, clubes que trazem à Festa os campeões e vice campeões europeus da modalidade.

Xadrez, Damas, Mah-jong

Na sexta-feira, este espaço abre pelas 20.30 horas propondo sessões de treino e ensino do Xadrez para visitantes. Terá igualmente lugar um torneio por equipas entre a Selecção de Lisboa e a Selecção do Seixal. No sábado, logo de manhã, realiza-se um torneio de semi-rápidas de Xadrez. A seguir ao almoço é a vez do torneio de Damas, modalidade que conta ao fim da tarde com uma simultânea. Será esse o momento em que será lembrado o contributo de Mário Dinis Vaz para a divulgação das Damas no nosso país. Depois de uma primeira demonstração no sábado, os tabuleiros de Mah-Jong voltam no domingo a intrigar ou despertar o interesse dos visitantes. No último dia da Festa, a programação deste pavilhão encerra em grande com uma simultânea de Xadrez com Mariana Cortinhas (campeã nacional absoluta de sub-12), Sara Afonso (campeã nacional feminina de sub-12), ambas atletas da Associação Operária de Palma e Arredores, e com o Grande Mestre e actor Álvaro Pereira.

Tiro

Na noite de sexta-feira decorrem demonstrações de carabina e pistola de ar comprimido, disputando-se nas manhãs de sábado e domingo, respectivamente, torneios de tiro com chumbo com armas de cano articulado e tiro com pistola de ar comprimido.

Malha/Petanca

Nas malhas, pequena, corrida e grande, os

desconhecido de muitos visitantes. Trata-se da Petanca, que depois de se ter estreado na Festa o ano passado, volta agora a estar presente com um torneio no sábado.

Radical

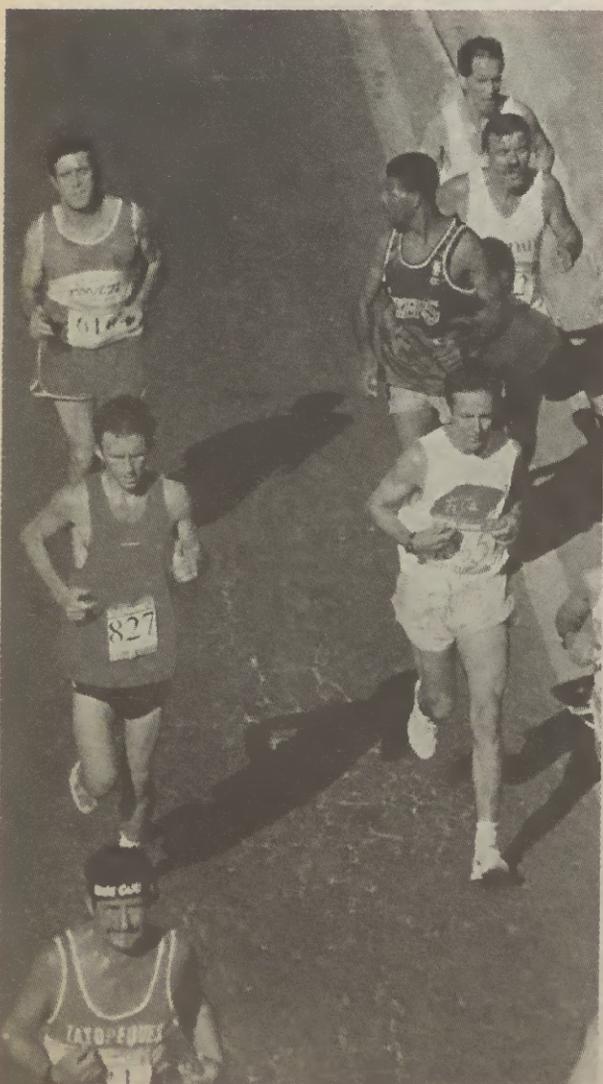
Nos desportos ditos radicais, o destaque vai para o slide e para a escalada, mas também para o pára-quedaismo que à semelhança das últimas festa povoará os céus da Atalaia de cor e movimento (ver peça).

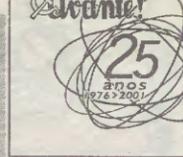
Exposição e debate

Durante os dias da Festa, estará ainda patente um exposição sobre o «Desporto Autárquico», tema que será aprofundado num debate que decorrerá no sábado pelas 17.30 horas. Nesta sessão, denominada «Desporto nas Autarquias», participam Melo de Carvalho, Carlos Rabaçal, Odete Graça e Galvão Correia.

Corrida e Corridinha

A Corrida, que pelo prestígio granjeado ao longo das edições anteriores é sem dúvida o maior evento desportivo da Festa do «Avante!», tem partida marcada para as 9,30 de domingo. Este ano, porém, para assinalar a 25.ª edição da Festa do «Avante!», realiza-se em simultâneo uma Corridinha com uma percurso de apenas três quilómetros em que podem participar jovens com idades a partir dos 12 anos. As inscrições podem ser efectuadas até ao dia 31 do corrente mês de Agosto para Corrida da Festa do «Avante!», Quinta da Atalaia, Av. Baía do Seixal, 2845-415 Amora-Seixal. Telefone: 212224000 Fax 21 2272516. Email: festavante@mail.telepac.pt.





Pára-quedaismo na Festa

«Saltar é um gosto e um desafio»

São pai e filha com uma paixão comum pelo pára-quedaismo. E é das alturas que no domingo da festa, pelas 17 horas, descerão sobre a Quinta da Atalaia aterrando junto à zona do lago. Com eles, mais oito pára-quadistas pintarão o céu de cores vivas e movimentos acrobáticos, proporcionando um espectáculo que deixará boquiabertos muitos visitantes.

António Alves dos Santos é conhecido por «Flecha» e iniciou-se no pára-quedaismo quando prestou serviço nas Forças Armadas, que durante muito tempo foram a única escola que existia em Portugal. Hoje a situação é diferente: o associativismo começa a abrir-se aos jovens, em grande parte graças aos apoios de algumas câmaras, nomeadamente de Évora, Moita e Loures, proporcionando-lhe o acesso à modalidade. No entanto, são raros os que se mantêm como praticantes. E não é por falta de coragem... Flecha é um dos cerca de 100 pára-quadistas civis que saltam com regularidade no nosso país. Com funções na Associação de Pára-quadistas de Loures e na Associação de Pára-quadistas do Sul, com sede na Baixa da Banheira, reconhece que se

os 1300 contos, a que acrescem importantes somas em equipamento e manutenção. Depois, cada salto custa entre os 3500 e os quatro mil escudos. A solução, considera Flecha, tem de passar pela aposta no associativismo e por um maior interesse do Estado e patrocinadores. Só assim será possível aumentar o número de praticantes e elevar o nível competitivo, actualmente muito fraco, atrás de Marrocos ou Moçambique.

Joana Santos cedo se interessou pelo pára-quedaismo. Tudo começou, afirma, aos doze anos quando ganhou um concurso de salto com elástico (body jumping). Contudo, teve de esperar até aos 16 para vestir o primeiro pára-queda. Agora, com 18 anos, é uma das oito jovens que participam em competições nacionais. O gosto e o



Para se ter uma ideia, um atleta de bom nível faz uma média de 100 saltos por semana, o que está fora dos horizontes da esmagadora maioria dos portugueses, para os quais, como é o caso de Joana, as competições são praticamente as únicas oportunidades de aperfeiçoarem a sua técnica.

Sem vertigens

O medo não faz parte do vocabulário de Joana quando fala dos saltos que faz. Antes pelo contrário, é tudo gozo: desde os 75 segundos em queda livre, quando se atingem velocidades estonteantes entre os 250 e os 350 quilómetros hora, até ao controlo e condução do pára-queda para o local da aterragem.

Entre as várias disciplinas, estão os saltos de precisão de aterragem, em que o objectivo é aterrar num círculo de 15 centímetros, em cujo centro está um alvo do tamanho de uma carica que confere a pontuação máxima e deve ser tocado apenas com o calcanhar. Mas há igualmente os saltos que incluem figuras executadas em queda livre, devidamente registadas por um pára-quadista munido de uma câmara vídeo, que são depois avaliadas por um júri em terra.

Até à Atalaia

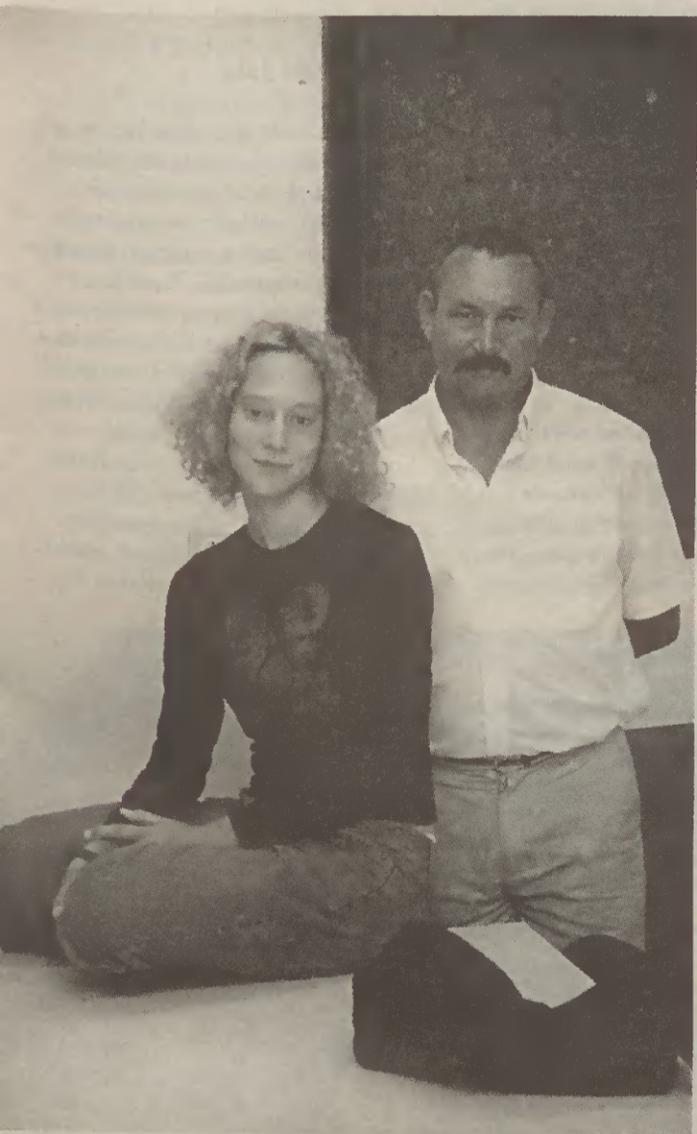
No domingo, cerca de uma hora antes do começo, Joana e Flecha estarão entre os dez pára-quadistas que irão aterrar na Quinta da Atalaia. A experiência, sem dúvida aliciante para esta jovem,



O sonho de Joana é competir a alto nível mas para isso são necessários apoios e patrocínios de que não dispõe

comporta as suas dificuldades, sublinha Flecha que já saltou em anos anteriores. A principal condicionante tem a ver com o intenso tráfego aéreo que atravessa a zona, ou seja, é preciso que a passagem se efectue no intervalo entre duas carreiras comerciais, motivo aliás que obrigou a limitar a dez o número de saltos.

A outra dificuldade tem a ver com a geografia da Quinta da Atalaia e particularmente da zona de aterragem. Flecha recorda que no ano passado um pára-quadista teve azar e caiu no meio do lago. Para além do mergulho forçado, o incidente não teve consequências pessoais, mas foi preciso retirar o pára-queda, lavá-lo da água salgada e pô-lo a secar. Felizmente o sol brilhava.



Flecha e Joana, pai e filha, integram o grupo de pára-quadistas que descerá sobre a Atalaia no domingo da Festa antes do comício

trata de uma modalidade cara e que isso constitui o principal obstáculo à sua divulgação.

O investimento num pára-queda ronda

talento que tem revelado como praticante podiam levá-la mais longe se contasse com os apoios que atletas de outros países dispõem.



Brigadas no terreno contactam visitantes

As Brigadas de Contacto estão mobilizadas e motivadas para mais uma maratona de contactos com os visitantes da Festa. Este ano o tema central é «A Juventude CDU e o Trabalho Autárquico» e as equipas de jovens que irão percorrer o terreno têm como

objectivo prestar esclarecimentos sobre as propostas e o trabalho dos comunistas no Poder Local Democrático. É claro que os jovens são o alvo prioritário destas brigadas que estão no entanto sempre disponíveis para falar com visitantes de todas as idades.

Cidade da Juventude Espaço de convívio cultura e animação

A Cidade da Juventude é por excelência o espaço da Juventude. Construído e assegurado predominantemente por jovens comunistas, há porém lugar para todas as idades como o prova um programa diversificado e abrangente.

Para além do convívio, da música e outros momentos culturais, a Cidade da Juventude tem uma forte componente de intervenção política, reflectindo as preocupações sociais dos comunistas e em particular os problemas e reivindicações dos jovens portugueses. As lutas juvenis, nomeadamente as grandes movimentações dos estudantes do ensino secundário, são o tema central de uma exposição política que reflecte igualmente outras causas centrais por que se batem os jovens, desde as questões da educação aos obstáculos à entrada no mercado de trabalho.

Expressões múltiplas

É no Espaço Multiusos que os visitantes vão encontrar uma programação diversificada e atractiva que mistura debate político com fruição cultural. Desde o teatro à leitura de poesia e de contos, até espectáculos de magia e concertos, aqui vai acontecer um pouco de tudo como a seguir se verá. Os problemas ambientais são tema na noite de sexta-feira para um debate em que todas as opiniões podem ser confrontadas. Logo a seguir, uma noite de magia promete intrigar a assistência com a arte da ilusão. A música vem

depois com o som Hip-Hop dos *Factos Reais*. Mais tarde os as misturas dos DJ's garantem ritmo q.b. para a dança. Sábado é dia de teatro logo a abrir. As lutas da Juventude são o tema do debate que tem lugar a meio da tarde e, à noite, a música volta a reinar com o concerto dos *Virgem Suta*. Numa pausa sempre agradável para descansar o corpo, segue-se uma noite de contos. O ritmo regressa com as percussões dos *Blá Blá*. A tarde de domingo é ocupada com um debate sobre os 80 anos das Juventudes Comunistas, encerrando a programação com uma noite de poesia.

A banca da Jota

Este ano a JCP vai ter duas bancas com materiais diversos, desde autocolantes, canetas e t-shirts com motivos da organização, até documentos editados sobre a actividade e principais propostas dos jovens comunistas. Neste local e estará sempre uma equipa disposta a prestar informações e esclarecimentos sobre a actividade e objectivos da JCP. À venda estará ainda o último número do AGIT, o jornal da Juventude Comunista Portuguesa, que de resto será vendido por jovens em vários pontos da Festa. Um dos destaques deste número é uma entrevista com o cantor e compositor Jorge Palma.



Tomar a iniciativa

Durante todo o Verão, a JCP promoveu a nível nacional um concurso de pintura de murais subordinado ao tema «Os 80 anos das Juventudes Comunistas e a Luta da Juventude». O prémio para o projecto vencedor foi precisamente a possibilidade de executarem a obra no local destacado da Cidade da Juventude. O mural estará desta forma patente ao público da Festa durante os três dias.

Comes e bebes

A oferta de bares e restaurantes é grande, começando no Bar Cocktail que propõem uma vasta escolha de bebidas refrescantes com os mais diversos sabores e cores. O Bar Esplanada privilegia as refeições ligeiras, mas que percorrer a Cidade da Juventude encontrará outros quiosques estrategicamente colocados para matar a sede ao primeiro desejo. Os adeptos da comida vegetariana ou simplesmente os curiosos que pretendam experimentar estes menus mais saudáveis e regrados têm à disposição dois bares especializados. É caso para dizer que comida e bebida há para todos os gostos.

«Novos Valores» a descobrir

Renovado e remodelado, o palco dos Novos Valores/palco da Juventude, apresenta este ano uma nova dinâmica e energia. Ao longo de três dias, actuarão praticamente em regime de non-stop 21 bandas originárias de quase todas as regiões do país. Destas, 11 bandas foram escolhidas através de concursos promovidos pelas organizações regionais da JCP e as restantes dez foram seleccionadas e convidadas a actuar neste espaço. Segundo a JCP, este novo modelo visou, por um lado, assegurar o âmbito nacional da iniciativa e, por outro, a efectiva presença dos novos valores da música moderna portuguesa. Aos visitantes, a organização convidava-os a passarem frequentemente por este palco visto que aqui estarão representadas as várias correntes e sonoridades que os jovens músicos portugueses exploram actualmente. Os espectáculos iniciam-se sexta-feira pelas 20 horas, no sábado às 16 e no domingo às 15 horas, prolongando-se todos os dias até ao fecho da Festa. Um autêntico festival de música nova, onde certamente haverá talentos a descobrir. De Aveiro vêm os *Daguida*, de Braga,

os *Nothem*, de Santarém, os *Temple of Noise*, de Beja, os *Lo-Fi*, do Porto, *Helena Azul*, de Setúbal, *O Corvo*, do Algarve, os *Hoax*, de Évora, os *Smoke the Pipe*. Com sonoridades que cobrem panoramas como o Pop, Ambiente, Alternativo, Rock, Metal e o Hip-Hop, destacam-se ainda a mistura experimental/ambiente dos *New Naked Soundz*, banda de Leiria,

o Free-jazz da palavra cantada dos *Sons de Cá*, de Évora, o Reggae balança e contagioso dos *Que Love Family*, de Vila Nova de Poiares, a festa Ska dos *Albert Fish* e dos *Skareta*, ambos de Lisboa, o Rock forte electrónico e dançável dos *F.E.V.E.R* e dos *Sigma*, o inovador Hardcore dos *Twenty Inch Burial*, a pujança Funk dos *Yellow W Van* e finalmente o espectáculo de ambiente de baile proporcionado pela fusão de elementos musicais de origem étnica dos *Dazkarieh*.



Centenário de Caraça assinalado na Festa



No centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, a memória do cidadão e do cientista será evocada em vários locais e momentos da programação da Festa do «Avante!».

No pavilhão da Ciência, situado na zona do lago, irá estar patente uma exposição com fotografias e frases que refere o carácter multifacetado da obra e intervenção de Caraça, que estará ainda em foco no Pavilhão Central, no Café Concerto de Lisboa e num debate a realizar no Fórum, com a participação de José Casanova, Sérgio Vilaça e Regina Marques. Economista, matemático, estatístico e demógrafo, Bento de Jesus Caraça é uma das figuras de maior da cultura portuguesa. Como cidadão, esteve na origem do Movimento da Unidade Nacional Antifascista (MUNAF) que, mais tarde, haveria de dar origem ao Movimento de Unidade Democrática (MUD). Fundou, juntamente com outros professores, a Gazeta Matemática, em 1940, e, em 1941, a Biblioteca Cosmos, de que foi o único director. Foi presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Matemática e delegado da Sociedade aos Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências. Organizador e dinamizador das Universidades Populares, o regime fascista não lhe perdoou a inabalável dedicação à causa da classe operária e foi diversas vezes ser preso pela PIDE, acabando por ser demitido do seu lugar de professor catedrático do ISCEF, em Outubro de 1946, vindo a falecer dois anos depois em 1948.

Militante comunista, Bento de Jesus Caraça, na sua intervenção cívica e cultural, sublinhou a natureza de classe do fascismo, o papel do Estado na consolidação do poder de uma classe - a grande burguesia -, ao mesmo tempo que esteve com as lutas e as causas dos trabalhadores e do Socialismo. Teve ainda um papel destacado na acção da Universidade Popular Portuguesa, de que foi presidente durante vários anos consecutivos, aí contribuindo para elevar a educação dos trabalhadores e sublinhando a importância das organizações sindicais no processo de libertação dos seus membros através da cultura.



Espaço do Livro



Novidades e oportunidades

Nos últimos 25 anos, os livros tiveram sempre um lugar especial na Festa do «Avante!». Ponto de encontro entre leitores e autores, o Espaço do Livro continuará a oferecer aos visitantes uma vasta oferta de títulos, de todos os géneros e nas mais diversas áreas do conhecimento. Com a presença assegurada de meia centena de editoras, a organização promete para neste espaço promoções a preços absolutamente fantásticos e ainda a oportunidade de adquirir em primeira mão várias novidades editoriais que serão ali lançadas.

Nesta autêntica festa do livro, os descontos vão até aos 40 por cento sobre o preço de capa normal, mas as verdadeiras pechinchas encontram-se na Feira de Saldos, onde se pode adquirir livros a partir de 350 escudos.

Prevista está igualmente a presença de escritores conhecidos em sessões de autógrafos, bem como os novos lançamentos, com a participação dos autores. Entre estes, adiantamos desde já o lançamento do livro de Joaquim Gomes, *Estórias de Uma Vida de Luta*, e também o novo volume de Armando Sousa Teixeira, *A Rua Direita e a Ganilha do Lado da Praia - Barreiro Uma História de Trabalho, Resistência e Luta (volume III)*.

Especial relevo terá o lançamento do livro do XVI Congresso que reúne num só volume todas as intervenções e documentos produzidos e aprovados na reunião magna dos comunistas portugueses, realizada em Dezembro do ano passado. Do prelo sai ainda a reedição há muito esperada de *Rumo à Vitória*, de Álvaro Cunhal.

Entre outras novidades editoriais destaca-se ainda: o livro de Jaime Serra, *O Abalo do Poder*; Seis Serigrafias de Rogério Ribeiro, reproduzindo outras tantas ilustrações da sua autoria para romance de Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*; o último romance de José Saramago, *A Caverna*; o recém-lançado *Na Berma de Nenhuma Estrada*, de Mia Couto, e o segundo volume da série de quatro livros póstumos de Manuel da Fonseca intitulado *O Vagabundo na Cidade*, recentemente editado.

A esta lista, juntam-se ainda as recentes edições de Mário de Carvalho, Daniel Sampaio e Sophia de Mello Breyner. Crianças e jovens não ficaram esquecidos. À sua disposição existem álbuns de grande qualidade, novas colecções, novidades editoriais, prevendo-se ainda sessões de autógrafos com alguns dos escritores preferidos.



Agora custa apenas 2500 escudos. Nos dias da Festa, o preço será de 3500 escudos

Jornadas de trabalho

Faltam duas semanas

O trabalho na Quinta da Atalaia está a entrar na sua fase final. A duas semanas da abertura aos visitantes, aumenta a azáfama entre os camaradas que estão envolvidos na construção e decoração dos espaços e pavilhões. E o caso não é para menos. O tempo começa a escassear e todos os braços são poucos para erguer esta Festa - a 25.ª - que certamente irá ocupar um lugar especial na nossa memória associada a comemorações tão importantes como os 80 anos do PCP, os 70 do jornal «Avante!» e os 25 anos do Poder Local Democrático.



ÁLVARO CUNHAL

Visite a Festa do Livro

Um mundo à sua espera

Milhares de livros * Meia centena de editoras

* Sessões de autógrafos * Preços excepcionais **Novidades**

edições
Avante!



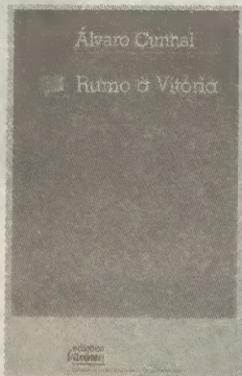
PROJECTOS
«Eu gostava de saber pintar»

Projectos

«eu gostava de saber pintar»

Reprodução de oito pinturas inéditas de

Álvaro Cunhal



Rumo à Vitória

Álvaro Cunhal

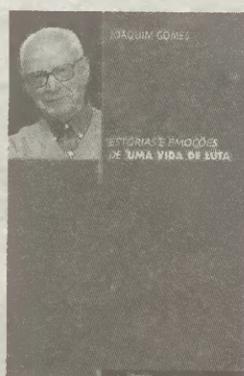
De novo à venda a reedição há muito esperada.



O Abalo do Poder

Jaime Serra

O autor passa em revista os principais acontecimentos do passado recente, opondo os factos às tentativas de deturpação da verdade histórica.



Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta

Joaquim Gomes

Páginas de recordações umas vezes comoventes, outras dramáticas, outras ainda eivadas de fina ironia, mas sempre plenas de sensibilidade e humanismo.



A Rua Direita e a Ganilha do Lado da Praia

Armando de Sousa Teixeira

Um pesadelo de lagartas metálicas de tanques e carros de assalto rasgando a estrada, deixando fundas marcas no alcatrão ainda recente, e nas almas.



6 Serigrafias para o romance de Manuel Tiago Até Amanhã Camaradas

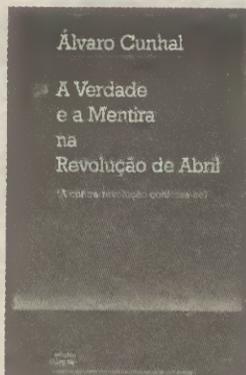
Edição muito limitada, numerada e assinada pelo autor. Estas serigrafias reproduzem as mais representativas ilustrações de **Rogério Ribeiro** para este romance.



Um Risco na Areia

Manuel Tiago

O seu mais recente romance. A luta pela derrota da ofensiva contra-revolucionária de 28 de Setembro de 1974, em que se entrecruzam personagens que nos mostram toda a complexidade do ser humano.



A Verdade e a Mentira na Revolução de Abril

Álvaro Cunhal

Na acção política, a verdade constitui um valor identificador de uns e a mentira uma prática viciosa e sistemática de outros. Dos partidos e fora dos partidos. Revelaram-se, na Revolução de Abril e na contra-revolução, como elementos característicos da identidade de cada partido e das suas diferenças.(...)



O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo

V. I. Lênine

Edição comemorativa do 130.º aniversário do nascimento do autor. Por toda esta obra de Lênine perpassa um sentido de urgência e de responsabilidade histórica perante as exigências duma luta de classes que desembocou na Revolução Socialista de Outubro.



1969: Um Marco no Caminho da Liberdade

Lino de Carvalho

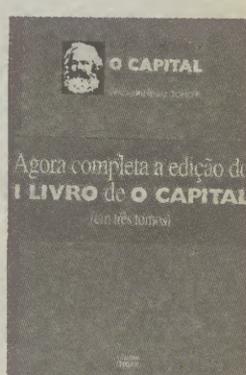
O presente trabalho tem desde logo o mérito de representar uma importante contribuição para situar e identificar as questões-chave da orientação e das formas de intervenção política que assumiram uma decisiva relevância em todo esse período crucial.



Jornalismo e Sociedade

Fernando Correia

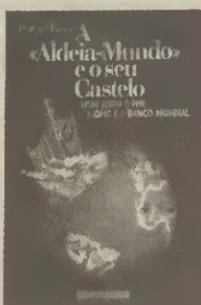
Uma coisa são as novas tecnologias e as suas extraordinárias potencialidades para o bem dos homens, outra coisa é o manto dissimulador e anestesiante de uma «era da informação» encarada como uma espécie de «desígnio global da humanidade».



O Capital (Livro Primeiro - Tomo III)

Karl Marx

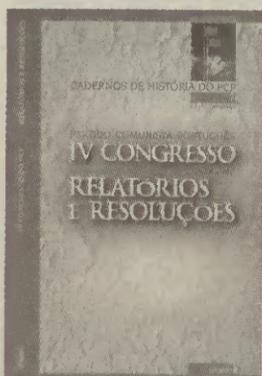
Marx descobriu o segredo da exploração capitalista e formulou uma teoria verdadeiramente científica da mais-valia que, segundo a expressão de Engels, provocou a mesma impressão que «um trovão num céu sereno».



A «Aldeia-Mundo» e o seu Castelo

Philippe Paraire

Ensaio contra o FMI, a OMC e o Banco Mundial. Até onde irá a globalização? O que se vê por toda a parte é o aumento da dívida, o recuo dos direitos sociais, conflitos étnicos, degradação do meio natural, desenvolvimento selvagem e desigualdades em único benefício de um Capital que se tornou global.



IV Congresso Relatórios e Conclusões (II Volume)

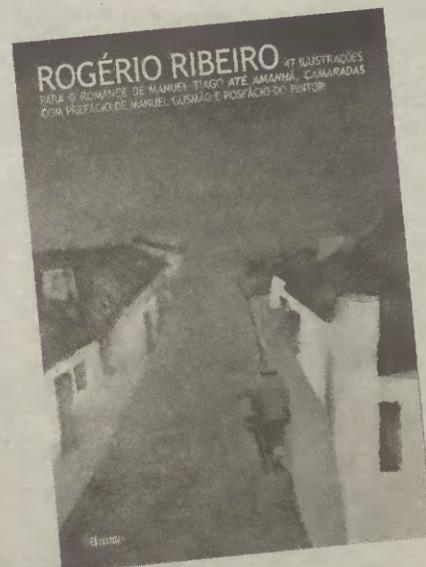
Neste Volume II e último, relativo ao IV Congresso (2.º ilegal) do PCP, publicam-se os Relatórios, Resoluções e Anexos, resultantes dos trabalhos.



Relatório sobre o Algarve

Carlos Costa

Quem ler o relatório não poderá deixar de o constatar – rata-se de uma obra de um revolucionário profissional, na autêntica acepção leninista, e de um exemplo vivo do estilo e do método de trabalho caracterizadores do Partido Comunista Português.



47 Ilustrações Para o Romance de Manuel Tiago Até Amanhã, Camaradas Rogério Ribeiro

O livro fala da luta do Partido Comunista Português, e estas imagens ambicionam ser também, de algum modo, um relato dessa luta. Testemunho a somar aos de tantos camaradas neste caminho ambicioso, fecundo e fraterno, a rolar sobre os anos com uma inequívoca esperança.

Obras de
Manuel Tiago
pseudónimo de
Álvaro Cunhal

Até Amanhã,
Camaradas

Cinco Dias, Cinco Noites

A Estrela de Seis Pontas

A Casa de Eulália

Fronteiras

Um Risco na Areia

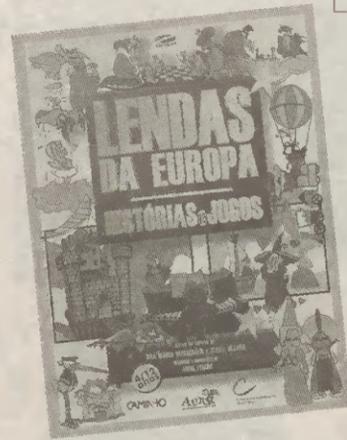
Uma Aventura

Com o seu talento muito especial, criando enredos trepidantes e cheios de emoção, **Ana Maria Magalhães** e **Isabel Alçada** ganharam para a leitura uma geração inteira de jovens. A colecção vendeu já mais de seis milhões de exemplares, um sucesso ímpar em Portugal.

Para os mais novos



Uma Aventura no Castelo dos Ventos
O que é o Galopador? Quem roubou as preciosas imagens de S.Tiago? Que misteriosos segredos encerra o castelo batido pelos ventos? Mais emocionante do que nunca, uma nova aventura das gêmeas e dos seus amigos, desta vez na região de Palmela.



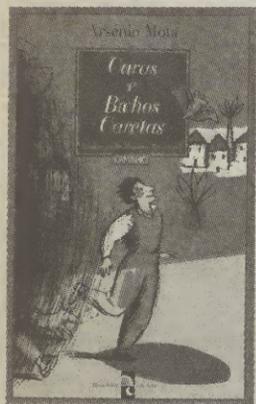
CD-rom
Lendas da Europa
Histórias e Jogos

Este CD-rom contém lendas dos 15 países da União Europeia destinada aos mais novos, e também informação sobre a Europa, a par de jogos de computador para todas as idades.

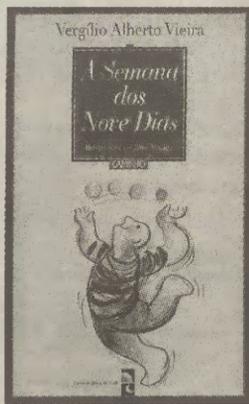
Colecção Livros do Dia e da Noite

A variedade caracteriza esta colecção de autores portugueses para crianças e jovens. Abrangendo géneros e temas diversos, o critério de publicação

é a qualidade dos textos. Entre os autores encontram-se nomes já bem estabelecidos, mas está também aberta a novos valores.



Novidade



Novidades

Volumes publicados

Cinco Tempos, Quatro intervalos
Ana Saldanha
O Saco de Mentiras
Vergílio Alberto Vieira
Diário Secreto de Camila
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Versos com Reversos
João Pedro Méseder
Os Doze de Inglaterra seguido de O Guarda Vento
António Torrado
Segredos e Brinquedos

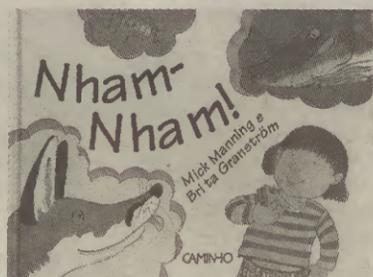
Matilde Rosa Araújo
O Peixinho Folha-de-Água
Vergílio Alberto Vieira
Diário Cruzado de João e Joana
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Para o Meio da Rua
Ana Saldanha
A Guerra dos Sinais
Natércia Rocha
Do Alto do Cavalinho Azul
Vergílio Alberto Vieira
De que Cor é o Desejo?
João Pedro Méseder

Colecção Mil Descobertas

Pequenos álbuns ilustrados a cores, que oferecem com bom humor uma abordagem original de informações e conceitos básicos. Imagens e assuntos familiares são o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos.

Colecção Livros do Arco-Íris

Ilustrações que enchem a página, textos curtos, os melhores autores e ilustradores. Pequenos álbuns cartonados, ilustrados a cores. Livros feitos a pensar nos pequenos «leitores» que ainda não sabem ler.



Nham-Nham!

Nham-Nham! é um livro que fala de mastigar e engolir – ou seja, é um livro que fala de alimentação. E também fala de uma cadeia: a cadeia alimentar em que cada ser vivo desempenha o seu papel.

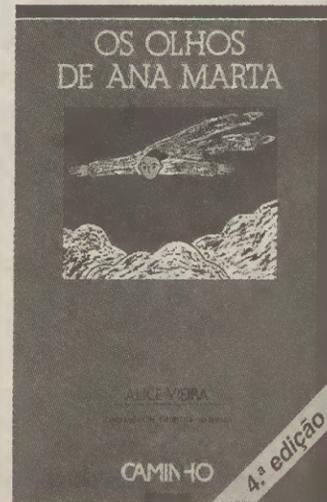


Chape Chape Chape!

Chape Chape Chape! é uma viagem de descoberta da água. Acompanhamos as aventuras de um rapaz e do seu cão, flutuamos nas ondas, pairamos nas nuvens, descemos rios caudalosos até onde toda a água vai parar... e recomeçar.

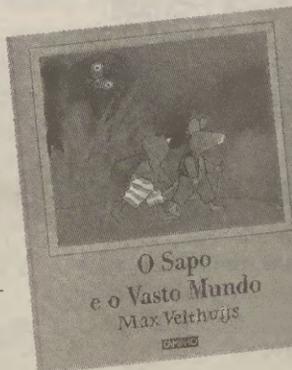


A superior qualidade de uma das maiores escritoras para jovens



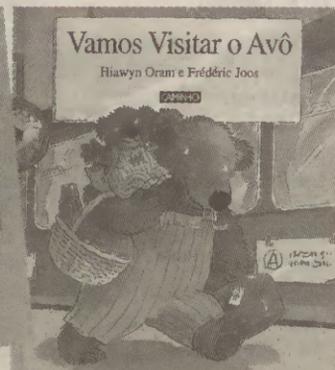
Talvez o melhor romance de **Alice Vieira**. Traduzido em várias línguas.

Premio Octogones 2001



O Sapo e o Vasto Mundo

Cheio de entusiasmo, o Sapo acompanha o Rato nas suas viagens em busca de aventuras. Mas o Sapo em breve sente saudades do Porco, da Pata e da Lebre e descobre que o vasto mundo é muito longe de casa...



Vamos Visitar o Avô

A Ursina e o Ursino apanham o comboio para ir visitar o Avô. Mas o comboio nunca mais chega. Então a Ursina tem uma ideia para chegar mais depressa...



Colecção Bravo

Ao longo de 124 páginas integralmente ilustradas a cores, os livros oferecem um panorama aprofundado dos mais variados temas históricos e científicos. Uma colecção de vocação enciclopédica destinada a jovens e a adultos curiosos.

Volumes publicados:

Os Egípcios

História da Tecnologia

Três Mestres do Renascimento

– Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael

Ecologia

História da Economia

A Pré-História do Homem

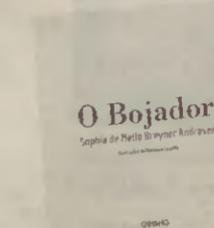
O Universo



Histórias Para Ir Dormir

Margaret Mayo

Estas *Histórias* têm as suas raízes em contos tradicionais célebres, com origens tão diversas como os índios Hopi, o Japão, ou a Hungria. Contadas de novo e adaptadas para deliciar as crianças de hoje. Um magnífico álbum, com ilustrações em todas as páginas.



O Bojador

Sophia de Mello Breyner Andresen

Este livro foi escrito por Sophia quando as filhas Maria e Isabel eram pequenas, e destinava-se a ser representado numa festa de escola. Mas, por ironia do destino, acabou por ficar esquecido numa gaveta, até hoje. É um texto magnífico.



Fiz das Pernas Coração
Contos Tradicionais Portugueses

José António Gomes

Os catorze contos reunidos neste livro provêm da tradição oral portuguesa. Na selecção dos textos, procurou o organizador contemplar diferentes tipos de narrativas, nomeadamente os contos de encantamento, as histórias de animais, as lendas e as facécias.



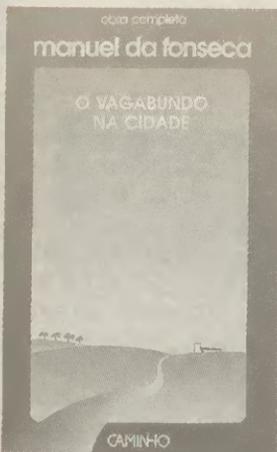
Contos da Terra do Dragão

Contos tradicionais e populares da China

Este conjunto de histórias e anedotas baseia-se nas lendas e contos tradicionais chineses transmitidos de geração em geração. São importantes para um melhor conhecimento da mentalidade e cultura chinesas.

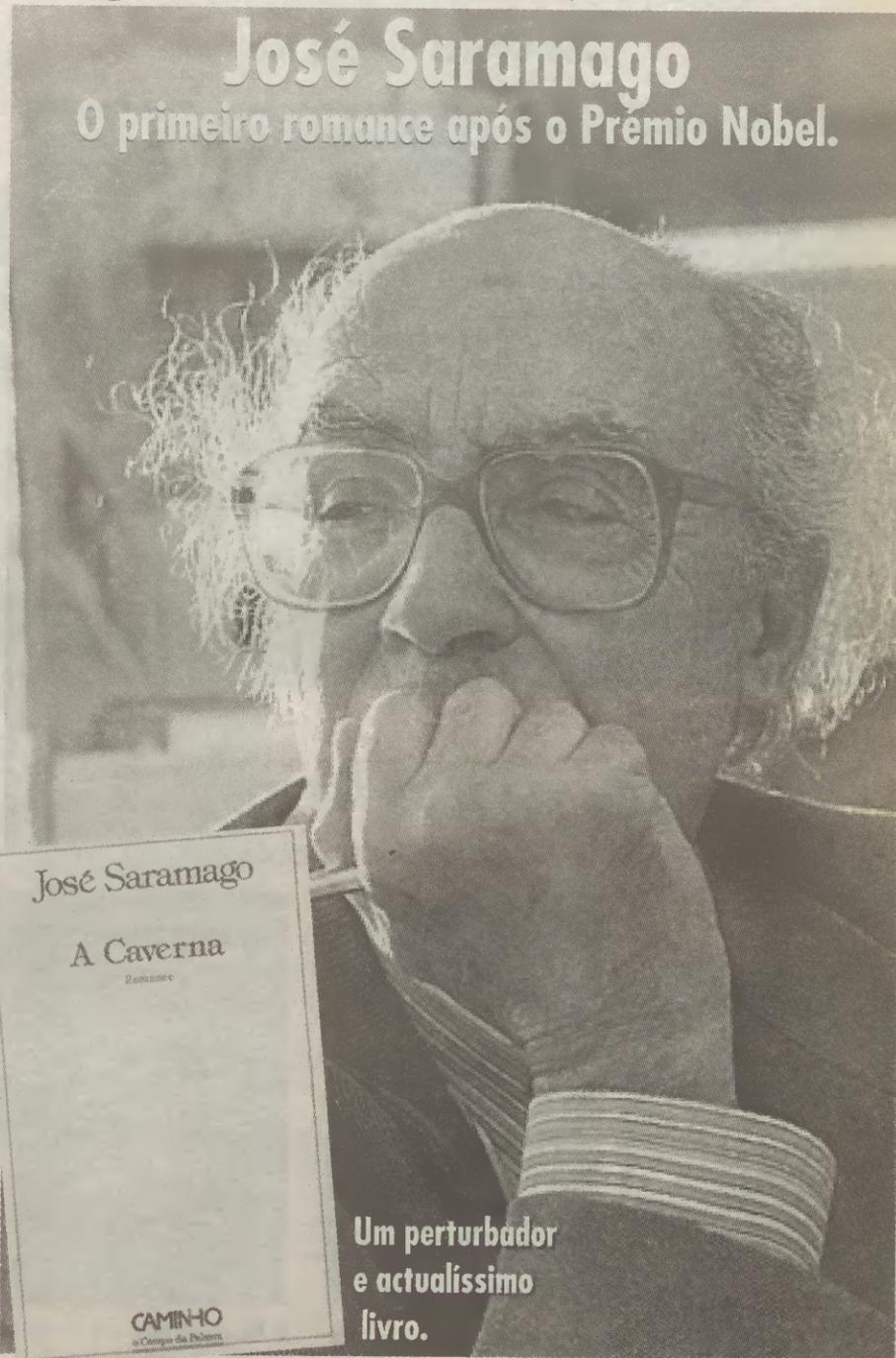
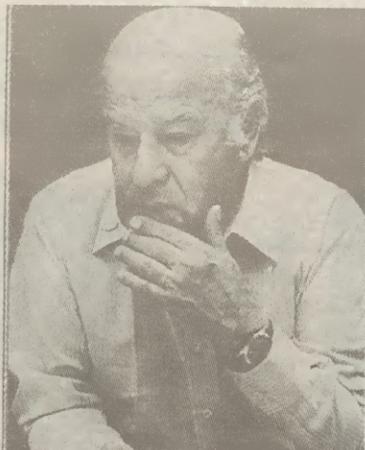


Literatura portuguesa e ficção



O Vagabundo na Cidade
Manuel da Fonseca

Um novo livro que espelha a sua imortal arte de contador de histórias.



José Saramago
O primeiro romance após o Prémio Nobel.

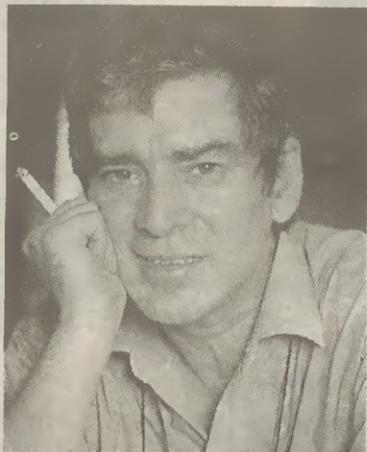
José Saramago
A Caverna
Romance

Um perturbador e actualíssimo livro.



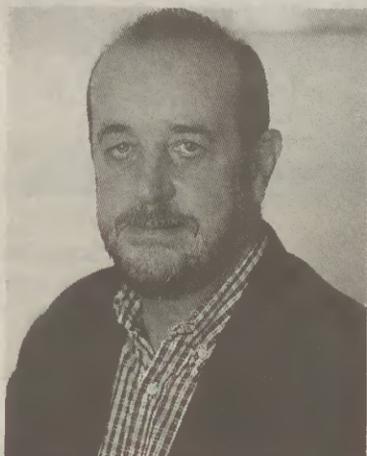
Contos Vagabundos
Mário de Carvalho

Um dos mestres da literatura portuguesa contemporânea.



Tudo o Que Temos Cá Dentro
Daniel Sampaio

Um novo livro que se lê como um romance.



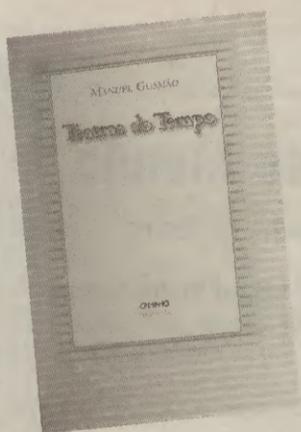
Três novos livros que comprovam a qualidade da literatura portuguesa contemporânea.



Ficção
A Pele dos Séculos
Joana Ruas



Poesia
Todas as Cores do Azul
Isabel Cristina Pires



Teatros do Tempo
Manuel Gusmão

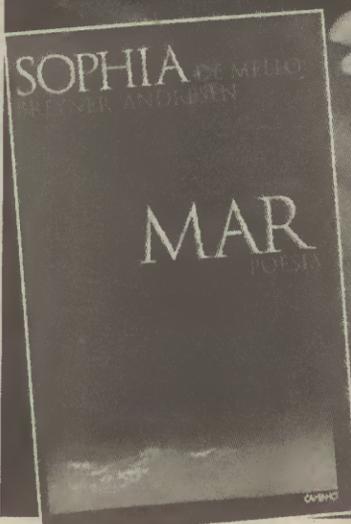
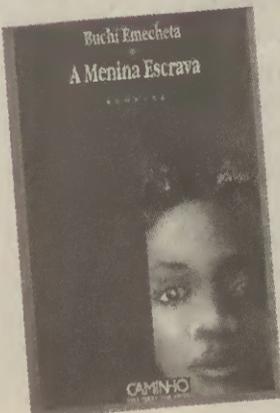
Colecção Uma Terra sem Amos o melhor da ficção estrangeira



Off-side
Gonzalo Torrente Ballester

A Menina Escrava
Buchi Emecheta

Prémio Jock Campbell



Sophia de Melo Breyner Andresen

SOPHIA DE MELO BREYNER ANDRESEN
MAR

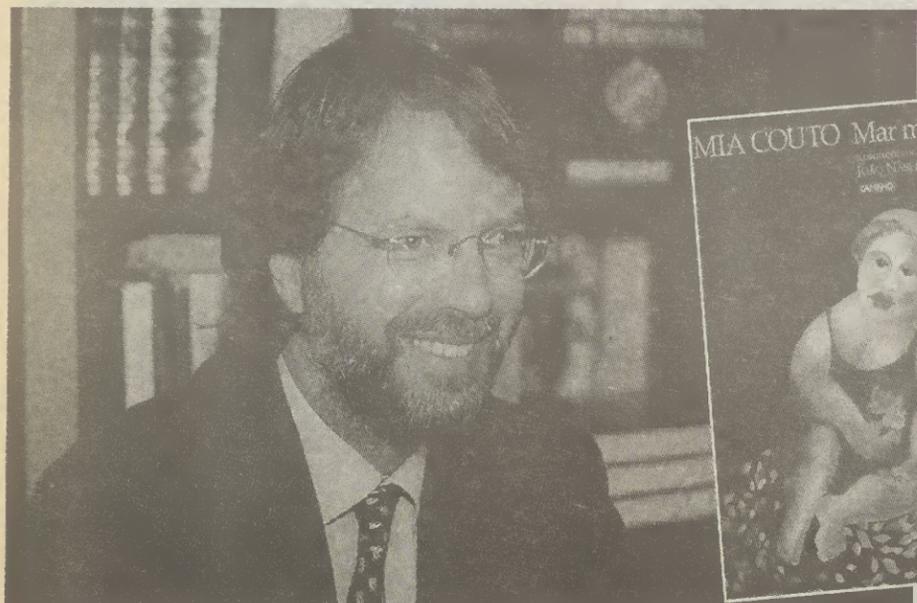
Antologia constituída pelos poemas de Sophia em que o elemento marítimo é a principal ou única referência.



Temas africanos – literatura

Mia Couto: um dos mais talentosos escritores da actualidade

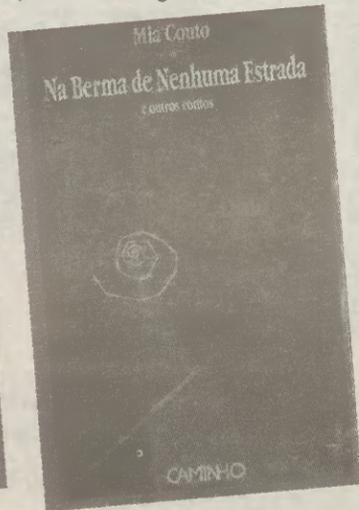
Prémio Mário António 2000 (Fund. Cal. Gulbenkian). Prémio Vergílio Ferreira 1999. As três mais recentes obras do autor:



Mar Me Quer
4.ª edição
16 000 exemplares



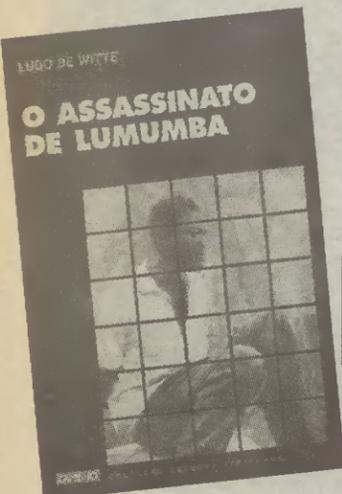
O Último Voo do Flamingo
2.ª edição
16 000 exemplares



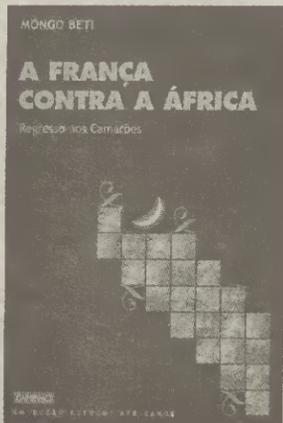
Na Berma de Nenhuma Estrada

Colecção Estudos Africanos

Uma nova colecção que dá voz aos problemas de África



O Assassinato de Lumumba
O assassinato de Patrice Lumumba em 1961 foi certamente um dos mais importantes acontecimentos na história do continente africano na segunda metade do século XX. As suas repercussões foram imensas, e ainda hoje o mundo sofre os seus efeitos.
Ludo de Witte



A França contra África
Regresso aos Camarões
Mongo Beti



A Destruição de um País
A Política dos Estados Unidos para Angola desde 1945
George Wright

Novos títulos, outros autores

Ensaio

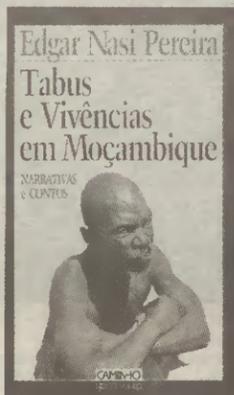
Poesia

Ficção

Tabus e Vivências em Moçambique
Edgar Nasi Pereira
Narrativas e Contos.

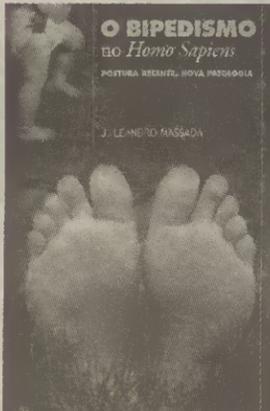
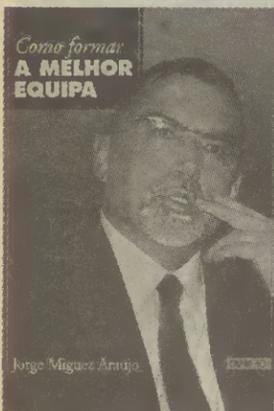
Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos
Paula Tavares

Momentos de Aqui
Ondkijaki
No Inferno
Arménio Vieira



Ensaio

Três novos livros para quem gosta de desporto



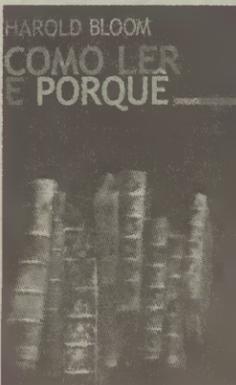
O Bipedismo no Homo Sapiens
Postura recente. Nova patologia
Leandro Massada

Como Formar a Melhor Equipa
Jorge Miguez Araújo

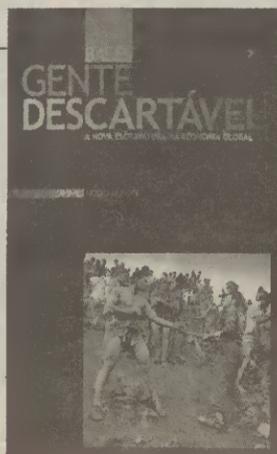
Gostava de Treinar. O que tenho que fazer?
A. Vasconcelos Raposo

Colecção Nosso Mundo

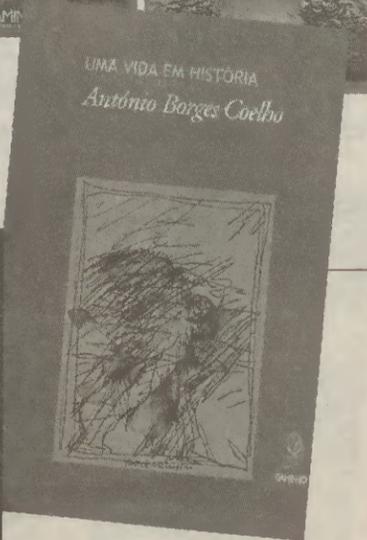
Temas variados e muito actuais



Como Ler e Porquê
Harold Bloom
Este livro ensina como e porque ler, procedendo através de uma variedade de exemplos e de casos: poemas curtos e longos, contos, romances e textos dramáticos.



Gente Descartável
Kevin Bales
A nova escravatura na economia global.



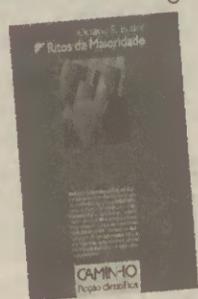
Uma Vida em História
Estudos em homenagem a António Borges Coelho. Reúne-se neste volume um vasto número de estudos de alguns dos mais conceituados nomes da historiografia contemporânea que assim não quiseram deixar de se associar a esta homenagem.

História do Pensamento Filosófico Português



Renascimento e Contra-Reforma
A História do Pensamento Filosófico Português é composta por 5 volumes.
Volume I: A Idade Média
Volume II: Renascimento e Contra-Reforma
Volume III: As Luzes (a publicar)
Volume IV: O Século XIX (a publicar)
Volume V: O Século XX (Tomos I e II)

Provavelmente a melhor colecção de literatura policial e de ficção científica editada em Portugal



Ritos da Maioridade
Octavia E. Butler



Terra Incógnita
Margarida Utne

Saldos de Fins de Edição desconto mínimo de 50% ★ Bons livros a preços excepcionais! 350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

Médio Oriente

Israel tomou segunda-feira posição contra a reunião do conselho de segurança da ONU, convocada por iniciativa dos palestinianos e dos países árabes para discutir a situação no Médio Oriente.

«Israel opõe-se à iniciativa palestinianista destinada a internacionalizar este conflito», declarou um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros israelita, considerando que tal não contribuirá para os esforços que afirma que os israelitas estão a desenvolver no sentido de instaurar um cessar-fogo.

Entretanto, três palestinianos, entre os quais duas crianças, foram mortos e nove ficaram feridos, alguns com gravidade, por disparos israelitas contra Rafah, Sul da Faixa de Gaza. Várias centenas de palestinianos realizaram depois uma manifestação em Rafah, denunciando a «agressão israelita» e apelando ao prosseguimento do Intifada contra Israel, referiram fontes palestinianas.

Indonésia

A nova presidente da Indonésia, Megawati Sukarnoputri, apelou na passada semana, no seu primeiro discurso sobre o estado da Nação, à reforma das Forças Armadas e denunciou a corrupção endémica no país. Falando no Parlamento em Jacarta, na véspera da comemoração do quinquagésimo sexto aniversário da independência da Indonésia, Sukarnoputri defendeu que a corrupção tem de ser erradicada do país para que o processo de democratização vingue e que a economia recupere. A presidente indonésia, que nunca apoiou a independência de Timor-Leste, aproveitou também este seu discurso para reconhecer publicamente pela primeira vez o direito do território à autodeterminação.

Bulgária

O primeiro-ministro búlgaro, o ex-rei Simeão II, anunciou segunda-feira o primeiro conjunto de medidas, que inclui uma redução geral dos impostos e dos gastos da Administração Pública e o aumento do salário mínimo. Num discurso à nação, o recém-eleito primeiro-ministro declarou que o objectivo destas medidas prende-se com a criação de um melhor clima para os investimentos estrangeiros, de forma a conseguir um maior crescimento económico e a abertura de novos postos de trabalho. Parte das medidas entrarão em vigor no próximo mês de Outubro; a electricidade aumentará 10 por cento, enquanto os salários passarão de 85 para 100 levas (de 43 para 51 euros - 17,65 por cento). Para controlar os gastos da Administração Pública, vai ser reduzido em 10 por cento o número de funcionários.

Angola quer Jonas Savimbi em tribunal internacional

Savimbi criminoso de guerra

O governo angolano apelou ao Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, para que desencadeie um processo tendo em vista levar Jonas Savimbi a responder perante um tribunal internacional por crimes de guerra.

«Gostaria em nome do povo angolano, de solicitar a V. Ex.ª que se digne a usar de todas as influências de que goza tendo em vista o reforço das sanções e que se desencadeie o processo que leve Jonas Savimbi a um tribunal internacional como criminoso de guerra, desencorajando todas as forças que, em diversas partes do mundo, continuam a apoiar moral e mate-

A mensagem foi lida sábado pela ministra angolana da Família e Promoção da Mulher, Cândida Celeste, no final de uma marcha de protesto contra o ataque da UNITA a um comboio, ocorrido a 10 de Agosto na província do Cuanza Norte, que provocou mais de duas centenas e meia de mortos.

A marcha, que reuniu milhares de pessoas teve inf-

representante do Secretário-Geral da ONU em Angola, o diplomata moçambicano Mussagy Jeichande.

No meio dos protestos, as frases mais gritadas eram «Nós queremos paz» e «Savimbi é assassino». Os manifestantes entoavam ainda slogans como «Quem mata o nosso povo não pode falar em paz» e «Basta de mentiras e cobardia, quem deseja a paz não mata pessoas inocentes».

A marcha que contou com a participação do Presidente da Assembleia Nacional, Roberto de Almeida, membros do governo angolano, deputados e

inocentes serão massacrados», aludindo aos ataques da UNITA em Zenza do Itombe, Caxito, Santa Clara, Catete e Dombe Grande, ocorridos ao longo dos últimos meses.

Massacre do comboio

O ataque, reivindicado pela UNITA, fez explodir um comboio que fazia a ligação entre Luanda e o Dondo e transportava cerca de 500 pessoas. O comboio accionou uma mina próximo da localidade de Maria Teresa, tendo descarrilado uma parte da composição e incendiado um dos dois vagões cisterna carregados de combustível.

Segundo o testemunho de alguns sobreviventes, imediatamente após a imobilização do comboio, surgiu um grupo de homens armados, que começaram a disparar indiscriminadamente sobre os passageiros que tentavam fugir do local.

O trajecto da viagem, com cerca de 170 quilómetros, era considerado seguro e, por isso mesmo, o comboio era muito procurado.

Luto nacional

O governo de Angola decretou luto nacional de dois dias, nas passadas quinta e sexta-feira, em memória das vítimas do massacre do comboio do Dondo.

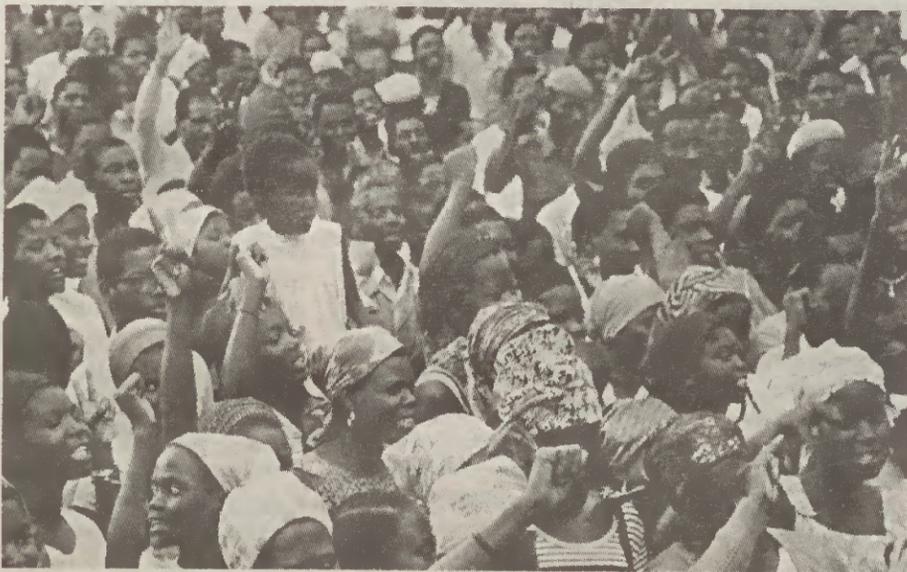
A decisão foi tomada pelo Conselho de Ministros sob a orientação do Presidente da República, José Eduardo dos Santos. O massacre foi considerado pelo governo «um crime contra a humanidade».

O Conselho de Ministros decidiu também aprovar um orçamento de apoio e criar uma comissão multi-sectorial para providenciar o suporte material e moral aos familiares das vítimas, a exumação dos corpos enterrados na via e a sua transladação para a realização de funerais dignos.

ONU condena atentado

Entretanto, o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou «severamente» na passada semana o atentado contra o comboio angolano. Através de um comunicado, o Conselho de Segurança reafirmou o apoio às sanções impostas há oito anos contra a UNITA, acrescentando que «como nos ataques precedentes, a UNITA visou deliberadamente os civis».

Lê-se ainda, no documento, que «os membros do Conselho reafirmam o seu apoio aos preparativos para as eleições, que devem realizar-se em Angola em 2002», sublinhando que os ataques da UNITA não devem impedir esses esforços.



«Savimbi é um assassino!»

rialmente a continuação da guerra e do sofrimento do povo angolano», refere uma mensagem dirigida a Kofi Annan.

cio no Largo do Kinaxixi e terminou junto do edifício das Nações Unidas em Luanda, onde Cândida Celeste entregou a mensagem ao

dirigentes políticos, entre os quais o Líder da UNITA-Renovada, Eugénio Manuvakola, era aberta por um pano onde se podia ler «Até quando civis

• Manuel Gouveia

Os da Sintel

A visão do Passeio da Castelhana, em pleno Centro de Madrid, chama a atenção a qualquer um. Numa extensão de várias centenas de metros, um dos lados daquela que é uma das principais artérias da cidade está pejado de barracas destruídas. A pergunta impõe-se: que é isto? Rápido, e orgulhoso, um camarada espanhol responde: é dos da Sintel.

Estranha a minha ignorância, afinal venho de Portugal, mesmo ali ao lado. Lá lhe explico que com isto da globalização, de Espanha a Portugal as notícias voam rápidas realmente, ainda o Figo não marcou o golo e já em Lisboa se festeja, ainda a ETA não reivindicou mais um atentado e já em Portugal se choram as vítimas, mas para os trabalhadores, as suas lutas e vitórias, a velocidade é bem menor: esperar que chegue o Mundo Obrero; telefonar a um camarada e perguntar-lhe que passa; filtrar a Internet à procura de informações.

Mas passemos então a informar sobre «os da Sintel». Em 1996, o PP ganha as eleições legislativas em Espanha. Um dos seus apoiantes e financiadores públicos, aliás «amigo pessoal» de Aznar nas suas próprias palavras, é Mas Canosa, essa sinistra e repugnante criatura que liderou até há bem pouco tempo os «guzanos» (*) de Miami. Ganhos as eleições, o PP prosseguiu a política de privatizações que o Partido Socialista iniciara. A Sintel, filial da Telefónica, é considerada para privatização, e através de um esquema de corrupção e favoritismo público vai parar às mãos da família Mas Canosa.

Lavado o que havia para lavar, sacado o que havia para sacar, os novos donos decidem abrir falência, e mandar para o desem-

prego, o desespero e os tribunais-tartaruga quase dois mil trabalhadores com salários em atraso. Os trabalhadores recusaram o quadro jurídico em que os queriam empregar vivos. E apontaram o dedo e a luta ao poder político, eleito pelos exploradores para os exploradores servir.

E nasce a espantosa luta que durante 187 dias e noites ocupou o Passeio da Castelhana. Os trabalhadores decidem acampar em frente ao Ministério do Trabalho até que o Governo ceda na defesa dos seus direitos. E o que estava previsto ser um acampamento de uma semana, perante a resistência do Governo, prolongou-se pelos meses; cada dia que passava, uma nova estrutura nascia para dar resposta logística a uma nova necessidade, um auditório, um ATL, um refeitório. Em madeira, papelão, lusalite, plástico, fruto da coragem e unidade destes trabalhadores, nascia uma nova cidade em pleno centro de Madrid. Uma cidade que o Governo pensou não resistir ao frio Inverno de Madrid, preparava-se para enfrentar o Verão, reunindo mais solidariedades a cada dia.

A semana passada, o Governo cedeu. Os quase dois mil trabalhadores da Sintel forçaram o Governo a reconhecer as suas responsabilidades e a reconhecer-lhes os direitos.

Quando por lá passei, já os trabalhadores da Câmara de Madrid e da Sintel procediam à remoção de todo o espaço.

Mais tarde, perguntei ao camarada espanhol, se conhecia a luta dos trabalhadores dos Cabos Avila. Não, não conhecia...

(*) Guzanos - em português, vermes. Concisa palavra usada pelos cubanos para definir a máfia de Miami.

Greve geral na Argentina

Milhares de pessoas bloquearam na passada semana, e durante três dias, estradas e pontes na Argentina num protesto contra o ajuste económico do governo.

Segundo dados policiais, cerca de 2000 pessoas permaneceram em cinco bloqueios de estradas no município de La Matanza e em outras oito áreas do Sudoeste desses estado (Morón, Moreno, Lanús, Avellaneda, Estaban Echeverría, Florencio Varela, Mar del Plata e Mar de Ajó).

As pontes sobre a estrada nacional 22, uma das principais estradas da Argentina, que une a capital da província de Neuquén (1700 quilómetros a Sudoeste) com a cidade de Cipolletti (Rio Negro), permaneceram durante 72 horas bloqueadas por desempregados, funcionários públicos, professores e representantes da comunidade universitária.

Em Rio Negro (1900 quilómetros a Sudoeste), a polícia das principais cidades esteve aquartelada em protesto contra o pagamento parcelado dos seus salários com senhas de refeição e alimentação, assim como pelo atraso no pagamento do décimo terceiro mês e salários de Julho.

Professores, trabalhadores judiciais e da saúde dessa mesma província decretaram uma paralisação total das actividades. Bloquearam também a estrada nacional 3, sobre a ponte do Rio Negro que une as cidades de Viedma e Carmen de Patagones.

Os funcionários públicos de diversos sectores da capital argentina também paralisaram as suas actividades para protestar contra o corte salarial que sofreram, numa jornada de luta a que chamaram de «Dia de Luto do Estado Nacional».

«Deficit fiscal zero» na Argentina

A lei do «deficit fiscal zero» dispôs um corte salarial de 13 por cento para os funcionários públicos e reformados que ganham mais de 500 pesos.

Na terça-feira, no primeiro dos três dias de protesto, ocorreram 103 bloqueios «esporádicos» em todo o país, com a participação de 13 mil trabalhadores. Os organizadores, por sua vez, calcularam em mais de 300 os bloqueios de estradas e avenidas.

Agenda europeia com ritmo belga

• Pedro Guerreiro

Aproximando-se o final do mais utilizado período de férias – e não esquecendo que muitos portugueses e portuguesas não tiveram a oportunidade de o gozar da forma digna a que têm direito – o ritmo da agenda da UE volta ao seu normal. No âmbito da rotatividade das presidências, cabe ao governo da Bélgica presidir ao Conselho de 1 de Julho a 31 de Dezembro. A generalidade dos governos, ao assumir a presidência, define prioridades tendo em conta os seus interesses específicos, as decisões do Conselho Europeu e o plano de actividades da Comissão Europeia. A Presidência belga apontou um diversificado conjunto de prioridades – que não cabe aqui analisar exaustivamente – de que se realçam algumas linhas de força. Nomeadamente a preparação da entrada em circulação das notas e moedas euro, num quadro de agudização da situação económica e social, com diversos países a mostrarem sinais de que dificilmente cumprirão os critérios definidos no Pacto de Estabilidade (e caso o façam, com que custos sociais e manipulação financeira), e num quadro de

denominado pacote fiscal, entre muitos outros e importantes aspectos – como o apontar de indicadores sobre a qualidade do emprego e a situação social, a criação da patente comunitária, da sociedade europeia...

A militarização como prioridade

Continua a acelerada militarização da UE, através da implementação da Política Europeia Comum de Segurança e de Defesa (PECS), que é apontada como uma das prioridades centrais da Presidência belga e tem como objectivo declarar a sua operacionalidade já na Cimeira de Laeken, que se realiza em Dezembro.

Para tal, aponta a necessidade de reforçar o funcionamento das estruturas da PECS, assegurar os meios militares (tendo o governo do PS avançado já com compromissos quanto à participação das Forças Armadas Portuguesas, com as implicações que se conhecem), assim como a conclusão de um acordo definitivo de cooperação entre a UE e a NATO.

A Presidência belga aponta ainda a necessidade de desenvolver um «conceito global de gestão de crises», que prevê a intervenção e a ingerência da UE antes, durante e após uma situação onde os «seus» interesses sejam postos em causa. A elaboração de um Livro branco sobre a defesa europeia consta igualmente entre os objectivos.

Outra grande prioridade da Presidência belga é chegar a um acordo sobre o conteúdo da agenda, o método e o calendário de preparação da conferência intergovernamental (CIG), prevista, para 2004, na «Declaração sobre o futuro da UE» – anexa ao Tratado de Nice. Esta CIG aponta como objectivos o debate em torno das competências da UE, sobre o papel dos parlamentos nacionais, a reorganização dos tratados e a integração ou não da Carta dos Direitos Fundamentais nos tratados.

A Presidência belga procura incluir a questão do financiamento da UE nesta agenda.

Tudo como se o Não da Irlanda ao Tratado de Nice nunca tivesse existido, ou apesar disso mesmo...

Durante a Presidência belga outros importantes aspectos conhecerão desenvolvimentos como a prossecução da comunitarização da justiça e assuntos internos – nomeadamente com a harmonização dos procedimentos de asilo e a implementação de uma política de imigração – o prosseguimento das negociações para o alargamento da UE, a continuação do debate em torno do futuro das políticas agrícola, de pescas e estrutural ou a preparação da reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio – que se realiza em Novembro – onde procura chegar a acordo com os EUA quanto a uma agenda que possibilite «uma eventual» nova ronda de negociações. De referir que a Presidência belga apontou a intenção de avaliar a oportunidade de estudar, com a Comissão, a viabilidade e as condições para a criação de uma taxa sobre o fluxo de capitais especulativos.

Ou seja, uma agenda que os deputados do PCP ao Parlamento Europeu não deixarão de acompanhar e de tomar posição sempre que esteja em causa a defesa dos interesses dos trabalhadores e das populações do nosso país.

Despedir trabalhadores é o remédio encontrado pelo governo

Economia alemã à beira da recessão

A economia alemã poderá estar à beira de uma recessão, de acordo com os dados divulgados pelo instituto DIW, segundo os quais a economia germânica recuou 0,1 por cento no segundo trimestre do ano.

Por outro lado, o organismo não espera qualquer crescimento para a maior economia da zona euro no terceiro trimestre, o que deixa no limite de recessão, o que a deixa no limite da recessão, definida como dois trimestres consecutivos de crescimento negativo.

«A Alemanha está numa fase de estagnação» e um aumento do consumo resultante de cortes fiscais «não foi suficiente para contrabalançar o desenvolvimento negativo na indústria», acrescentou o DIW, um dos seis institutos financiados pelo Estado e que contribuem para a elaboração das suas previsões.

Um declínio no crescimento económico mundial levou à queda da procura de produtos alemães, levando grandes multinacionais como a Siemens e a Bast a despedir trabalhadores, como forma de reduzir os custos operativos fixos.

A economia dos EUA, destino de 10 por cento das exportações alemãs, cresceu no último trimestre ao ritmo mais baixo dos últimos oito anos, enquanto o Japão se encontra na sua quarta recessão numa década.

Segundo os analistas, a economia alemã deverá apresentar, em 2001, o menor crescimento da economia germânica de 1,4 por cento em 2001, caindo dos três por cento registados em 2000.

Com estes dados, intensifica-se a convicção de que o Banco Central Europeu baixe as taxas de juro, na reunião a 30 de Agosto, uma vez que a Alemanha não é caso único, na Europa.

Plano de redução de impostos para PME

O governo alemão anunciou esta semana um plano de redução de impostos

para as pequenas e médias empresas (PME) estimado em cerca de 150 milhões de euros (30 milhões de contos) em 2002.

Esta diminuição de impostos faz parte de um projecto de reforma da fiscalidade adoptada pelo governo de Gerhard Schröder e vem juntar-se às reduções de cerca de 30 mil milhões de euros já decididas o ano passado para as famílias e empresas.

O ministro das Finanças, Hans Eichel, que apresentou o conteúdo das novas medidas, sublinhou que «estas visam dar um impulso às PME no momento em que a conjuntura na primeira economia da zona euro está a abrandar».

Eichel lembrou que as empresas e os particulares beneficiaram já de reduções de impostos de 23 milhões de euros em 2001 no âmbito da reforma fiscal que entrou em vigor este ano. Mas recusa-se a adiantar a entrada em vigor, no próximo ano, de uma segunda etapa da reforma que prevê 14 mil milhões de euros (7 mil milhões de euros) de reduções suplementares.

OMC exorta Estados Unidos

A União Europeia (UE) confirmou, segunda-feira, que uma comissão de arbitragem da Organização Mundial do Comércio (OMC) deu um parecer favorável à sua posição numa disputa com os Estados Unidos sobre isenções fiscais a exportadores norte-americanos.

«A União Europeia está plenamente satisfeita com

os resultados da comissão e espera que os EUA cumpram a decisão», disse a Comissão Executiva da UE em comunicado oficial.

De acordo com a UE, a comissão concluiu que o programa norte-americano – um substituto para o esquema anterior chamado de Foreign Sales Corporation Act – contém um subsídio para exportação proibido,

viola um acordo internacional sobre agricultura e causa discriminação em favor de bens dos EUA.

Os EUA têm o direito de apelar da decisão. Por seu lado, os europeus advertem sobre a possibilidade de impor até quatro mil milhões de dólares em sanções a produtos norte-americanos caso os Estados Unidos ganhem o caso.

Britânicos a favor de uma Irlanda unida

Quarenta e um por cento dos britânicos são favoráveis a uma Irlanda unida, contra 26 por cento que optam pela manutenção da província da Irlanda do Norte no Reino Unido, segundo uma sondagem publicada terça-feira no jornal «The Guardian».

No estudo, para o qual foram entrevistados 1004 adultos entre os dias 17 e 19

de Agosto, conclui-se que o número de adeptos da união da Irlanda tem vindo a crescer.

O jornal, que titula na primeira página «Aumento do apoio à unidade irlandesa», refere que o resultado da sondagem preocupará os unionistas, que defendem a permanência do Ulster no Reino Unido. Os nacionalistas e os republicanos,

adianta o jornal, tomaram esta sondagem como prova de que os britânicos podem estar dispostos a abandonar a Irlanda do Norte.

Os nacionalistas do Partido Social Democrata e Trabalhista do Ulster (SDLP) e os republicanos do Sinn Féin estão a favor da incorporação da Irlanda do Norte na República da Irlanda.



desconhecimento, gerador de desconfiança, e de falta de preparação para a introdução concreta, nomeadamente no nosso país, deste instrumento de cariz federal que é a moeda única.

É apontado o reforço da coordenação da política económica, no quadro da denominada «estratégia de Lisboa» e da preparação da próxima Cimeira da Primavera – que se realiza em Barcelona, em Março do próximo ano. Insiste-se no prosseguimento ou aprofundamento dos processos de liberalização e abertura à exploração do grande capital de sectores como o gás, electricidade, telecomunicações, serviços postais, transportes. Insiste-se no debate sobre o futuro dos regimes de pensões e da protecção social em geral, procurando chegar a acordo quanto à definição de objectivos comuns até ao final do ano, tendo por fundo o objectivo e a ameaça da abertura à exploração pelo grande capital destes serviços sociais conquistados pelos trabalhadores. Prossegue-se a integração dos mercados financeiros e o avanço do

No Zimbabwe (antiga Rodésia do Sul) começou a ocupação dos latifúndios

• Manoel de Lencastre

A terra a quem a trabalha!

A alma do povo do Zimbabwe está ferida e grita a sua dor. O imperialismo diz que a crise económica do país é irresolúvel e disso culpa o presidente, Robert Mugabe. Mas, se quisermos conhecer a verdade deste processo, temos de concordar com a lógica dos que lutaram, sofreram o internamento, a prisão, a tortura e venceram a guerra contra os colonialistas dando lugar à consagração dos mártires e à independência do país que fulgiu a 18 de Abril de 1980.

A Frente Patriótica derrotou o regime nazi de Ian Smith e, com o apoio da URSS, dos países da chamada «Linha da Frente» (Angola e Moçambique, cuja libertação era recente, Zâmbia, Tanzânia, Botswana) e da Organização dos Estados Africanos, partira para um novo destino de liberdade. Todavia, 21 anos passados, os vencedores continuam pobres e à mercê das condições económicas derivadas dos interesses do capitalismo em África. Os antigos colonizadores continuam na posse das melhores terras e chamam a si as consideráveis receitas da produção do tabaco e do algodão. Nestes termos, o povo decidiu construir o futuro com as suas próprias mãos. A ocupação das terras dos brancos começou.

A situação tornou-se insustentável. Constatou-se que os brancos (agora, apenas 4500) recuaram nas suas ambições

territoriais e ocupam só as melhores terras deixando ao povo filho do Zimbabwe as menos férteis, as menos rentáveis. Daí, grassarem a miséria e a fome, de um lado, a opulência e o poderio financeiro, do outro. O colonialismo, afinal, tem-se mantido. Cedeu o poder político, o que desgasta, preocupa e dá despesas. Mas manteve o controlo económico que só produz riqueza.

Toda a zona do Chinoyi, 125 kms. para nordeste de Harare, assiste, actualmente, à ocupação das terras da gleba onde se edifica o futuro. Os proprietários brancos fogem. E fogem porque não estão, ali de boa-fé. Estão nas suas vastas propriedades (algumas só podem ser percorridas de avião) para explorarem a mão-de-obra rural e, em última análise, a economia do Zimbabwe. O movimento do proletariado rural do Chinoyi alargou-se, rapidamente, a outras áreas. Tenha-se em conta que cada latifundiário emprega centenas de trabalhadores e que estes, com as respectivas famílias (todos habitando o interior da propriedade) representam dois milhões de cidadãos do país.

Luta de classes

Nas zonas urbanas são os brancos, ainda, quem controla os principais negócios. Proprietários, também, dos mais importantes jornais. Mas Mugabe, que não tem ilusões quanto ao que, verdadeiramente, está em jogo, proibiu os chamados meios de comunicação social nacionais e estrangeiros de perturbarem as ocupações das terras. Isto exacerbou os



ânimos da grande imprensa londrina que sugeriu a Tony Blair (primeiro-ministro trabalhista sempre do lado dos patrões) uma enérgica intervenção. Em todos os principais diários britânicos as secções de «Cartas ao Director» andam repletas de mórbidas exigências no sentido de que o governo britânico e a NATO enviem forças militares para o Zimbabwe a fim de que «a legalidade seja preservada», as terras entregues aos seus «legítimos proprietários» e os «desordeiros e ladrões» expulsos e punidos.

Mas os membros do Zanu-Frente Patriótica e as organizações da juventude, em particular, estão a responder. Ocuparam outras propriedades agrícolas nas regiões de Mangura e Umbowe, a 80 quilómetros, para norte de Chinoyi. A Polícia intervém sempre que surgem focos de violência. Quase todos os brancos estão armados e 21 deles foram detidos durante a primeira semana de Agosto. Apresentados a tribunal, o juiz recusou cautioná-los por terem usado meios excessivos face aos trabalhadores desarmados.

Nestas circunstâncias, a organização central dos latifundiários (Commercial Farmers Union) aconselhou os seus membros nas áreas de Doma e Mangura, (terras da Machona ocidental, a 170 kms de Harare) a abandonarem as respectivas propriedades. No cúmulo do histerismo perante o poder popular em acção, uma latifundiária britânica, Jennifer Howe, de 28 anos, gritou: «Para mim, o que está a acontecer só pode comparar-se à expulsão dos judeus na Alemanha nazi ou dos albaneses no Kosovo.»

Estavam em causa 60 grandes propriedades agrícolas e a senhora Howe, evidentemente, exagerou nas comparações que usou. No Zimbabwe, a luta não tem carácter étnico ou racial.

É a luta de classes, mais avançada e mais subtil, a luta histórica pela posse da terra que dá pão, a luta entre os que nada possuem e os que tudo pretendem reter. O «Foreign Office» anunciou, há dias, estar a trabalhar para que «os valores da democracia regressem ao Zimbabwe»...

Chegaram ao Zimbabwe primitivo,
Em busca de ouro, escravos e marfim.
De coisas novas, diferentes, de valor,
De um mundo bem escondido em outro mundo.

Para trás, o Cabo e Tananarivo.
Na sua frente, quatro ambições sem fim.
África seria para um só senhor,
El-rei de Portugal, sábio e profundo.

De «Épocas portuguesas»
Autor desconhecido

A Guerra de Independência do Zimbabwe

Na antiga Rodésia do Sul, a sempre discutida questão da posse da terra e as greves de 1945 e 1948 tinham alertado os colonialistas para o facto de que, existindo condições internacionais favoráveis, emergiria uma aliança entre o proletariado rural e o operariado das principais cidades. A «democracia experimental» dos brancos, todavia, já resvalava num pântano de contradições. Garfield Todd cedera o lugar de primeiro-ministro a sir Edgar Whitehead (1958), mas na ambição dos senhores de África crescia o projecto de uma declaração de independência unilateral (UDI) que separaria a Rodésia racista da potência colonial, a Grã-Bretanha. Este objectivo acabaria por ser levado à prática em 1965 quando o partido maioritário entre os brancos, o «Rhodesian Front», chefiado por Ian Smith que sucedera a Winston Field como primeiro-ministro, no ano anterior, avançou para tão desastroso campo.

A contestação da população negra e do movimento nacionalista centralizava-se, principalmente, na ZANU (Zimbabwean African National Union) que o reverendo Sithole dirigia. Mas este, moderado em relação ao poder branco, era combatido, vigorosamente, por Joshua Nkomo e pelo seu ilegalizado partido, a ZAPU. Logo que chegou ao poder, Ian Smith baniu da prática política os dirigentes patrióticos. Generalizaram-se os internamentos em campos de concentração, as prisões, as torturas, os assassinatos. O novo poder branco tinha confiança no estabelecimento de uma forte aliança com os racistas da África do Sul e os colonialistas portugueses, para eternizar-se. Difícil era a posição da Grã-Bretanha que, apesar de não reconhecer a ilegal UDI e das sanções económicas já em vigor, fazia concessões ao governo fantasma de Salisbury (hoje, Harare).

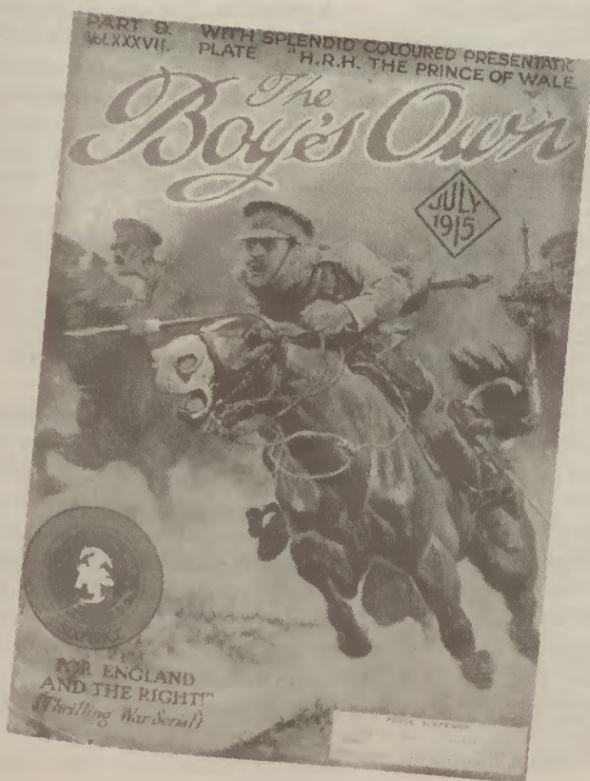
Foi a partir de 1972 que a ZANU iniciou operações militares contra os colonialistas e racistas, usando forças estacionadas em Moçambique, posto que estabeleceria ligações com a FRELIMO. Por outro lado, a ZAPU dispunha de bases na Zâmbia; aí, os seus quadros militares recebiam instrução e moder-

no equipamento através da URSS. A sobrevivência do regime de Ian Smith começou a considerar-se problemática e a revolução portuguesa de Abril de 1974, abrindo as portas à independência de Angola e de Moçambique, complicou-lhe a situação ainda mais. Os racistas assassinaram Herbert Chitepo, um dos mais esclarecidos patriotas, e J.Z.Moyo, dirigente da ZAPU. Joshua Nkomo e Robert Mugabe jaziam na prisão.

Para negociar, o governo dos brancos, apoiado pelo imperialismo, preferia o reverendo Sithole e o bispo Muzorewa. Porém, os próprios dirigentes americanos e britânicos, incluindo Henry Kissinger, começavam a convencer-se de que a independência do Zimbabwe teria de ser discutida à mesa de uma conferência com os autênticos representantes da velha, histórica nação africana - Joshua Nkomo e Robert Mugabe. Estes tinham-se aliado na «Patriotic Front» e sabiam que o destino estava do seu lado.

Em 1977, a Organização de Unidade Africana (OUA) declarava-se, finalmente, a favor da Frente Patriótica. Mas a Conferência Constitucional convocada para Londres (Lancaster House), iniciada a 10 de Setembro de 1979, prolongar-se-ia pelo melhor de 14 semanas. Enquanto isso, a luta encarnava-se em toda a Rodésia. Os racistas usavam os métodos odiosos da guerra secreta e serviam-se de meios aéreos contra as guerrilhas patrióticas.

No fim, Mugabe e Nkomo tiveram de garantir a passagem de leis que defendessem os direitos da minoria branca e lhe permitisse continuar na posse das melhores terras. O cessar-fogo fez reentrar no país um vasto exército de mais de 20 000 guerrilheiros e conduziu a que metade da população não africana dissesse «bye-bye» à terra generosa onde a fortuna lhe sorrira. A independência do Zimbabwe moderno custou 14 anos de rebelião e atrito e sete de uma guerra em que a fúria de interesses opostos deixou milhares de mortos no terreno. Mas chegou, por fim, a 18 de Abril de 1980.



• Miguel Urbano Rodrigues

Por terras da Colômbia (conclusão)

O humanismo

das FARC-EP na palavra de Raul Reyes

– entrevista com o representante da guerrilha na Mesa de Diálogo

O comandante Raul Reyes representa o Secretariado do Estado Maior Central das FARC-EP nas negociações com o governo colombiano que têm por cenário a Vila Nueva Colombia, o estranho cenário dos encontros da Mesa de Diálogo.

Durante as semanas que passei num acampamento da guerrilha, tive a oportunidade de conversar muitas horas com esse guerrilheiro cujos dotes de negociador firme e culto são reconhecidos pelo próprio inimigo. A entrevista que a seguir se publica foi retirada das gravações dessas conversas. No último dia, pedi-lhe que comentasse o significado político, social e militar do acto de libertação pelas FARC de 242 prisioneiros de guerra em La Macarena. O que ele então disse não consta, entretanto, desta edição. A cassetete com a gravação das suas palavras foi-me retirada do bolso no aeroporto de Bogotá por um «pide» colombiano, após o cerrado e inútil interrogatório a que me submeteu antes de embarcar no avião da Cubana, depois de eu ter passado por dois controlos. O energúmeno não imaginava qual o seu conteúdo. Mas quis que eu levasse na memória a imagem da «democracia» colombiana.

te em todas as Frentes das FARC e visa resolver problemas das comunidades desde questões ligadas ao casamento, a delimitação de extremas, cercas, compra e venda de carros, salários, bens de raiz, não cumprimento de contratos de trabalho, etc. No caso de San Vicente e dos outros quatro municípios da Zona Desmilitarizada, a experiência é inédita porque aqui não há força pública. Assim, somos chamados a intervir em grande parte dos problemas que as autoridades municipais não são capazes de resolver. É o povo que espontaneamente nos pede ajuda. Somos convidados sempre para reuniões com os alcaides, os comerciantes, os *ganaderos*, os professores, os médicos, os responsáveis pelos transportes. A nossa tarefa é ajudá-los, sobretudo a nível da organização. Na prática estamos a implantar o poder popular, o poder do trabalho, o poder das comunidades, a participação das comunidades. Não fazemos nada contra a vontade delas. Que lhes dizemos quando as convocamos?

Como pensam vocês que se deve fazer este trabalho? Nós pensamos que deveria ser feito assim e assim... Lançamos a ideia e se eles estão de acordo vamos em frente, incluindo as sugestões que apresentam.

Mauricio Garetá, o responsável das FARC em San Vicente passa o tempo a pavimentar ruas, a organizar brigadas que se ocupam das instalações eléctricas,

Essa é uma das estratégias do inimigo de classe, sobretudo após o fim da URSS e a derrocada do bloco socialista europeu. Para combaterem as forças da esquerda, o imperialismo norte-americano e os seus aliados passaram a utilizar uma suposta luta contra o narcotráfico como justificativa da guerra. No caso da Colômbia a história do narcotráfico permitiu fortalecer a capacidade militar do exército e veio reforçar o apoio dos EUA na luta contra a guerrilha. Mas na realidade a chamada luta contra as drogas serve para camuflar o objectivo: o combate contra a insurreição colombiana. As organizações revolucionárias, por princípio, opõem-se ao narcotráfico. Este é hoje o cancro da humanidade, uma componente do sistema capitalista. Entretanto, a dupla moral do capitalismo leva-o a utilizar o narcotráfico como instrumento de combate às guerrilhas. Somos caluniados. Apresentámos já várias propostas como contribuição à luta contra as drogas. Por princípio, por convicção. Sabemos que a humanidade e sobretudo a juventude estão ameaçadas pelo fenómeno do narcotráfico que corrompe consciências, contribui para o aumento da criminalidade e estimula o mercado de armas e a corrupção. Em primeiro lugar propusemos a legalização da venda...

Mas, comandante, essa questão é muito polémica...

Sabemos da pouca receptividade da opinião internacional a uma medida desse tipo. Mas estudamos o assunto a fundo. Se a venda de narcóticos fosse liberada, os preços, que são altíssimos, cairiam enormemente e o desmoronamento do mercado seria inevitável. Como sabe, o dinheiro proveniente do narcotráfico movimenta negócios de milhares de milhões de dólares que circulam pelo sistema financeiro mundial. O narcotráfico é um negócio do capitalismo. Esses dólares estão no City Bank, no Banco Mundial, servem para pagar juros da dívida mundial, financiam o desporto, estão presentes em incontáveis sectores do sistema.

Os EUA são hoje os maiores consumidores de cocaína e de heroína e os maiores produtores de marijuana e dos ingredientes químicos indispensáveis à elaboração da cocaína. São norte-americanos muitos dos grandes traficantes. Mas os EUA recusam-se a assumir a sua responsabilidade e atribuem as culpas a países do terceiro mundo que produzem a coca, mas são fracos consumidores.

Que propõem as FARC?

Em audiência pública, em Los Pozos, quando sugerimos a substituição de plantações e a protecção do ambiente, condenando os herbicidas, os representantes dos países europeus assumiram a co-responsabilidade no fenómeno do narcotráfico. Apresentámos então uma proposta concreta: substituir as plantações ilícitas e proporcionar aos camponeses assistência técnica e ajuda financeira para que possam cultivar produtos legais. Seria indispensável o apoio do Estado colombiano para evitar que esse dinheiro fosse parar nos bolsos de gente corrupta e de politiqueros.

E qual foi o destino da vossa proposta?

O governo nem sequer respondeu. Ignorou-a. Na última reunião com Pastrana, Marulanda retomou o assunto e ofereceu toda a colaboração das FARC para a erradicação manual das plantações ilícitas.

Creio que num só município, o de Cartagena del Chairá, sob controlo do Estado, se produz quase 90% da cocaína do Departamento.

Assim é. Os camponeses ali não tem outra fonte de recursos. Por isso mesmo, as FARC propuseram que a região fosse transformada em município-piloto na luta pela erradicação das plantações ilícitas. O custo do nosso projecto não excederia 10 milhões de dólares. Mas passaram seis meses e nada. Nos EUA a nossa sugestão foi mal recebida. O que lhes interessa é combater a guerrilha e não o narcotráfico.

As FARC são acusadas de, logo que se implantaram fortemente nos Departamentos do Meta e do Cauquetá, há mais de trinta anos, terem estabelecido o imposto do «gramaje» sobre a coca, sobre cada grama produzida.

As FARC não cobram nenhum imposto de «gramaje». É mais uma calúnia. As FARC cobram, isso sim, um imposto que atinge todos os cidadãos que possuem fortunas superiores a um milhão de dólares, qualquer que seja o seu sector de actividade ou profissão, ganaderos, latifundiários, industriais, empresários.

O equivalente a um milhão de dólares?

Sim. Acima dessa quantia. Essa iniciativa é chamada Lei-002. Abaixo dela não cobramos imposto. Aceitamos contribuições, mas ninguém é obrigado a ajudar-nos.

Qual a percentagem cobrada sobre os lucros?

10 por cento.

E quantas pessoas na Colômbia possuem mais de um milhão de dólares?

Segundo as estatísticas, uns 5 por cento da população têm fortunas superiores a um milhão de dólares.

A propósito dos sequestros chegam acusações sobre as FARC. Se um empresário não pagar o imposto, corre o risco de ser sequestrado?

Não. As FARC não sequestram. O que fazem é tomar medidas, quando necessário, para cobrar o imposto. Aqueles que não pagam são por vezes retidos. Logo que liquidam o imposto podem ir tranquilos para casa.

O Estado e o paramilitarismo

No serviço das agências noticiosas internacionais as referências aos massacres cometidos pelos paramilitares são constantes. Mas o fenómeno do paramilitarismo é muito mal conhecido fora do país. As auto-intituladas Autodefensas Unidas de Colômbia são apresentadas como uma organização civil autónoma. **Que tem a dizer sobre o assunto?**

O paramilitarismo na Colômbia é uma política de Estado, um apêndice do exército. Os paramilitares actuam quando lhes convém, sob a tutela das Forças



O escritório e a casa do comandante Raul Reyes no acampamento

MUR - As FARC-EP são o poder na Zona Desmilitarizada. Qual o balanço da vossa presença numa área do tamanho da Suíça que governam na prática há mais de dois anos?

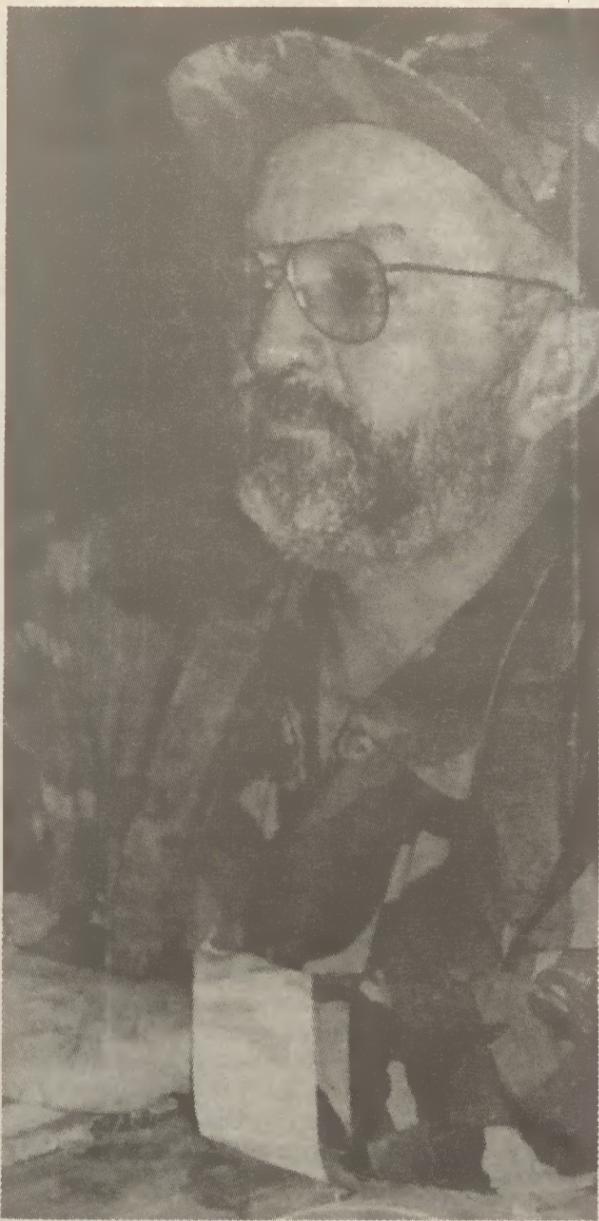
Com. Raul Reyes - Em primeiro lugar é uma experiência nova que nos permite conversar permanentemente com a população civil e ter acesso a autoridades locais. Aliás, onde quer que temos unidades guerrilheiras a nossa política está orientada para a resolução de grande parte dos problemas dos moradores.

A Comissão de Queixas e Reclamações que encontrou em San Vicente exis-

trabalham nos esgotos, nas escolas, na limpeza pública. Consideramos a experiência importantíssima pelo vínculo estabelecido com as comunidades.

O problema da droga

Comandante, a solidariedade com a Colômbia é muito afectada pela imagem que os vossos inimigos difundem das FARC, apresentadas como «a guerrilha do narcotráfico, dos assassinos e bandoleiros»...



À esquerda, Raul Reyes; em cima, o Secretariado do Estado Maior Central das FARC

Armadas. Em muitos combates capturamos material privativo do exército, incluindo mochilas e braceletes. Por vezes, destacamentos do exército ao tomarem contacto com camponeses desenvolvem uma manobra de intimidação, advertindo que devem acautelar-se porque dentro de dias vão aparecer por ali os paramilitares. Três ou quatro dias depois, os mesmos homens apresentam-se outra vez, mas então como paramilitares. E massacram toda a gente. O que lhe estou a contar é do conhecimento dos padres, das autoridades municipais, de toda a população local. Não se trata de um segredo, mas o exército e o governo negam sempre a realidade. Daí a nossa luta para que o paramilitarismo desapareça como política do Estado colombiano. O problema assume para nós uma importância capital.

Li algures que existe uma cumplicidade tácita entre o poder judicial, o exército e os paramilitares. A procuradoria arquiva sistematicamente os casos que investiga. Raramente um processo desses chega ao tribunal.

Porque o Estado é cúmplice dos paramilitares...

O Poder Judicial?

O Estado abrange os três poderes. É ele que permite a essa gente actuar sob a sua asa protectora. Porquê? Porque os paramilitares realizam o trabalho sujo, o que permite a algumas ONG ligadas à classe governante afirmar que o exército não viola os direitos humanos ou os desrespeita apenas em casos excepcionais. Essa tarefa cabe aos grupos paramilitares.

O temor de Kissinger

Comandante, num capítulo do último livro de Kissinger, amplamente divulgado pela imprensa colombiana, li opiniões que, por inesperadas, suscitaram debate nos próprios meios oficiais e castrenses. Como interpreta o facto de uma personalidade como Kissinger se manifestar contra uma solução militar e afirmar que no conflito colombiano não deverá haver vencedores

nem vencidos e que a solução terá de ser política?

Tive oportunidade de ler alguns capítulos do livro do sr. Henry Kissinger. Considero realista a sua análise. Ele percebe que na Colômbia foi criada uma situação caracterizada por uma confrontação política, económica e social que não beneficia os interesses do grande capital. Por isso mesmo, critica a componente militar do Plano Colômbia, isto é, aquela que privilegia o fortalecimento militar e subestima o lado social. Kissinger teme a repetição de uma tragédia como a do Vietname. Alude repetidamente ao Vietname para sublinhar que a situação na Colômbia pode tornar-se ainda mais grave do que a que se criou no Sudeste Asiático porque o nosso país está situado numa área estratégica de enorme importância para os EUA. Daí a sua conclusão sobre a necessidade de se evitar a vietnamização do conflito colombiano.

Uma questão que perturba e surpreende a imprensa internacional. Como explicar que, num momento em que a libertação de prisioneiros deveria contribuir para a passagem ao debate de temas concretos na Mesa de Diálogo, estamos assistindo a uma ofensiva ideológica contra as FARC com a participação directa do exército, de membros do governo, de senadores e deputados, uma ofensiva em que aflora aquilo a que chamarei o ódio de classe? A comunicação social participa activamente dessa campanha apontando as FARC como uma organização criminosa que deve ser destruída. A Colômbia oficial do ano 2001 projecta a imagem de uma sociedade kafkiana.

Não esqueça que na Colômbia há uma guerra. Vivemos em guerra. O Estado colombiano não quer reconhecer essa evidência, mas isso não impede que o desenvolvimento da guerra conduza a um agravamento da crise nacional. As desigualdades sociais tendem a aprofundar-se no contexto da confrontação em vez de se atenuarem. A repressão aumenta enquanto o movimento guerrilheiro e as forças revolucionárias em geral lutam por mudanças que

democratizem e humanizem a sociedade colombiana. Acontece o óbvio: o sistema capitalista encara o futuro com apreensão. Sente que os seus interesses estão ameaçados. Que faz o governo? Concebeu uma estratégia que utiliza os *mass media* como se pudesse ganhar a guerra através deles; ou seja, da mentira. É por isso que a comunicação social repete exaustivamente que estão a ser desfechados golpes demolidores na guerrilha. Amigos nossos ou gente que tem alguma simpatia pelas FARC acaba por ser influenciada por essas campanhas e acredita que estamos a ser duramente golpeados. Mas não é verdade. Simultaneamente, a difamação da guerrilha é uma constante na propaganda oficial.

Que tipo de difamação?

Somos apresentados como os narcoguerrilheiros, os bandidos que assassinam o adversário que se entregou, que decapitam prisioneiros e jogam futebol com as cabeças dos soldados. Veja bem, essas são precisamente as barbaridades cometidas por eles contra as populações desarmadas. Os nossos guerrilheiros jamais maltrataram prisioneiros. Os políticos do sistema sabem disso, mas a sua estratégia é mostrar a guerrilha como gente sem princípios que abdicou dos ideais revolucionários. Não é por acaso que aparecem personagens como o ex-presidente Lopez Michelsen entre os principais ideólogos da classe governante afirmando que se deve fazer tudo para a transformação da guerrilha das FARC numa guerrilha boa, humanizada.

É por isso que o Exército Zapatista de Libertação Nacional do México recebe na vossa imprensa um tratamento quase elogioso?

Nós respeitamos muito aquilo que fazem os nossos companheiros zapatistas no México, mas temos presente que eles são um movimento indígena e não um exército guerrilheiro. Muitos não travaram um único combate. Não estão lutando pelo Poder. Reconhecemos a qualquer revolucionário, ou a um simples amigo o direito de nos criticar e sugerir inclusive o que na sua opinião deveríamos fazer para conduzir melhor a nossa luta revolucionária. Mas ao inimigo de classe não reconhecemos tal direito. Mau seria que déssemos ouvidos aos conselhos do senhor Lopez Michelsen ou do senhor Pastraña. Imagine que há dias o sr. Pastraña disse que na Colômbia estamos a precisar de uma guerrilha como a do subcomandante Marcos e perguntaram-nos o que achamos dessa sugestão? Respondemos que o verdadeiro comandante de uma tal guerrilha seria, então, o sr. Pastraña.

Uma questão regional: que importância atribui, comandante, à política de não intervenção do Brasil, não obstante o seu governo ser um aliado dos EUA que aplica uma política neoliberal ortodoxa? E que pensa da atitude do governo venezuelano perante a guerra na Colômbia?

Vemos com muita simpatia a atitude desses dois governos. São os únicos que na região se opuseram com firmeza ao Plano Colômbia. A posição do Brasil é muito importante para todas as forças revolucionárias da Região. Esse país pode desempenhar um papel protagonista porque é um subcontinente no continente. A Colômbia compartilha com o Brasil uma extensa fronteira na Amazônia. O governo colombiano tentou comprometer o Brasil na sua guerra contra as FARC, mas a manobra fracassou. Quando formos governo na Colômbia, o Brasil será um dos primeiros países com os quais tudo faremos para manter relações de fraterna colaboração.

E a Venezuela?

É um caso similar. O presidente Chavez é um bolivariano, um homem convicto de que a obra do nosso Libertador Simon Bolívar ficou por concluir e que se impõe seguir o caminho que ele abriu até conseguirmos a libertação definitiva dos nossos povos. O presidente Chavez tem revelado no compromisso com o seu povo uma lúcida compreensão da história. Não esqueça que nós, nas FARC, também somos bolivarianos.

Como receberam nas FARC a recusa da União Europeia de adesão ao Plano Colômbia?

Foi uma decisão positiva e expressamos essa opinião aos embaixadores da UE que participaram nas nossas reuniões em Los Pozos. Não é, como sabe, uniforme a posição de todos. Destacamos pelo lado positivo a da França, a da Bélgica e a da Suécia. E também a da Suíça que não pertence à UE. Os demais não assumiram uma posição clara, mas não apoiaram, com duas excepções, o Plano Colômbia. O caso da Holanda é contraditório. Por um lado violou um compromisso colectivo ao permitir que as suas bases aéreas em Aruba e Curaçao sejam utilizadas pelos EUA. Mas por outro está de acordo com a legalização das drogas. A posição da Espanha também foi negativa.

O ataque ao presídio de La Picota que permitiu a fuga de quase uma centena de presos foi interpretado como prólogo de uma nova fase na luta que leve a guerra às cidades. Estamos perante uma inflexão na estratégia das FARC?

O Documento do Estado Maior Central, divulgado em La Macarena, na libertação dos prisioneiros, é, por ora, uma referência suficiente para a compreensão dos objectivos das FARC no processo em curso.

O governo e o Exército continuam a exigir a libertação dos 47 oficiais e sargentos que permanecem prisioneiros. Qual a posição das FARC? Os países da Comissão Facilitadora também insistem pela libertação imediata.

Foi definida com muita clareza. Libertámos unilateralmente mais de 300 soldados. Esses 47 prisioneiros de guerra restantes são oficiais e suboficiais. Somente serão libertados se o governo promulgar legislação que permita a reciprocidade, isto é, a troca de prisioneiros. Até hoje recusou-se a chegar a um acordo conosco, escudando-se num paleio jurídico inaceitável.

A troca dos prisioneiros doentes só foi possível em consequência da pressão internacional. A visita à Europa da Comissão Internacional do Estado Maior Central foi um êxito. A pressão dos países da União Europeia foi decisiva para o acordo humanitário limitado a que se chegou. Agora, o governo pede tudo e não quer dar nada em troca.

O que vai acontecer, comandante, após o 5 de Outubro próximo quando se esgotar o acordo que prolongou a vigência da Zona Desmilitarizada?

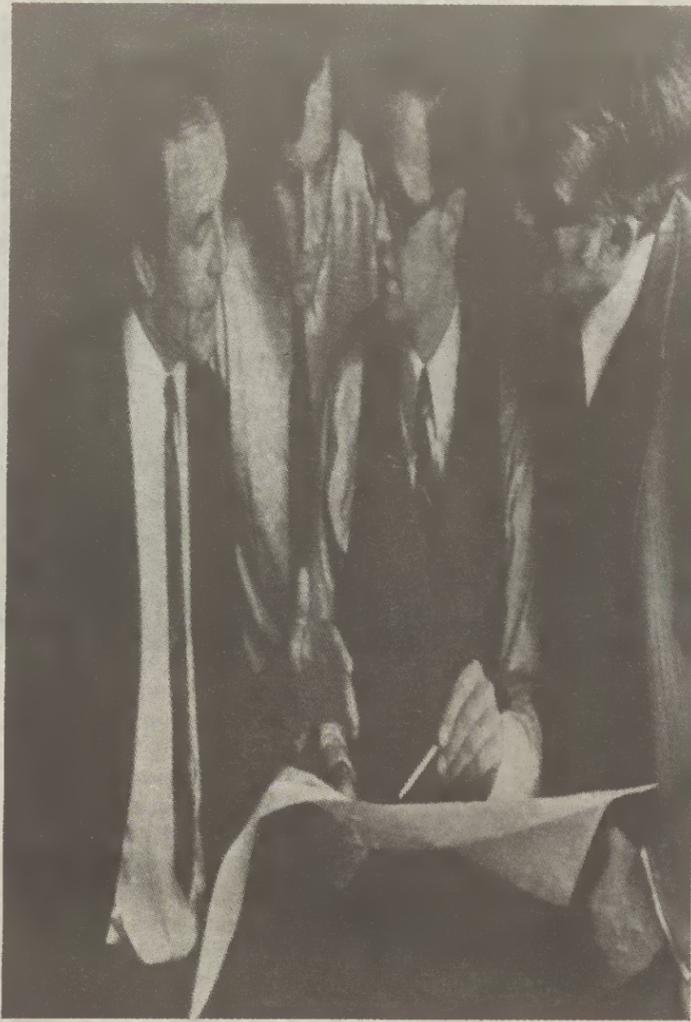
Lutamos pelo poder, sem pressas, de acordo com um plano estratégico. Desejamos a Paz e para a alcançar defendemos o caminho do Diálogo. As FARC são favoráveis à saída política, mas se o regime oligárquico nos impuser a saída militar, sabe que nos encontrará pela frente com tenacidade e a firmeza bolivarianas. Temos um exército, o conhecimento do terreno e uma capacidade de combate comprovada.

Religiões

• Jorge Messias

Um exemplo possível dos moldes encobertos de intervenção dos que dirigem e controlam os estados capitalistas pode ser dado pela forma de actuação do chamado Grupo de Bilderberg. Integram o seu colectivo individualidades que, no abstracto, pouco mais serão que gente estranha ao cidadão comum. Mas se identificarmos alguns dos nomes daqueles que a comunicação social a cada passo nos faz entrar em casa, tudo ganha maior interesse.

Ser-nos-á, então, possível observar como belas palavras ocultam grandes enganos. E como homens que no pequeno ecrã nos parece defenderem os direitos dos explorados, colaboram activamente com os exploradores. São analistas, comentadores, críticos independentes, intelectuais, homens de fé, mas não confessam os compromissos que os prendem à NATO, aos grupos financeiros, ao Opus Dei ou às estruturas do Pentágono. Todos eles, em sentido lato, são Homens de Bilderberg.



Os homens de Bilderberg (I)

Malhas que o Império tece...

O Grupo de Bilderberg constitui presentemente uma das mais fugazes e informais forças de pressão ao serviço dos interesses capitalistas mundiais. Nas palavras exactas que escolhe para se autodefinir, a formação visaria «encorajar um franco e aberto debate que inclua, eventualmente, o estabelecimento de compromissos entre políticos, homens de negócios e banqueiros, com a garantia de sigilo total» (Comunicado de Imprensa da Reunião de Bilderberg de 24 de Maio de 2001), o que já não seria pouco. Atravessou a «guerra fria» e o seu alegado termo. Mesmo assim, após a realização de 47 reuniões anuais, sempre em cidades diferentes (Bilderberg é, simplesmente, o nome da localidade holandesa onde, em 1954, se realizou o primeiro encontro internacional do grupo, pelo que a própria designação do fórum não permite identificá-lo política ou ideologicamente), o movimento não se dissolveu. Em cada uma das suas sessões reúne, em média, 120 participantes, rigorosamente escolhidos entre as elites nacionais de dirigentes. Garante a todos eles uma segurança total. Em contrapartida, os seus convidados comprometem-se a não conceder entrevistas que envolvam os debates do grupo. «Bilderberg é um pequeno, flexível e informal fórum internacional sem registos, onde diferentes pontos de vista podem ser expressos e mutuamente aceites» - declara-se, um pouco mais à frente no documento já citado; «nas suas reuniões nenhuma resolução são propostas, não há votações ou aprovação

de estratégias políticas». Bilderberg procura, deste modo, apresentar-se à opinião pública como um inofensivo clube de intelectuais independentes. Nada de mais falso, como se poderá ver.

Os Homens de Bilderberg são rigorosamente escolhidos entre os notáveis de cada sector de actividade onde predominem fortíssimos «lobbies» de interesses, não só económicos e financeiros como militares, políticos, religiosos, culturais, etc. A participação nos famosos encontros faz-se através de convites altamente seleccionados. Cada Homem de Bilderberg tem de apresentar um «curriculum» impecável, verdadeira nova pedra que possa acrescentar-se à construção da sociedade capitalista. Parte inicialmente dos grupos de pressão regionais ou nacionais, totalmente identificados com objectivos corporativos particulares, e vai a Bilderberg conversar. Aí, falam com uns e com outros, combinam, aproximam posições, mas não assumem compromissos que não lhes cabe tomar desde que envolvam decisões reservadas às áreas de competência das direcções dos «lobbies». A inegável importância destes homens é decididamente outra. Ligam e desligam os fundamentos do poder. Lançam os ninhos de interesses - os «clusters» - vitais à ultrapassagem de contradições, ao cruzamento de posições, à abertura das vias de possíveis alianças e à afinação de estratégias que permitam adaptar a cada nação ou a cada sector as grandes linhas centrais das tácticas capitalista. Depois, regressam a casa. No ano seguinte, eles ou outros, voltarão a encontrar-se em Bilderberg.

Pontos Cardeais

Desistências

Torres Couto desistiu da sua candidatura autárquica - mais uma. Valongo já não acalenta esperanças de o ver em manobra pára-queda. A notícia, retumbante, foi «explicada» por Narciso Miranda, que alegou ter Torres Couto «um problema familiar complexo que o impede de prosseguir». «Tenho muita pena», disse à Lusa o dirigente distrital do PS, «e desejo-lhe que esta fase seja rapidamente ultrapassada».

Assim explicado, a pena de Narciso alastrou pelo País. Eis se não quando, no dia seguinte, o Expresso «explicava» melhor. Numa carta que «terá enviado» a Narciso, o ex-candidato ter-se-á queixado da família... socialista, alegando existir no seu partido uma «forte desmotivação política face ao actual estado de coisas no PS e no Governo, contrária à necessária motivação para qualquer combate político».

De facto, o caso familiar era grave. É desta ténpera que se fazem os combatentes...

Os escândalos do sistema

Os escândalos envolvendo governantes ou ex-governantes - muitas vezes só se descobre o gato após a saída de um executivo - continuam a abalar o sistema poderoso do capitalismo no poder. Em Espanha, Aznar e os seus tremem sob a avalanche de revelações, tal como há anos Felipe Gonzalez havia sofrido a erosão causada pelo acumular de escandaleiras. Desta vez, desaparecem 20 milhões de contos de uma sociedade financeira e a explicação avançada é que tal desaparecimento decorreu de maus resultados na bolsa. Por outro lado, os processos pendentes contra o famigerado Gil y Gil desaparecem também de um tribunal de Marbella. Isto chega para agitar o governo, preocupado ainda com o envolvimento de um ex-secretário de Estado no desaparecimento dos milhões. Escândalos de Verão? E se passarmos ao hemisfério Sul? Aí o Inverno não deixa de atingir um

ministro, acusado já de alta traição e de branqueamento de capitais. Ministro de Economia, Cavallo é accionista, juntamente com o antigo secretário norte-americano do Tesouro, Muldorf, de uma empresa que tem nada menos que 700 mil dólares num banco das Bahamas.

Muro das lamentações

Ao completarem-se 10 anos sobre o golpe que acabou por não conseguir impedir a derrocada da União Soviética, Gorbatchov, o arquitecto das «reformas» que conduziram à destruição do socialismo na Europa e na URSS, lamenta-se. Diz ele que foi uma pena «que nos tenhamos atrasado na reforma da União e do Partido, que eram o motor da perestroika». «Se tivéssemos reformado a União Soviética, penso que a situação se teria desenvolvido de outra forma.» Mais rápida ainda? Com maiores sofrimentos para os trabalhadores e para os povos? O certo é que a história recente dos homens que ele ajudou a guindar ao poder diz bem dos desenvolvimentos que Gorbatchov preparou. Ele, que foi arquitecto do desmoronamento já nem sequer tem muro aonde encostar as suas lamentações.

De lés a lés

Alberto João Jardim ameaça invadir o continente, anunciando a sua disposição de percorrer o país de lés a lés numa jornada de preparação da «mudança» do regime. «Somos uma espinha cravada na garganta do socialismo», diz ele, que ora fala de um socialismo inexistente ora opta por chamar «corporativo» ao regime saído do 25 de Abril. Portanto, muita atenção. Se calhar o homem prepara-se para privatizar as praias do continente, uma vez que a sua intenção de o fazer na Madeira encontrou pela frente a oposição do Ministro da República. No continente, se calhar, não encontraria uma oposição assim tão forte, quer em Belém quer em São Bento...

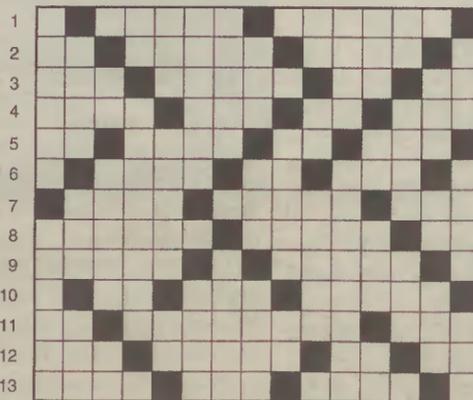
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Grande planície coberta de pastagens, na América do Sul; espantado (fig.). 2 - Gemido; espécie de bandeja redonda ou ovalada; pouco espesso. 3 - Impulso rápido (fig.); aversão; lítio (s.q.); sorriso. 4 - Matilha de cães a correr; que tem saúde; mulher acusada de um crime; a voz do gato. 5 - Laçada; direcção; perversa; colocar. 6 - Projétil de arma de fogo; que não está vestido; dez vezes cem. 7 - Escapatória; a parte material de um ser animado; patrão. 8 - Espectador de jogo; planta umbelífera empregada como tempero culinário; índio (s.q.). 9 - Delicado; mistura de substância resinosa com uma matéria corante, para fechar garrafas, cartas, etc. 10 - Nome da letra L; matiz; navegador. 11 - Avenida (abrev.); que ou aquele que serra madeira; fileira. 12 - Indica várias relações, como companhia, instrumento, ligação, modo, oposição, etc. (prep.); elevação considerável de terreno acima do solo circunjacente, menos extensa e menos alta do que a montanha; oferece; dirigir-se. 13 - Da cor do céu sem nuvens; triture; fruto da romãzeira.

VERTICAIS: 1 - Tipo de vegetação de transição entre as florestas da zona tropical húmida e a vegetação de arbustos das regiões próximas dos desertos quentes; fêmea do macaco. 2 - Elemento químico metalóide, sólido, mais ou menos parecido com a plumbagina, e que se sublima a baixa temperatura, produzindo vapores de cor violeta e que pertence ao grupo dos halogéneos; termo; produção de sons emitidos pelo aparelho fonador. 3 - Designa alternativa; tecido de lã simples e grosseiro; filho de burro e égua ou de cavalo e burra. 4 - Aquelas; natural de Aragão ou relativo a Aragão. 5 - Abismo (fig.); cavaleiro equipado de lança; pep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações. 6 - A parte líquida do sangue e da linfa, na qual as células sanguíneas e as plaquetas circulam em suspensão e que constitui cerca de 56% do volume sanguíneo total; som de canhão. 7 - Aeroplano; parte do fogão de cozinha para fazer assados. 8 - Insignificância; as nossas pessoas; arvoredo. 9 - Relativo a muro; designa diferentes relações, como posse, matéria, lugar, providência, etc. 10 - Atmosfera; deus egípcio; liso. 11 - Escumalha; mosca grande. 12 - Nome próprio masculino; nome da letra grega que corresponde ao P latino; espécie de sapo da região do Amazonas; amerício (s.q.). 13 - Compaixão; tudo o que promove um movimento; sétima letra do alfabeto grego correspondente ao e longo dos latinos. 14 - Sorri; terceira nota musical; acolá. 15 - Filamento delgado; parte da superfície da esfera compreendida entre dois círculos paralelos; argola.

SOLUÇÃO:
HORIZONTAIS: 1 - Pampa; varado. 2 - Al. salva; ruro. 3 - Voo; riva; l. 4 - Adus; são; rto; nio. 5 - No; ruro; mo; má; p. 6 - Bela; nu; mil. 7 - Fuga; corpo; amo. 8 - Mirones; salus; in. 9 - Ameno; lacto. 10 - Lq; tom; nua. 11 - Av; serrado; r. 12 - Com; mon; de; da; tr. 13 - Anz; mo; r. 14 - Sorri; terceira nota musical; acolá. 15 - Filamento delgado; parte da superfície da esfera compreendida entre dois círculos paralelos; argola.
VERTICAIS: 1 - Savana; macho. 2 - Todo; fim; voz. 3 - On; bur; m. 4 - As; argon; s. 5 - Mart; ilant; em. 6 - Plasm; trom. 7 - Avião; fono. 8 - Av; nos; ma. 9 - Mural; de. 10 - Ar; Rd; plano. 11 - Ral; moscardo. 12 - Ar; pi; au; Am. 13 - Dg; mol; eta. 14 - R; m; ali. 15 - F; zom; ar.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

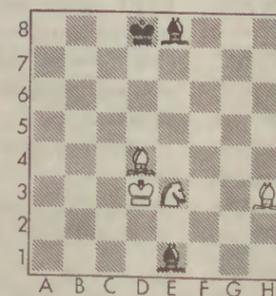


Xadrez

DCCCX - 23 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001X28

Por: Henri Rinck
 «Le Temps», 1930

Pr.: [3]: Bs. e1, e8 - Rd8
 Br.: [4]: Cc3 - Bs. d4, h3 - Rd3



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001X28 [H.R.]:
 1. Bb6+, Rf7; 2. Re2, Bb4 [3/4, h4, g3];
 3. Cd5 / f5 + e.g.

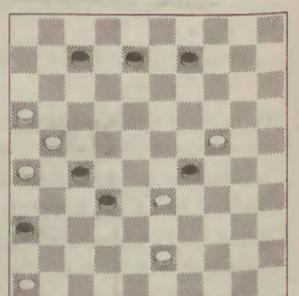
A. de M. M.

Damas

DCCCX - 23 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001D28

Por: Thatsiensko
 URSS, 1973

Pr.: [7]: 7-8-9-27-29-32-36
 Br.: [7]: 16-21-24-26-33-43-46



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2001D28 [T.H.]:
 1. 16-11, (29x49=D); 2. 11x4=D, (27x16);
 3. 46-41, (36x47=D); 4. 4-15, (47x20); 5.
 15x27, (49x21); 6. 26x17 +

A. de M. M.

Comunicação

• Francisco Silva

A utilização das telecomunicações - de meios de comunicação «eléctricos» - com o objectivo declarado de tornar disponível a toda a gente o acesso a capacidades escassas e caras relativas a conhecimentos, a saberes, a saberes-fazer, para além do fornecimento de serviços de informações diversas, tem vindo a ser efectuada desde há bastante tempo. E tem-no sido com êxitos diversos, ao sabor dos diferentes interesses que podem.

Foi sobretudo com a televisão das primeiras fases que tal tendência de utilização começou a tornar-se visível. Porque possibilitava a difusão da imagem do professor ou do especialista para toda a gente, como se estivesse a dirigir-se a cada um dos telespectadores. Em Portugal, tanto quanto me lembro, foi a Telescola, foram



A sociedade da informação

as preleções sobre Física e sobre Língua Portuguesa, e também a TV Rural e as lições de Culinária.

Na área da Educação, este foi um movimento que se estendeu ao Terceiro Mundo, nomeadamente ao Brasil e à Índia, sob o estímulo dos ímpetus desenvolvimentistas, em voga nos anos sessenta do século XX. Para aqueles países, países de dimensões imensas, o estabelecimento de coberturas universais de TV para fins educativos conduziu à adopção das tecnologias via satélite. Com efeito, a sua cobertura rápida e a eficácia da acessibilidade da TV para vastas massas populares pode dizer-se que aconteceram. Contudo, o que não se tornou evidente foi o progresso educacional que se disse constituir a ambição de tais projectos.

E tal devido à deficiência de bidireccionalidade, de interactividade, característica dos meios de comunicação social, neste caso da TV. O professor, o profissional e os telespectadores não se podem relacionar de forma individualizada e simétrica - o ser, a TV, um meio audiovisual não é suficiente para o permitir. Com efeito, enquanto o pretendido for o fornecimento de informações, p. ex. meteorológicas, horários de partidas ou chegadas de aviões, etc., ou mesmo de notícias ou de espectáculos e, em geral, de programas de entretenimento, podem funcionar razoavelmente situações em que as mensagens fluem unilateralmente, só da fonte para os destinatários, como é o caso dos meios de comunicação social. Contudo, em situações que exigem uma comunicação não unilateral, muito estruturada, como nos processos de ensino-aprendizagem - por via do qual, como toda a gente sabe, os ensinadores também aprendem -, já os requisitos exigíveis aos meios de comunicação serão outros.

Renovadas esperanças

Por isso, quando, com a criação do videotelefone e da videoconferência, os meios de comunicação bidireccionais simétricos - de que o telefone era o expoente - puderam passar a incluir também a imagem dos nossos correspondentes nas sessões de comunicação, renovadas esperanças foram postas na utilização das telecomunicações em situações de comunicação como as do Ensino - para o Ensino à distância -, e também as relativas à Saúde - em aplicações de Telemedicina - ou ao apoio às pessoas com necessidades especiais, nomeadamente as pessoas idosas - no apoio à distância e em esquemas de telealarme, quando estas pessoas vivem sozinhas nos seus lares.

Consequentemente, desde meados dos anos oitenta, começaram a aparecer os trabalhos de investigação, as experiências e as realizações nestas áreas.

Entretanto, entraram na arena as comunicações mediadas por computador, a internet e o *multimedia*, isto é, a possibilidade tornada realidade de uma comunicação interpessoal onde pode entrar a imagem, o som, o texto, os gráficos, todo o género de figuras, onde as dimensões, as cores, os contrastes, os tipos de letras, tudo pode ser previsto para ser ajustado, ampliado, reduzido, alterado a bel-prazer, quer através de preparação prévia quer através de intervenção no momento pelos participantes no acto de comunicação.

Então, as expectativas de lidar com situações de comunicação altamente estruturadas, que tinham sido abertas pela videocomunicação bi e multilateral, possuem agora um âmbito mais alargado e mudaram mesmo de maneira profunda quanto à sua natureza.

Contudo, a realização, no interesse de todos, das potencialidades referidas não se compadece com as usuais visões compassivas ou com boas intenções. Nem com as meias medidas das meias tintas propagandísticas que os poderes reservaram para a sua menina dos olhos: a sociedade da informação.

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Fado corrido

Tenho lá em casa um canário que é um caso extraordinário toda a hora sem canseira canta de toda a maneira e sempre de modo vário ou puxa cá da peitaca ou repuxa de mansinho ou diz as coisas com graça ou põe papas de linhaça na alma do meu vizinho canta sagrado ou profano com tão marcado salpico que eu em dúvida me fico se é canário ou se é humano.

Já vai sendo madrugada já o canário à desgarrada manda a sua voz aos céus por certo às ordens de Deus que lhe pediu a empreitada e logo quando é meio-dia o seu canto, longo e grave, toma a altura da alegria no sextante da harmonia com que se é homem ou ave. Mas a luz já esmorece o canto mais doce escorre e assim solene parece que acompanha o Rei que morre.

Cantando, canta por vício e sem nenhum sacrifício nenhum interesse o mantém: sendo o canto o seu ofício há-de fazê-lo, mas bem. Sem papéis e sem contrato que a tantos faz arrepios só quer do seu sindicato que leve pra longe o gato que o olha, com olhos frios. Não se lamenta o canário de ver, no mesmo caminho, Pavaroti milionário e ele, tão pobrezinho.

Eu, sem me querer comparar, sei bem o que o faz cantar com tal prazer, tal esmero: cantar também é voar com amor, com desespero. Ele, em seu canto perfeito, seu canto de estremecer, quer que lhe tenham respeito quer merecer o seu direito ao direito de viver.

De viver e de ser gente pois todo o artista há-de saber que canta somente pra cantar a liberdade.

Cartoon

• Monginho

DURÃO BARROSO
FOI AO PICO...
E PROMETE VOLTAR
SE FÔR PRIMEIRO
MINISTRO!...

SE A MODA PEGA
LA' SE VAI
O NEGÓCIO EM
FÁTIMA!!!



ATVer

Cary Grant a culpa não foi dele

A Culpa Foi do Macaco

(Quinta-feira, 23, às 14.00, na RTP2)

Pelo menos a culpa não é nossa se a escolha é pouca e se, deste modo, acabe por incidir sobre títulos mais do que vistos por muitas gerações. É o caso desta fita, **A Culpa Foi do Macaco**, uma comédia exemplar dirigida por **Howard Hawks** em 1952 e que a RTP volta a exhibir para gáudio de muitos fãs do realizador e dos actores que intervêm. Os actores são um par de falecidos - **Cary Grant** e **Ginger Rogers**, não sendo de desprezar a interpretação à maneira da inefável **Marilyn Monroe**. A história roda à volta - isto para os que ainda não a espreitaram no pequeno ecrã e não tiveram a sorte de a verem no grande - de um cientista embaraçado na descoberta de um elixir da juventude.

Rio Bravo

(Sexta-feira, 24, às 14.00, na RTP2)

Este filme foi exibido recentemente noutra canal televisivo. Mas Verão é Verão e, também aqui, não deixamos de recomendar uma



cional em outras produções do género, e **Christopher Reeve**, o malfadado super-homem cuja carreira acabou depois de um acidente que o tornou paraplégico. Filmada a preceito esta **Armadilha Mortal**, história de crime e de mistério, está cheia de golpes de teatro, desferidos num clima de *suspense* que trazem à memória as saudosas películas de Hitchcock.

Portas Abertas

(Sábado, 25, à 1.00, na RTP2)

Pensamos tratar-se de uma das últimas intervenções no cinema do grande actor que foi **Gian Maria Volonté**. E por isso mesmo, para além dos predicados atribuídos pela ficha que a RTP distribui, propomos o visionamento deste filme, que não vimos, da autoria do italiano **Angelo Rizzoli**. Trata-se de uma história passada nos anos 30, em pleno fascismo italiano, na cidade de Palermo. Quem quiser pode, hoje, tirar do episódio as lições para o presente, quando o fascismo é água passada, que continua porém a mover moinhos. Há sempre lugar para a revolta, para a coragem, para a resistência. E muito pouco lugar para a justiça.

Amélia Earhardt: O Último Voo

(Domingo, 26, às 23.00, na RTP1)

A razão desta escolha tem a ver com a história que aqui se conta - a de uma grande pioneira da aviação, que em 1928 foi conhecida como **A Rainha do Ar**, depois de atravessar o Atlântico. As suas fronteiras eram mais largas. E é essa a história que se conta, cujo desfecho trágico não contradiz a vontade e a coragem de ultrapassar metas e barreiras. Com efeito, Amélia, interpretada por **Diane Keaton**, que se preparava, em 1937, para fazer uma viagem de circum-navegação aérea com o marido, desaparece com ele no meio do Pacífico.

Terra Perdida

(Domingo, 26, às 23.00, na RTP1)

Mais um *western*, que é tempo deles. E mais uma vez escolhido um filme por depararmos com o nome de **Martin Scorsese** na produção, um nome que não iria misturar-se a obra de fancaria. **Terra Perdida** foi realizado em 1998 por **Stephen Frears** e traz o *western* aos tempos modernos, passando-se no Novo México, por alturas do ataque japonês a Pearl Harbour. É assim que, ao propor um filme que não vimos, o aguardamos com tanto ou mais curiosidade que o leitor. Só esperamos que a hora programada não seja adiantada «por imperativos comerciais» ou outros.

Quinta, 23

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Alves dos Reis
22.00 Fados
22.30 Grande Repórter
00.40 Ballet Rose
01.40 24 Horas

Sexta, 24

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.00 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
19.40 Futebol: Bayern de Munique-Liverpool
21.35 Telejornal
22.35 Alves dos Reis
23.30 Histórias da Noite
00.15 Ballet Rose

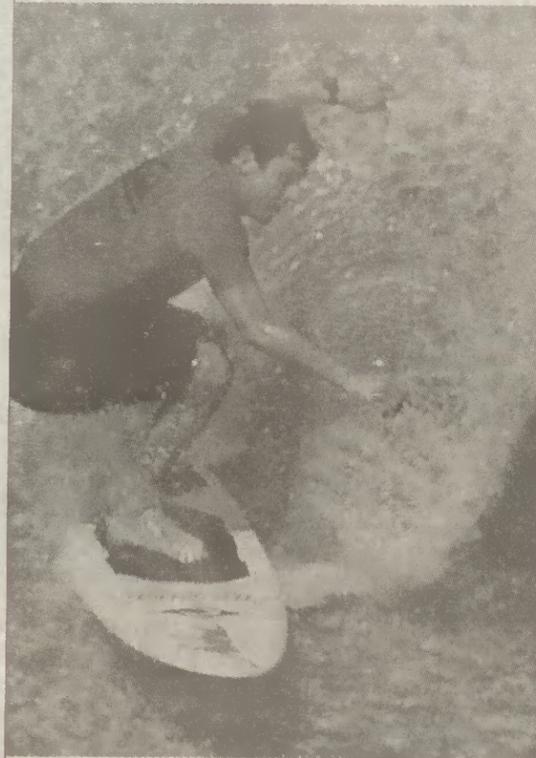
Sábado, 25

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 «Dançando na Lua» (de Kit Hood, Can-Checkos/1997, com Nathalie Vansier, Michael Yarmush. *Comédia*)
17.15 Documentário
18.20 «O Espião Silencioso» (de Bob Spiers, EUA/1997, com Christina Ricci, Dean Jones, George Dzundza. *Comédia*)
20.00 Telejornal
21.00 Sábado à Noite
22.40 «Armadilha Mortal» (de Sidney Lumet, EUA/1982, com Michael Caine, Christopher Reeve, Dyan Cannon. *Ver Destaque*)
23.30 Lei Marcial II
00.30 24 Horas
01.00 «Perigo em Chicago» (Acção)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.40 «Revolta no Defiant» (Longa Metragem)
12.00 Iniciativa
14.00 Roma: Poder e Glória
15.00 Desporto 2
19.00 «A Tempestade da Terra» (de Fernando d' Almeida e Silva, Port/1997, com Maria de Medeiros, Ângelo Torres, João Grosso. *Drama*)
21.00 Encontros de África
21.30 Bombordo
22.00 Bem... Você Percebe
22.30 Jornal 2
22.50 O Lugar da História - A Conquista do Oeste
24.00 Britcom



Desportos de Verão: destaques em todos os canais

02.10 «Cidade das Crianças Perdidas» (de Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro, Fr-Esp-Alem/1995, com Ron Perlman, Daniel Emilfork. *Fantástico*)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «A Culpa Foi do Macaco» (de Howard Hawks, EUA/1952, com Gary Grant, Ginger Rogers, Charles Coburn, Marilyn Monroe. *Ver Destaque*)
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 África de Baixo Acima
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 2010
22.00 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
00.10 «J.L.G por J.L.G.» - Godard por Godard (Documentário. De Jean-Luc Godard, Fr/1994.)

▼ SIC

08.00 Buérére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.35 «Velocidade Mortal» (Steve Wang, 1996, com Mark Daascos. *Acção*)
02.45 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.00 Animação
12.30 Olhó Video
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Infantil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
10.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 «Kickboxer no Futuro» (de Albert Pyun, Esp/1995, com Kris Aguilar, Brando Aquino. *Acção*)
24.00 Musical: «Anjos and Friends»
01.40 Maggie

01.15 24 Horas
01.45 «Demoniac» (de Jesus Franco, Esp-Fr-Belg/1981, com Lina Romay, Catherine Lafférière. *Terror*)
02.45 «Coma» (Longa Metragem)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Rio Bravo» (de Howard Hawks, EUA, com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Angie Dickinson. *Ver Destaque*)
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Por outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Pontos de Fuga
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 Sobre-Humano
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 «Corrida contra o Destino» (de Richard Sarafian, EUA/1971, com Barry Newman, Cleavon Little, Dean Jagger. *Drama*)

▼ SIC

08.00 Buérére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.35 «Paixão Fatal» (de Alan Shapiro, EUA/1993, com Cary Elwes, Alicia Silverstone. *Suspense*)
03.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.00 Animação
12.30 Olhó Video
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Infantil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Crianças S.O.S.
22.00 Olhos de Água
23.00 A Tribo (Mini-série)
03.25 Maggie
03.40 Alta Velocidade



«Alves dos Reis»: últimos episódios no domingo

01.00 «Portas Abertas» (de Gianni Amelio, It/1992, com Gian Maria Volonté. *Ver Destaque*)

▼ SIC

07.00 Zip Zap
11.15 Uma Aventura
12.00 O nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Maluco do Riso
14.30 «Um Golpe do Destino» (de Gillies MacKinnon, EUA/1994, com Steve Martin, Gabriel Byrne, Stephen Baldwin, Laura Linney. *Drama*)
19.10 Mundo VIP
20.00 Jornal da Noite
21.30 Maluco do Riso
22.30 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 O Grande Desastre Americano - Jerry Springer Show
01.40 «Dinheiro do Jogo» (de Sidney J. Furie, EUA/1997, com Peter Weller, Dennis Hopper, Tia Carrere, Peter Coyote. «Thriller»)
04.40 «Ligações Selvagens» (de John McNaughton, EUA/1998, com Kevin Bacon, Matt Dillon, Neve Campbell, Theresa Russell)

▼ TVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVI Jornal
14.00 Contra-Ataque
14.45 4.ª a Fundo
15.00 Caras Lindas
16.45 Pequenos Cantores da Figueira da Foz
18.00 «Golos e Diabriluras» (de Randall Miller, EUA/1999, com Tyler Labine, Donald Adams. *Fantasia. Infantil*)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Ri-te, Ri-te
24.00 «A Força da Lei» (de Timothy Rierson, EUA, com Tom Burlinson, Melodu Anderson. *Acção*)
02.00 Lux
02.50 «O Preço da Ambição» (de Graeme Campbell, EUA. «Thriller»)



Diane Keaton é a Rainha do Ar John Wayne em Rio Bravo



Caine e Reeve - uma peça mortífera

repetição. De novo **Howard Hawks** a realizar um *western* - e é sabido como ele se sentia à vontade a rodar filmes nos grandes espaços onde a aventura acontece, ou onde ela se imagina com mais facilidade. Esta realização seria mais tarde objecto de um *remake* que não acrescentou nada a este original **Rio Bravo**, com **John Wayne**, **Dean Martin**, **Ricky Nelson** e **Angie Dickinson**. Uma história de tiros e de bravuras, mas sempre, ao modo de **Hawks**, com uma leitura possível ao nível psicológico da evolução dos personagens no tempo dramático em que é contada.

Armadilha Mortal

(Sábado, 25, às 22.40, na RTP1)

Este filme é daqueles felizes casos de adaptação ao cinema de uma peça teatral. E para isso foi escolhido o realizador **Sidney Lumet**, habilidoso na matéria. E os actores **Michael Caine**, que se desembaraçou de modo excep-

Domingo, 26

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Made in Portugal
16.30 «Amélia Earhardt: O Último Voo» (de Anthony Mann, R. Unido/1965, com Kirk Douglas, Richard Harris, Ulla Jacobsson. *Ver Destaque*)
18.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
21.00 Alves dos Reis (Últ. episódios)
23.00 JAG - Em nome da Justiça
23.00 «Terra Perdida» (de Stephen Frears, EUA/1998, Woody Harrelson, Billy Crudup. *Ver Destaque*)
01.00 Teledependentes
01.30 24 Horas
02.50 B. Monkey (de Michael Radford, It-R.Unido/1999, com Ásia Argento, Jared Harris. *Drama*)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Nós e os Animais
12.30 Palácio de Cristal
13.30 Quem Sai aos Seus
14.00 Desporto 2
18.15 Trilogia do Botswana (1)
19.30 Desaparecido no Mar
20.30 Onda Curta
21.00 Simpsons
21.30 Artes e Letras - Emir Kusturica
22.30 Jornal 2
22.50 «Uma Bala na Cabeça» (de John Woo, Hong-Kong/1990, com Tony Leung, Waise Lee. *Drama*)
01.55 História do Cinema Português (4)
02.05 2010

▼ SIC

07.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.00 «Um Peixe Fora de Água» (de Beeban Kidron, EUA/1997, com Vincent Perez, Rachel Weisz, Kathy Bates. *Drama*)
17.30 «Mentes Perigosas» (de John N. Smith, EUA/1995, com Michelle Pfeiffer, George Dzundza. *Drama*)
20.00 Jornal da Noite
21.30 Maluco do Riso
22.30 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 «Melhor É Impossível» (de James L. Brooks, EUA/1997, com Jack Nicholson, Helen Hunt, Cuba Gooding, Jr. *Comédia*)
03.10 O Grande Desastre Americano - Jerry Springer Show
04.00 «Geronimo - Uma Lenda Americana» (de Walter Hill, EUA/1993, com Jason Patrick, Robert Duvall, Gene Hackman, Matt Damon. *Drama. Biográfico*)

▼ TVI

08.30 Animação
10.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.45 Dawson's Creek
15.45 «O Amor Anda no Ar» (de Deborah Reinisch, EUA/1998, com John Ritter, Katey Sagal, Jean Stapleton. *Comédia*)
17.45 «Super-heróis ao Ataque» (de Robert Townsend, EUA/2000. *Aventuras. Infantil*)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 «Meia-noite no Jardim do Bem e do Mal» (de Clint Eastwood, EUA/1997, com Jude Law, Irma P. Hall, Kevin Spacey, John Cusack. *Drama*)
24.00 «A Noite da Vingança» (de Roman Polanski, EUA-R.Unido/1994, com Sigourney Weaver, Ben Kingsley, Stuart Wilson. *Thriller*)
04.00 Concurso «Miss Universo»

Nota:
A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

Segunda, 27

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.50 Futebol: Marítimo-Porto
21.15 Telejornal
22.15 Sorte Grande
23.15 Histórias da Vida Como Ela É
23.45 24 Horas
00.15 «Dillinger» (de John Milius, EUA/1973, com Warren Oates, Ben Johnson, Michele Phillips. *Policia*)
02.05 «As Melhores Amigas» (de Marcello Cesena, It/1998, com Stefania Rocca, Simona Cavallari, Vanessa Marini. *Comédia. Telefilme*)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Totó no Manicómio» (Longa Metragem - Ciclo Totó. *Comédia*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Espaço Infantil
20.30 Sabrina
21.00 Jaekie por Detrás do Mito
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Artes de Palco (Bailado: «A Casa de Bernarda Alba»)

▼ SIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 O Grande Desastre



«Encontros de África» (RTP 2, sábado): arte africana, hoje em museus e coleções portuguesas, muito bem mostrada e contada

Americano - Jerry Springer Show
01.20 «Caçadores de Cabeças» (de George Erschbamer, EUA/1996, com Michael Dudikoff, Lisa Howard. *Artes Marciais*)

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
11.45 Olhó Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Juvenil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Crianças S.O.S.
22.00 Olhos de Água
23.10 «Inferno» (de Rodney McDonald, EUA/1997. *Ação*)
01.10 Desafio Total
02.10 Net
03.10 Maggie

Terça, 28

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Histórias da Vida como Ela É
21.30 «Robocop: Rota de Colisão» (de Julian Grant, Can/2000, com Page Fletcher, Maurice Dean Wint. *Ficção Científica*)
23.15 24 Horas
23.45 «Combater o Tempo Todo» (de Shane Meadows, R.Unido/1997, com Bob Hoskins, Krishan Beresford, Bruce Jones. *Drama*)
01.35 «O Lago dos Zombies» (de Jean Rollin, Fr-Esp/1980, Howard Vernon, Pierre-Marie Escourrou. *Terror*)



«Acontece» já voltou de férias

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Totó Contribuinte» (Longa Metragem - Ciclo Totó. *Comédia*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Bombordo
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
20.50 Fenómeno
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 «The Crossing» (de Yoich Higashi, Japão/2000, com Michitaka Tsutami, Takahito Hosoyamada. *Ver Destaque*)
01.20 Rotações

▼ SIC

07.45 Portugal Radical
08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 O Grande Desastre Americano - Jerry Springer Show
01.20 «As Primeiras 9 Semanas e Meia» (de Alex Wright, 1998, com Paul Mercurio, Clara Bellar. *Erótico*)
03.40 TV Turbo

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
11.45 Olhó Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Juvenil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Bora Lá Marina
21.45 Olhos de Água
22.45 «Preso nas Malhas da Droga» (de Eric Laneuville, EUA/1999, com Jobeth Williams, Jonathan Jackson. *Drama*)
00.45 Ally McBeal
01.55 Maggie

Quarta, 29

▼ RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Histórias da Vida como Ela É
21.30 «FX Efeitos Mortais» (de Robert Mandel, EUA/1985, com Bryan Brown, Brian Dennehy. *Policia*)
23.20 24 Horas
23.50 «O Exame da Meia-Noite» (de Danièle Dubroux, Fr/1988, com François Cluzet, Julie Depardieu. *Comédia*)
01.30 «Tudo em Família» (de Richard Pearce, EUA/1996, com Robert Duvall, James Earl Jones, Irma P. Hall. *Drama*)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Totó, o Comandante» (Longa Metragem - Ciclo Totó. *Comédia*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
21.00 Pós de Bem Querer
22.00 Acontece



22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Sinais do Tempo
00.40 O Mistério do Último Czar

▼ SIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 A Padroeira
19.00 Ganância
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 O Grande Desastre Americano - Jerry Springer Show
01.20 «O Passado não Perdoa» (de Art Camacho, 1998, com Frank Zagarino, Mathias Hues. *Ação*)
03.20 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
11.45 Olhó Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animação Juvenil
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Tic Tac Milionário
21.10 Olhos de Água
22.10 Ri-te, Ri-te
01.10 «Liberdade Perdida» (de Allan Kroeker, EUA/1995, com David Nerman, Karen Allen. *Drama*)
02.20 Maggie
02.50 Alta Velocidade

TVisto

Correia da Fonseca

Três dias em Agosto

No passado domingo, 19, a televisão não se esqueceu de assinalar o décimo aniversário do chamado «golpe de Moscovo», isto é, do conjunto de acontecimentos que naquela cidade e não só ditaram irreversivelmente o fim da URSS, que seria formalizado quatro meses depois, e a consequente degradação da Rússia e restantes repúblicas ex-soviéticas até ao actual estado de pobreza e corrupção que chega a inspirar aparente dó até nos seus inimigos desse tempo. É claro que não foi exactamente esta a visão reflectida nas telenotícias, designadamente as do Euronews (TV cabo) e da RTP1. Nesta última, porém, o correspondente Mouravitch, digno sucessor de correspondentes de um antanho não

a ser brandido como argumento contra a URSS e os comunistas tendo sido, como averiguadamente foi, um acto de extrema e legítima defesa da União Soviética perante a estratégia da Grã-Bretanha e da França que visava lançar Hitler contra a URSS, com aquelas duas simpáticas democracias de fora, regaladas, a ver. Não sou eu quem o diz, naturalmente, até porque naquele ano ainda era muito pequenino para meter o bedelho nessas coisas da política: são personalidades tão insuspeitas como Churchill e o embaixador Evans, então representante dos Estados Unidos em Moscovo. Escreveu o primeiro nas suas «Memórias» a propósito dos baldados esforços de Estaline para estabelecer com a França e os Estados Unidos uma frente comum contra o nazismo hitleriano: «Não é possível indicar o exacto momento em que Estaline desistiu do propósito de trabalhar com as democracias ocidentais e entender-se com Hitler.» E testemunhou Davies: «Mesmo depois de Munique, na Primavera de 1939, o governo soviético queria aliar-se com a Grã-Bretanha e a França para impedir que o resto da Europa sofresse a sorte da Checoslováquia» (...) «Todas as sugestões de Moscovo foram rejeitadas por Chamberlain. Ainda na Primavera de 1939, os soviéticos procuraram em vão um acordo com a França e a Grã-Bretanha e fizeram propostas para a realização de conversações entre os estados-maiores dos três países. Foi então que se decidiram pelo acordo com Hitler.»

Praga

exageradamente longínquo, não deixou de referir as actuais «dificuldades» da Rússia, embora em registo que sugeria terem carácter passageiro. Por mim, também o espero, mas não talvez na óptica do agora conhecido jornalista.

Acontece, porém, que o 19 de Agosto não é a única data que este mês enche de reconforto a telemilitância anticomunista: chegam a atingir o estatuto de tradição as comemorações a que as TV's se entregam dos sucessivos aniversários da assinatura do Pacto Germano-Soviético de Agosto de 39 e da interveção das forças do Pacto de Varsóvia em Praga em 1968, factos ocorridos respectivamente a 23 e a 20 daqueles anos. Como se sabe, quer um quer outro estiveram na origem de defecções nas fileiras comunistas da Europa e do mundo ou, noutros casos, foram bom pretexto para elas. Tal como o 19 de Agosto de 91, de resto. Há-de ser por isso que, embora com intensidade variada de ano para ano, os media ocidentais se entregam por esta altura aos festejos propagandísticos que as três datas, e a manipulação a elas atrelada, proporcionam: suponho que os anima a esperança de que mais uma ou outra deserção possa ser acrescentada ao rol das registadas.

O Pacto

Quanto ao Pacto de 39 assinado por Molotov e Ribentrop, às vezes ainda me custa a crer como pode continuar

Quanto ao caso de Praga, não parece necessário para uma lúcida avaliação mais que um relance sobre a Europa Central, hoje, óbvia e directa consequência da chamada «derrocada» do socialismo a Leste: é pelo menos razoável admitir que a intervenção militar protelou por vinte anos a chegada da actual desgraça e isto não deve ser entendido como aplauso a uma eventual recusa da democratização do socialismo. Não quero deixar de sublinhar aqui que esta é uma visão pessoal, minha. Como é minha a sabedoria primária de que os serviços secretos USA, com orçamentos superiores aos de muitos estados europeus, não andavam pela Europa a fazer turismo cultural. E a certeza, porque os vi com os meus olhos, que telefilmes e séries norte-americanas já antes de 68 contavam na TV estórias de heróicos agentes da CIA e correlativos que atravessavam a Cortina para trabalharem «pela liberdade». Eram talvez imprudentes ao abrir tanto o jogo, mas provou-se depois que eram premonitórios. Esta nota é alinhavada antes dos telenoticiários nocturnos do dia 20: não sei, portanto, se este ano vão ser faladas as efemérides do costume, como parece provável. De qualquer modo, não faz mal à saúde refrescar a memória e acertar as ideias. Nem; como tento fazer, contribuir para isso.

A talhe de foice

• Leandro Martins

Por mau caminho

Não visitava o Barreiro há bastante tempo; nem ali passava sequer há alguns anos. Trata-se de uma terra que conheço há muito, não profundamente mas visitada as vezes bastantes para dela me recordar para além da passagem trivial.

Não vou aqui falar da iconografia que o Barreiro, «bastião da classe operária», terra de resistência e de revolução, suscita à memória das décadas recentes. Nem sequer do empenhado esforço que os seus autarcas, de maioria comunista, ali têm vindo a desenvolver desde Abril, não apenas para transformar uma vila, onde a desindustrialização arrasou o tecido produtivo, na grande cidade que hoje é, mas para que essa transformação ocorresse de forma equilibrada, promovendo os espaços verdes, as zonas culturais e de convívio, assegurando aos municípios serviços básicos essenciais, sempre e sempre em luta contra um poder central cujos objectivos têm sido, ao longo das décadas que recordo, os de unicamente servir interesses de grupos económicos.

Nem vou dizer que os comunistas e os seus aliados sempre fizeram tudo bem e que as suas decisões foram sempre acertadas. É claro que se poderia sempre fazer melhor. É claro que sempre se poderia ter decidido mais acertadamente. É claro que o nosso trabalho é sempre passível de crítica, e venha ela se vier por bem. Porque o que não conheço, no trabalho da CDU – ou da FEPU e da APU, suas antecessoras como coligações democráticas onde os comunistas têm e tiveram papel relevante – é uma obra que não tenha como intenção e objectivo o servir melhor os interesses populares, e que não esteja ancorada no lema que faz a diferença entre a CDU e os outros todos: Trabalho, Honestidade, Competência.

Mas voltemos ao caminho. Ao entrar na cidade que, lembro, não visitava há algum tempo – um, dois anos? – notei logo melhorias e novidades urbanas, um crescimento harmonioso, arruamentos bem tratados. É possível que eu veja o que a alguns escapa. Pois.

Mas, de repente, uma nota feia e indecente veio estragar-me a visão e o passeio. Uma faixa – que se repetiu em outras ruas e avenidas – assinada pela Juventude Socialista, escarrapachava:

«Podem não comer criancinhas mas destruíram o Barreiro.»

Não quis acreditar.

A linguagem usada por estes socialistas, e o seu significado político profundo, deveriam envergonhar qualquer democrata. Tem uma raiz salazarenta, encontrada nos alforjes ideológicos do fascismo, esta frase que começa por admitir – «podem não» – que a calúnia anticomunista pode talvez ser verdadeira, ressuscitando o mais execrável dos insultos legionários; e a acusação – destruíram o Barreiro – não se fica apenas pela injustiça, mas atinge as raízes do delírio antidemocrático.

Somos – nós, os comunistas – passíveis de críticas. Certamente que defendemos pontos de vista diferentes, porventura frequentemente opostos aos dos que aceitam ou servem os interesses do capital. Mas nem essa diferença, que se exprime em luta política, nos leva ao delírio de acusar autarcas de «destruírem» os municípios para cujas câmaras foram eleitos. Por muito mal que façam, ou por muito bem que lhes era possível fazer e não fizeram. Nem a Mata Cáceres, o menos democrata dos nossos adversários no distrito, acusáramos de haver «destruído» Setúbal. É certo que não conseguiu fazê-lo. As contas a prestar por estas aleivosias socialistas serão acertadas em dezembro. Também no Barreiro. Para já, os primeiros passos dados por eles mostram que vão por mau caminho.

Rendimentos do trabalho não acompanham custo de vida

Por aumentos salariais justos

Os aumentos salariais negociados durante os primeiros sete meses do ano em curso têm sido insuficientes. Quem o diz é a CGTP-IN que, depois de fazer as contas, considera que a evolução registada traduz uma diminuição do poder de compra dos salários. Daí a garantia de que continuará a bater-se por aumentos salariais justos.

Esta posição foi tornada pública segunda-feira em comunicado à imprensa onde salienta que os aumentos salariais verificados em 2001, de acordo com o balanço da contratação colectiva feito pela CGTP-IN – quatro por cento no sector privado e 3,8 por cento na administração pública –, estão a ser engolidos pela inflação.

Por outras palavras, enquanto os aumentos dos salários negociados foram de cerca de quatro por cento (não se prevendo que a média salarial se modifique até final do ano), tudo indica que a inflação poderá atingir os 4,5 por cento. Em Julho ela foi de 4,1 por cento e a média anual deverá situar-se entre 4,2 por cento (num cenário de congelamento de preços até final do ano) e 4,6 por cento (caso ocorra um aumento dos preços num ritmo idêntico ao observado nos últimos meses de 2000).

Referencial irrealista

Criticada, perante este quadro, é a atitude do

Governo de sistemática recusa em rever a estimativa para a inflação, quando sabe que os 3,1 por cento por ele fixados são impossíveis de alcançar. «A utilização de um referencial irrealista para a inflação em 2001, no final do ano passado, traduziu-se em perdas salariais para os trabalhadores da administração pública», lembra a CGTP-IN, para quem a postura governamental «teve e tem efeitos negativos nas actualizações salariais».

Não menos lamentável é ainda o facto, apesar dos salários nem sequer acompanharem o custo de vida, de estarem a subir de tom as críticas ao que o grande patronato e certos responsáveis de entidades oficiais consideram ser os «aumentos salariais excessivos». Trata-se, neste caso, de uma afirmação absurda que não tem qualquer correspondência com a realidade, porquanto, como demonstra a CGTP-IN, os salários não só não estão a acompanhar a inflação como também não estão a acompa-

nhar a produtividade. É que a produtividade horária (que constitui uma medida mais rigorosa que a produtividade por pessoa), sublinha, cresceu 3,1 por cento entre 1995 e 2000.

Contenção salarial

Só a «pressão para a contenção salarial», ainda segundo a Central, pode explicar, pois, a «forte desinformação que tem existido sobre a produtividade». E recorda a propósito que a variação da produtividade, que tem vindo a crescer num valor tendencial de três por cento, «não deve ser confundida com o nível de produtividade».

Sendo de facto baixo o nível de produtividade, como aliás reconhece a CGTP-IN, o que importa sublinhar é que as razões para este facto não estão nos salários, como há quem pretenda fazer crer, mas sim na especialização produtiva, na baixa qualificação, no fraco grau de formação assegurado pelas empresas, nas deficiências organizacionais destas, no grau de ineficiência do Estado.

É por isso completamente irrealista pensar que baixando os salários (ou prolongando os horários) se aumenta a produtividade, adverte a Central dos trabalhadores portugueses. «Pelo contrário – observa –, um baixo nível de salários estimula especializações produtivas com produtos com uma baixa riqueza

incorporada, estimula serviços de má qualidade, desmotiva os trabalhadores e desincentiva organizações do trabalho mais eficientes nas empresas.»

Factores inflacionistas

A CGTP-IN não aceita, por outro lado, que se possa imputar aos salários qualquer responsabilidade pela aceleração da inflação a que se tem assistido nos dois últimos anos. Isto porque, esclarece, essa aceleração tem sido devida sobretudo a factores como o aumento do preço do petróleo, às crises alimentares (vide caso da BSE) que provocaram um forte aumento de produtos substitutivos, às más condições climatéricas e ao aumento dos preços de produtos importados.

A «pressão inflacionista» decorrente da introdução física do euro em Janeiro de 2002, constitui outro aspecto para o qual a CGTP-IN chama a atenção. Acompanhando com preocupação esta situação, lembra, a propósito, os reajustamentos de preços que algumas empresas estão desde já a proceder, introduzindo arredondamentos que penalizam os consumidores. Daí o apelo a um «grande esforço de informação» e a uma intervenção mais atenta e eficaz da Inspeção Geral das Actividades Económicas sobre a evolução do custo dos bens e serviços.

Inquérito à Fundação de Armando Vara

PS tenta esconder a verdade

O PS inviabilizou a aprovação das conclusões formais a que chegou a comissão de inquérito parlamentar ao caso da Fundação de Armando Vara. Esse era claramente cedo se percebeu – o objectivo visado pelos deputados socialistas. Conseguiram-no. «Mas o que não podem é apagar as actas», como salientou em declarações ao Avante o deputado comunista António Filipe, «nem podem impedir que a opinião pública tire as suas próprias conclusões e apure responsabilidades políticas».

Tudo se passou segunda-feira, no Parlamento, na última reunião da comissão de inquérito, seis meses depois de esta ter iniciado os seus trabalhos ao caso da Fundação para Prevenção e Segurança.

Em causa estava a votação do relatório da comissão parlamentar que, ao contrário do que é habitual, não vinha redigido por um relator. Tinha este a particularidade de estar dividido por partes, cada uma delas subscrita por um deputado diferente. Esta fora a solução encontrada para sair do impasse motivado pela

falta entendimento entre o PS e os partidos da oposição quanto ao nome do relator.

A inviabilização do relatório começou a desenhar-se quando os deputados do PS chumbaram uma das cinco partes essenciais em que o mesmo fora dividido. Considerado um trecho fundamental do documento, a sua inviabilização foi vista como uma amputação do mesmo. E assim o PS abriu caminho ao chumbo total do relatório.

Mas o que não altera – e esta é de facto a questão política de fundo – nenhum dos factos

apurados pela comissão de inquérito parlamentar. Esses, segundo António Filipe, foram claros: «tratou-se, através da FPS, de criar um expediente que permitisse a uma entidade supostamente privada, criada por pessoas da confiança pessoal e política do secretário de Estado Armando Vara, beneficiar de centenas de milhares de contos de dinheiros públicos e aplicá-los fora do controlo que é devido legalmente sempre que se trata da utilização de dinheiro dos contribuintes».

Houve assim neste processo gravíssimas violações da lei, aliás reconhecidas pelo Tribunal Constitucional e pela Inspeção Geral da Administração do Território, que a comissão de inquérito pôde comprovar.

Carvalhas no Cercal

O Secretário-Geral do PCP estará presente no próximo sábado, dia 25, às 13.00 horas, num almoço-convívio da CDU que decorrerá no salão dos Bombeiros Voluntários, em Cercal do Alentejo.

No decorrer do almoço será feita a apresentação pública

dos primeiros 14 candidatos da CDU à Assembleia Municipal de Santiago do Cacém, dos primeiros sete candidatos à Câmara Municipal e de todos os cabeças de lista às onze freguesias do concelho.

Entre as 15.30 e as 17.30 horas, Carlos Carvalhas visi-

tará a Ilha do Pessegueiro, importante património natural do litoral alentejano. A viagem decorrerá na traineira *Célia Maria*, com partida do Porto de Pesca de Sines.

Pelas 18.00 horas o dirigente comunista visita a Feira de Grândola.

